

The Project Gutenberg eBook of O Regicida

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: O Regicida

Author: Camilo Castelo Branco

Release date: July 9, 2008 [eBook #26017]
Most recently updated: January 3, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net> (This book was produced from scanned images of public domain material from the Google Print project.)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O REGICIDA ***

ROMANCES NACIONAES

ROMANCES NACIONAES

O REGICIDA

ROMANCE HISTORICO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA E COMP.^a

68—Praça de D. Pedro—68

1874

A

FRANCISCO MARTINS DE GOUVÊA MORAES SARMENTO

OFFERECER

o seu amigo mais devedor e agradecido

Camillo Castello Branco.

ADVERTENCIA

A urdidura d'este romance, que afoitamente denominamos *historico*, deu-no'l-a um manuscripto, que pertenceu á livraria do secretario de estado Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas.

O collecter d'estes apontamentos, que a historia impressa, respeitando as conveniencias, omittiu, foi contemporaneo dos successos que archivou, pois escrevia em 1648.

De lavra nossa, n'este romance, ha apenas os episodios, que me sahiram ajustados e congruentes com os traços essenciaes da narrativa.

O REGICIDA

I

Antonio Leite, casado com Maria Pereira, e morador na villa de Guimarães, em 1634, era o cuteleiro de maior voga em Portugal.

N'aquelle anno, tinham um filho, de nome Domingos, com dezesete annos de idade.

Quizera o pai ensinar-lhe a arte, que lhe dera fama e dinheiro. A mãe desejava que o rapaz fosse frade, consoante á vontade de seu irmão fr. Gaspar de Sancta Thereza, leitor apostolico de moral no convento de S. Francisco de Lisboa.

Ora o rapaz não queria ser frade nem cuteleiro: aspirava ardentemente um officio mais prestadio ao genero humano infermiço: queria ser boticario.

Era esperto o moço, não só porque appetecia ser boticario; mas porque realmente era agudo de intendimento, ladino, sedento de saber tudo e propenso a correr mundo, tendencia, na verdade, incompativel com a quietação da almejada botica.

Aos quinze annos, Domingos sabia latim, cursava philosophia de Aristoteles com um insigne mestre da ordem franciscana, e lia os cartapacios pharmaceuticos do frade boticario do mesmo convento.

Participou Maria a seu irmão fr. Gaspar a inclinação do filho. Respondeu o prudentissimo tio que lhe não torcessem a vocação, por quanto em todos os misteres podia um bom christão servir o proximo e ganhar o ceo. E, em prova do seu applauso, mandou ir o sobrinho para Lisboa, afim de lhe arranjar mestre que o exercitasse e approvasse.

Foi Domingos Leite para a capital, e entrou como praticante na botica do Hospital Real, sob direcção de Estevão de Lima, o primeiro mestre de pharmacia entre os quarenta e trez boticarios de Lisboa.

Ao cabo do primeiro anno, o professor não tinha que lhe ensinar. Domingos intendia e aviava as receitas com rara destreza. A estatística mortuaria, se não tinha diminuido, também não tinha augmentado. Todavia, o habil praticante mostrava-se descontente d'aquelle genero de vida, e de si comsigo resolvera encarrear-se para outro destino mais adquado a umas vaidades do mundo que lhe estonteavam a cabeça de mistura com o cheiro nauseativo das drogas moídas no gral.

Frequentava a famosa botica Luiz das Povoas, provedor da alfandega, que se comprazia de conversar com Domingos Leite em coisas de lettras, mormente poetas latinos. O rapaz revelou ao provedor o seu desgosto da botica, e rogou-lhe que o empregasse na alfandega. Vê-se que já em 1636 os bons talentos portuguezes, as aguias do genio, pairavam sobre as prêas alfandegueiras, como hoje em dia succede com tanto litterato que prefere á gloria de rimar ao ar livre a athmosphera aziuada dos armazens, e o fartum engulhoso da matullagem.

De feito, Luiz das Povoas accedeu á petição de Domingos Leite, nomeando-o escrivão das «Fructas» com 40:000 reis annuaes de ordenado.

Volvido um anno, o escrivão das fructas confessou ao provedor que a sua vocação definida não era bem a alfandega; que semelhante vida lhe desagradava por monotona; que o seu espirito precisava de repasto mais poetico; em fim, que se sentia alli embrutecer com trabalhos em que a intelligencia andava grávida de cifras e cifrões, coisas indigestas para quem scismava em trechos de Virgilio ou estancias de Camões, quando a penna alinhavava a um tendeiro da rua de Quebra-Costas a conta dos direitos da alfarroba ou do cacáo.

—Que queres tu ser então, Domingos Leite?—perguntou-lhe o bom amigo.

—Estou gostando arrebatadamente da muzica, desde que vossa mercê me levou ás festas da capella real. Se eu pudesse arranjar o emprego de môço da capella...

—Achas isso bom? Poucas ambições tens, rapaz!

—O que mais me encanta é o viver com os meus poetas, e ter alli á mão as delicias da musica. O ordenado é pequeno; mas setenta cruzados chegam e sobram. Lá ao diante, se eu grangear cabedal de saber para dar a lume algumas ideias que me cá refervem nos miólos, então darei gloria ao meu nome. Quanto a bens de fortuna, lá está meu pai na officina a ganhar-me o patrimonio. Sou filho unico, e com pouco heide ir onde vão os grandes.

—Olha tu que os grandes não começaram por môços da capella real...

—Bem sei; mas eu, quando desprender as azas, voarei do zimbório da capella, e irei poisar nas grimpas dos palacios.

—Vê lá se te aguentas no vôo, meu Icaro!—redarguiu o provedor—Cuidado comtigo que não tenhas de voltar á botica a manipular aquella herba bicha e o pastel de carne de gato com que me curaste das almorreimas...

—Não tenha medo, sr. Luiz das Povoas. Os homens da minha tempera tem fados esquisitos! Eu, ás vezes, sinto uns deslumbramentos que me cegam! Se eu não fosse filho de meu pai cuteleiro, e pudesse desconfiar da honestidade de minha mãe, havia de crer que o meu sangue girou já nas veias dos duques de Guimarães!

—Serás tu filho do real Encoberto D. Sebastião que se espera? Toma tento, Domingos, que não te fermente no miólo a parvoice do rei da Ericeira ou do rei de Penamacor, ou do pasteleiro do Escorial...—volveu casquinando o provedor da alfandega—Vê lá se contendes com o sr. D. João, duque de Bragança, a ver qual dos dois é o Encoberto das profecias do Preto ou do Caldeirão, astrologo de Cascaes!... Emfim, rapaz dos meus peccados, eu fallarei ao sr. Miguel de Vasconcellos, e tu serás nomeado môço da capella real com setenta cruzados; e, depois, quando te sentires com voadoiros de servir, ála-te do zimbório da capella; mas guarda-te de avoares com azas de páo dadas por algum cioso dos que seguem as damas da princeza Margarida a ouvir as antigas cançonetas do Guerreiro, os motetes do duque de Bragança, e os tonadilhos de Diogo de Alvarado. (*Nota 1.*⁹) Ora queira Deus!... És bem apessoado; tens-me uns requebros de poeta galan; lêes muito pelo livro das *Saudades* de Bernardim Ribeiro, que os moços do monte de el-rei D. Manuel mataram a tiro na Rua Nova. (*Nota 2.*⁹) Não vás tu pensar que o amor dá azas, e que o tracto com as Camenas te habilita a ser ruysenhor do paço!...

—A boa fortuna—replicou enfaticamente o moço—hade dar-m'a o engenho e a arte...

—*Se a tanto me ajudar*, disse o Camões, e a nada o ajudou, nem sequer a envisgar de raiz o coração d'aquella dama da rainha D. Catharina!.. Chamavam-lhe a Bocca-negra da alcunha da mãe; mas meu pai, que a viu no mesmo dia em que o poeta a encontrou na igreja das Chagas, n'uma sexta feira da Paixão, em 20 de abril de 1542, disse-me que a menina era tão esbelta como trêda. Que farte a cantou o poeta com diversos nomes; até que ella, norteando o coração a mais substanciosos amores, tractou cazamento com outro e finou-se antes de realizar o intento. Á conta d'esta ingrata quatro vezes foi desterrado o nosso Homero. Primeiro, de Coimbra, onde estava a corte, para Lisboa. Veio a corte para Lisboa, desterraram-no para Santarem; depois para Africa, e por derradeiro para a India, d'onde voltou á mercê d'alguns passageiros. (*Nota 3.*⁹)

Não são de mais estes exemplos referidos a um galan de Guimarães que vai implumar as azas

debaixo dos tectos reaes da vice-rainha duqueza de Mantua para depois voar...

—Sei todas essas historias, sr. provedor—atallhou Domingos Leite.—E sei outras muitas de egual moralidade, como a do poeta Jorge da Silva, que expiou os seus amores a uma irmã de D. João III; e tambem sei que D. João da Silva, por malogrado amor á imperatriz Leonor, filha de D. Affonso V, se fez frade franciscano, chamou-se o Beato Amadeu, e disciplinou as rebeldes carnes, lembrando-se sempre do paço como S. Jeronimo se lembrava das virgens de Roma nos areaes do Mar Morto. Não ignoro que D. Affonso V mandou degolar um Duarte de Souza que visitava fóra de horas uma das suas criadas. Sei, finalmente, o que custam sereyas da côrte, desde que D. João I mandou queimar no Rocio o seu camareiro Fernando Affonso, por que uma dama da rainha se queimára nas chammas do gentil galan... Sei tudo o que diz ao intento das reflexões de vossa mercê; mas eu já lhe declarei que vou attrahido á capella real pela musica á imitação do penhasco arrastado por Orpheu; depois, irei, como Cezar, *Quó Deus impulerit*. De damarias não curo, nem por mulheres vai longe quem lhes procura a fortuna no regaço. Não me deu Deus geitos de pagem, nem de nãmorado de arrabil. Sou de Guimarães, onde os corações tem mais aço que flores. Tudo que ali nasce parece sahir da forja onde se fazem as rijas laminas das facas de matto e das alabardas.

II

A residencia no paço da Ribeira facilitou ao moço da capella relacionar-se com fidalgos que o estremaram da turba da criadagem.

O capellão-mór D. João da Silva, irmão do marquez de Gouveia, agradecido ao rei intruso que, em 1625, dera a seu irmão Manrique, conde de Portalegre, a coroa de marquez, ajoelhava nos estrados da vice-rainha, como outros muitos portuguezes que, volvidos quatro annos, a ameaçaram de ser despejada á rua sobre o cadaver de Miguel de Vasconcellos (*Nota 4.ª*)

Este D. João da Silva corria com os negocios da grande caza de seu irmão, e sentia-se escasso de ideas e até de orthographia para dignamente fazer a correspondencia. Outros fidalgos lhe gabaram a esperteza de Domingos Leite, incitando-o a estipendial-o como secretario.

Convidado para o serviço da casa do capellão-mór, o moço da capella, perscrutando ao longe, na escrevaninha de D. João da Silva, uma aberta, para elevadas regiões, aceitou o encargo com dobrado salario, e sahiu do paço com fastio á musica do Alvarado e aos vilhancicos do Guerreiro com que na noite do Natal lhe gelaram a piedade na alma e nos ouvidos.

Logo que poz mão no archivo da casa de seu amo, assignalou-se a actividade intelligente do secretario.

Ganhando a confiança de D. João e tambem a do marquez, entrou no segredo de certos actos clandestinos da politica, e por ahi lhe alvoreceram esperanças de entrar em carreira mais frizante com a sua vocação, que elle ainda não sabia punctualmente qual fosse.

Com quanto os Silvas da casa de Portalegre ou Gouvêa não sejam nomeados entre os principaes fautores da conjuração heroica a favor do duque bragantino, é averiguado que o marquez de Gouvêa e seus irmãos assentiram á sublevação de 1640; d'outro modo D. João IV não nomearia seu mordomo-mór o marquez que recebêra o titulo da chancellia de Filippe III, cujo mordomo-mór fôra tambem.¹

Em caza do aulico da vice-rainha conversava-se, planeavam-se alvitres ácerca da restauração, e não havia reservas na presença de Domingos Leite, abonado por seus amos e pelo entusiasmo dos seus dizeres conceituosos em annos tão juvenis. Os douctores João Pinto Ribeiro e João Sanches de Baêna que, para assim dizer, foram o cerebro, o pensamento do gigante que estendeu braços de ferro no 1.º de dezembro, tinham justificado a confiança dos fidalgos, dignando-se approvar a admissão de Domingos Leite Pereira ás reuniões da gente media, afim de a ir educando e predispondo com argumentos patrioticos, mui eloquentemente discursados.

E o ensejo veio bem de molde á explosão das iras de um portuguez palavroso. N'aquelle anno de 1637 era o povo esmagado com tributos; e a nobreza, menos ferida nas suas rendas, olhava de esconso para a desgraça das classes mechanicas, e de fito para os seus proprios interesses. Não obstante, alguns fidalgos sob-capa incitavam ao longe os motins. Nos tumultos de Evora, houve precedencia de conciliabulos em que dois homens da cidade e um estranho e desconhecido das turbas oraram de feição a irritar a rebeldia ás execuções tributarias do corregedor André de Moraes Sarmiento.

Os sediciosos eborenses eram Sezinando Rodrigues e João Barradas; e o de fóra era o quasi imberbe Domingos Leite Pereira, que depois de haver pedido na praça a cabeça do corregedor, e rompido os diques á onda popular contra o arcebispo e outros fidalgos que sahiram de cruz alçada a socegar os amotinados, appareceu orando ás turbas preceitos de prudencia e respeito ao

ancião conde de Basto.

Vê-se que a vocação do rapaz, afinal, era a politica.

Em 1638 morreu D. João da Silva. Logo o marquez de Gouvêa chamou aos segredos da sua escrevaninha Domingos Leite, exonerando-o dos encargos impertinentes da administração da caza, e investindo-o de occupação mais condigna. Os seus trabalhos meditados e escriptos eram relativos á republica, já trasladando papeis mysteriosos que se trocavam entre Portugal e Castella, já discorrendo de lavra propria declamações contra o usurpador, as quaes eram lidas com um sorriso de complacencia por João Pinto Ribeiro, e repetidas com enfaze pelo padre Nicolau da Maya aos lagrimosos burguezes da caza dos «Vinte-e-quatro.»

A importancia do filho do cutedeiro crescia á medida que o perigoso levantamento da nação calcada se avisinhava da destemida audacia de muitos e da receiosa prudencia de alguns. Domingos Leite aliáva á energia intellectual a impavidez nas mensagens arriscadas. Uma noite se offerecêra elle para entrar ao segundo andar do paço da Ribeira cujos corredores conhecia, e apunhalar na sua propria camara Miguel de Vasconcellos. Galardoaram-lhe com louvores o romano intento; mas dispensaram-no de antecipar o sacrificio de uma vida, que poderia abrir a sepultura de muitas vidas preciosas. Aceitaram-lhe, todavia, a melindrosa missão de ir a Madrid prevenir alguns fidalgos affectos á restauração, já quando Miguel de Vasconcellos, desde os tumultos de Evora, o trazia espiado como suspeito de ser o ardente caudilho dos amotinados a casa do corregedor Moraes Sarmento.

N'esta commissão associou-se Domingos Leite a um Roque da Cunha, homem passante dos 40 annos, que elle havia conhecido nas assemblêas populares do padre Nicolau da Maya, ardente impulsor do resgate do reino.

Roque vivia mysteriosamente e apenas sabia o nome de sua mãe, uma D. Vicencia, de quem ao diante se fará menção.

Era temido como valente, e conceituado como perverso; mas ninguem o excedia em vehemencia de applausos, quando Domingos Leite proclamava ácerca da independencia da patria.

A vaidade do orador transpoz os obstaculos erguidos pela má fama do seu enthusiastico ouvinte, e foi procurar um amigo em Roque da Cunha. Travaram-se de intima estima, a ponto de lhe abrir o cofre dos seus segredos o homem, cujos haveres procediam de fonte desconhecida e forçosamente impura.

Entre diversas aventuras referiu o arrebatado patriota que os seus bens eram a paga de uma boa acção; porém mesquinha paga; pois que se elle podesse contal-a em dias de liberdade para a patria, os portuguezes deveriam ladrilhar-lhe de ouro as ruas por onde passasse. Expendido o caso, depois de o exordiar com o enfaze de um Sc $\frac{1}{2}$ vola, disse que fôra elle quem matára com um tiro de pistola Pedro Barbosa de Luna, desembargador da casa da supplicação, pai de Miguel de Vasconcellos. Deste homicidio havia elle cobrado alguns mil cruzados: e, posto que o mandante fôsse um opulento mercador que assim vingava a justiça de um pleito postergada pelo desembargador, Roque da Cunha recebêra os tantos mil cruzados com os olhos postos na patria captiva. (*Nota 5.^a*)

Este feito, com outros significativos de esforço e destemor, captaram a indole de Domingos Leite propensa á admiração da bravura que em Roque da Cunha era realçada por intendimento e graça no desplante com que assoalhava os vicios ao seu unico amigo.

Tal era o companheiro escolhido nas mensagens arriscadas de Evora e de Madrid. E tanto Domingos Leite encareceu depois os serviços do amigo, na volta a Portugal, que vingou leval-o comsigo a Villa Viçosa, e apresental-o ao duque, no acto de lhe entregar cartas dos fidalgos com a noticia dos planos discutidos no palacio dos Almadás.

III

O que o leitor sabe sobejamente da historia seria impertinencia repetir-lh'o no romance.

A revolução de 1640 é tão fallada, desde a escola de instrucção primaria até ás festividades rhetoricas de cada 1.^o de dezembro, que a pessoa intelligente em cuja mão este livrinho tem o prestimo de a livrar de ler outro peor, me está pedindo que dê vivas á independencia nacional e passe ávante.

Seja assim, para agradar a V. Ex.^a e não defraudar historiadores que não tem, quando historiam, analogia consideração com os novellistas.

O duque de Bragança era já D. João IV; e Domingos Leite Pereira, desde Janeiro de 1641, era

escrivão da correição do cível da corte, logar que rendia para mais de trezentos mil reis—quantia valiosissima n'aquelle tempo. Além d'isso fôra-lhe facultado arrendar o officio e continuar exercendo o posto de secretario do marquez de Gouvêa, mordomo-mór de el-rei, e do seu conselho de estado e despacho. O marquez, indo semanalmente á côrte, levava comsigo no coche o seu secretario: e bem que o deixasse na sala da espera, algumas vezes o rei admittiu ao gabinete de despacho o diserto moço folgando de o ouvir remedar alguns bassos e tiples da capella real da princeza Margarida. É notorio que D. João IV foi muito caroavel de musica; e, sendo analphabeto em quasi tudo, publicou em 1649 uma *Defesa da musica* em lingua castelhana, para dar bom exemplo de patriotismo aos escriptores coevos. (*Nota 6.ª*) Concorriam em Domingos Leite Pereira predicados bastantes a distinguirem-no. As meninas cazadoiras viam o rapaz de vinte trez annos, esbelto, valoroso, bemquisto dos fidalgos, estimado de el-rei. Os paes d'estas meninas viam o escrivão da correição do cível, o secretario do conselheiro de estado, o mancebo fadado para coisas grandes.

Nem sequer uma leve mancha de judeu, mulato, ou mouro na candidez de tantos meritos! nem fama publica de vicios, em epoca tão eivada da corrupção da mocidade! Bastava a honrar-lhe os creditos de bom christão ser elle sobrinho de fr. Gaspar de Sancta Thereza, já prior de franciscanos, e tão bom patriota que havia sido elle o primeiro que déra a ideia de despregar o braço de Jezus crucificado afim de persuadir ao povo revolto no 1.º de dezembro que a imagem do Redemptor desencravára a mão da haste da cruz para abençoar o povo que lhe estendia os devotos braços banhados de sangue!

O manuscripto que vai architectando este livro, ao entrar no periodo amoroso de Domingos Leite, diz singelamente: «sahiram-lhe muitos cazamentos.» E, nomeando algumas noivas de nascimento illustre, repára e nota que o escrivão do cível se esquivasse a aparentar-se com familias primaciaes regeitando a neta de um bispo do Funchal, que era muito parenta da casa de Bragança e descendente de reis. (*Nota 7.ª*)

Passava então por ser uma das mais lindas mulheres da classe media, em Lisboa, Maria Isabel, filha de um ricasso da rua dos Tanoeiros, João Bernardes, de alcunha o *Traga-malhas*. Aos quinze annos era a moça tão tentadora, os fidalgos tão tentadiços, e a honra das familias tão menosprezada, que a mãe de Maria Izabel fez voto ao sancto Antonio de fr. Bartholomeu dos Martyres accender-lhe luz toda a noute para que lhe vigiasse a filha emquanto ella fosse solteira: tamanha era a falta de illuminação e policia na rua dos Tanoeiros em 1639! (*Nota 8.ª*)

Como era filha unica e seus pais contavam bons vinte mil cruzados em moeda, Maria teve mestre de escripta em casa—um padre de boa fama, do qual ao diante daremos ampla e funesta noticia. Formosa, rica e esclarecida, por consequencia um optimo cazamento para filho segundo de caza illustre, e o mais que podia ambicionar Domingos Leite.

Foi o tio fr. Gaspar quem lhe fallou o cazamento, por ser muito da familia Traga-malhas, e director espiritual da mãe da noiva.

Maria, ao principio, balbuciava respostas evasivas a respeito de cazar-se; porém, quando viu Domingos Leite, e o ouviu dizer-lhe umas palavras tão candidas que mais o pareciam pelo que o rosto respiráva de amorosa brandura, decidiu-se apaixonadamente.

No entretanto, quando tudo era alegria na familia, Maria Isabel escondia-se a chorar, e fazia promessas valiosas ao sancto Antonio do sabido nicho em troca de um milagre de costa acima. Lá ao diante, formará o leitor conceito da natureza do milagre solicitado, e então verá que tal era elle que o sancto, se o não fez, foi por que realmente não pôde.

O escrivão do cível da corte recebeu os emboras dos amigos mais ou menos invejosos, quando annunciou o seu noivado com a filha do Traga-malhas; e redobrou a inveja das congratulações ao saber-se que o rico tanoeiro dotára a filha com dez mil cruzados. Ora para aproximadamente computarmos o valor de dez mil cruzados n'aquelle anno de 1642, basta saber-se que, no anno anterior, o mais opulento negociante de Lisboa, Pedro de Baeça, thesoureiro da alfandega, condemnado á morte em supplicios atrozes, como cumplice na conjuração de alguns fidalgos contra D. João IV, offereceu em troca da vida a enorme quantia de trinta mil cruzados!

Domingos Leite Pereira foi presenteado com rica baixela de prata pelo rei, quando alfaiava a sua casa no sitio chamado o Salvador. O marquez de Gouvêa assistiu como padrinho do cazamento, e o prelado franciscano deu a benção nupcial aos conjuges, e uma preciosa gargantilha de diamantes á esposada, por ordem de sua irmã, e de seu cunhado, pais do desposado.

Principiou na alcôva conjugal, quando os anjos do amor e da ventura deviam vedar os umbraes d'ella á tristeza e á desgraça, uma secretissima lucta de desconfiança e lagrimas, de invectivas affrontosas e juramentos de mãos erguidas. Quem diria que, áquella hora alta da noite, uma formosa mulher, com as tranças desatadas em serpentes pelas espadas convulsas, ajoelhava aos pés do marido, e, lavada em lagrimas, soluçava:

—Eu te juro que nunca amei outro homem! Não intendo as perguntas que me fazes! Fui creada no regaço de minha mãe! Nunca sahi de casa senão para a igreja, e sempre com minha mãe! Os homens que para mim olhavam uma vez não me tornavam a ver... Não me perguntes se amei alguém n'este mundo, que mettes a tua alma no inferno, e me dás vontade de me ir afogar no

Tejo com a minha vergonha!..

Já se vai vendo que o padre Sancto Antonio do nicho assistia de longe e neutral a este lance.

A luz do dia seguinte não alvorejou na alma entenebrecida de Domingos Leite Pereira. Apenas rompeu a manhã, o noivo sahi do thalamo como de um cavalete de tractos, e foi em direitura procurar o seu antigo mestre de pharmacia Estevão de Lima. Admittido á escrevaninha do matutino boticario do Hospital real, revelou no rosto livido o febril aneio de intender as anomalias possiveis na estructura do corpo humano. Disse elle ao sabio em poucas e tartamudas palavras a ignorancia que o atormentava.

Estevão de Lima ouviu-o cabeceando, baixou os oculos da testa sobre o promontorio do nariz, ergueu-se silencioso, abeirou-se das altas estantes dos seus livros, e tirou as seguintes obras de medicina, que ia sacudindo da poeira, e atirando para sobre a banca: Amatus Lusitanus (ou João Rodrigues de Castello Branco) Abraham Nehemias, Thomaz Rodrigues da Veiga, Antonio Luiz, João Valverde, Garcia Lopes, Averroes, Affonso Rodrigues de Guevara.

Quando desempeoava o ultimo, affirmou o douto boticario:

—Este physico é chavão na materia, se bem me recordo.

E, percorrendo a lista alphabetica das coisas notaveis, poz o dedo infallivel na questão subjeita, e disse ao offegante interlocutor:

—Veja isso a paginas 488, columna 1.^a

O contheudo da columna 1.^a da pagina 488 da obra admiravel, chamada *De re anatomica*, não se reproduz, em respeito ás damas que se dispensam de saber anatomia, apezar da senhora Deraisme, certa adversaria conspicua de Dumas, para a qual o saber sciencias da organisação humana é coisa util ás damas maridadas.

Qualquer que fosse, porém, o contexto da pagina consoladora, é certo que na face de Domingos Leite transpareceu a claridade da interior alegria, e tanto era o desafogo, e desoppresso o respirar do moço, que se abraçou no seu antigo mestre, exclamando:

—Vossa mercê apagou-me o inferno da alma, e tirou-me da mão o ferro uxoricida!

—Ó mentecapto!—volveu Estevão de Lima—Quem querias tu matar?!

—Ella que me infamára aos olhos do homem que m'a atirou aos braços com uma gargalhada!

—Sobre infamado, matador!—acudiu Estevão—Ruim philosopho és, Domingos Leite! Se o meu auctor Guevara te não defendesse a esposa com o escudo da phisica, ainda assim deveras christã e honradamente desligar de ti a mulher indigna, e salvar tua honra interpondo o juizo do mundo como juiz na tua causa. A sentenciada seria ella; e tu, se fosses lastimado, não perderias com isso o direito á veneração dos homens de bem.

—Excellentes rasões...—atalhou Domingos Leite;—mas, sr. Estevão, se eu um dia fôr enganado, não me dê essas nem outras melhores, que eu não lh'as escutarei...

Discorreram sobre o assumpto breve espaço, porque Domingos Leite anciava reconciliar-se com a esposa, pedir-lhe perdão da injuria, indemnisa-la das perguntas ultrajantes com affagos de noivo apaixonado e repêzo da injustiça.

Maravilhou-se Maria Isabel, quando o esposo entrou alegre, e a surpreendeu enfardelando nos bahús os seus vestidos.

—Que fazes?!—perguntou elle já de má sombra.

—Arranjava a minha roupa...

—Com que intento?

—De me voltar a caza de meu pai.

—Fugindo?

—Fugindo, não; livrando-te da mulher innocente que tu cobriste de affrontamentos.

Demudou-se-lhe o semblante em ares supplicantes, e dobraram-se-lhe os joelhos aos pés da esposa illibada pela pagina 488, columna 1.^a, do livro *De re anatomica* do physico thaumathurgo Affonso Rodrigues de Guevára.

—Perdoas-me?—balbuciu Domingos Leite, ungiendo-lhe a cara de lagrimas.

E ella, que ainda tinha pudor na consciencia, sentiu embargar-se-lhe na garganta a palavra que perdoava, e ajoelhou tambem apertando-o freneticamente ao coração.

Amaram-se em redobro desde aquelle momento: elle porque offendera uma innocente; ella...

porque o sancto Antoninho do nicho lhe fizera afinal o milagre. «E, se não era milagre, diria ella comsigo, onde foi meu marido desfazer as suas suspeitas? quem o despersuadiu?»

Nós é que sabemos como foi.

IV

Em alegre paz derivaram dois annos.

Ao fim do primeiro, deu ao amor de seu marido Maria Isabel uma menina.

Pouco depois, duplicou-se a riqueza do casal com o falecimento do Traga-Malhas, e a entrada da viuva n'um Recolhimento da Terceira ordem de S. Francisco.

Não obstante, a felicidade do antigo aprendiz de boticario era dardejada pela inveja disfarçada no epigramma.

Quando Maria Isabel apparecia nas festividades de igreja, egualando-se nas pompas ás mais ricas fidalgas, rumorejavam-se facecias que eram victoriadas com frouxos de riso.

A corrupção da epoca vestia-se de gala nas mulheres, Maria Isabel, porque sabia que as fidalgas a remoqueavam, de dia para dia dava novo pasto á satyra. Arrastava saias golpeadas de mosqueta; corpetes recamados de ouro; chapins estrellados de prata e perolas; fraldelins agrinaldados de rubis. Sahia em liteira sua, das mais adamascadas e pintadas, com lacaios bizarramente vestidos.

E, por sobre tudo isto, realçava como engodo ao despeito aquella esplendorosa beldade de Maria Isabel, a quem as senhoras dos palacios, arruinados como a honra propria, chamavam a *Traga-malhas tanoeira*.

N'este em meio, Domingos Leite Pereira, advertido pelo marquez de Gouveia que possesse côbro ao luxo da mulher, respondeu que era bastantemente rico...

—E bastantemente inepto, sr. Leite—acudiu o mordomo-mór—Quando um marido assim arreia sua mulher para a exhibir nos adros das igrejas, os outros podem suspeitar que elle a veste, á guiza de moira da procissão, para a mostrar bem adubada e apetitosa á cupidez dos outros.

—Se o sr. marquez pensasse como esses vilões que assim pensam, eu sahiria da sua casa, com a magua de o não poder reptar ao baixo ponto em que está a honra dos plebeus—replicou Domingos Leite com altivez.

—Eu não penso assim—obviou o fidalgo—mas sei como os outros pensam.

—Quem são os outros? diz-m'o V. Ex.^a?

—Não denuncio, sr. Leite; advirto-o e mais nada. Vossa mercê conhece os livros; mas desconhece os homens. Tem grandes espiritos; mas possui imperfeitissima rasão. Guarde isto que lhe digo; e oxalá que eu nunca lh'o recorde.

—Sr. marquez!—volveu o secretario com vehemente arrebatamento—se minha mulher não é a honesta esposa que eu creio, diga-m'o; peço a V. Ex.^a pela sorte de suas filhas!

—Nada sei...—balbuciu o marquez, refreando a perturbação.

—V. Ex.^a está indeciso!—sobreveio Domingos Leite agitadoissimo.

—Não seja louco!—objectou o velho, refazendo-se de apparente serenidade—Nada sei de sua mulher que o desdoure.

E, rematando o dialogo, o mordomo-mór disse que el-rei o esperava para o despacho.

Esta acerba palestra instillou peçonha no coração de Domingos Leite.

Havia um só homem e esse o mais indigno de todos com quem o marido de Maria Isabel desafogava a plenos pulmões: era Roque da Cunha, que, ao tempo, exercia um officio dos mais grados entre os aguasis de uma das corregedorias criminaes da corte, em recompensa de haver testemunhado em 1641 contra o general Mathias de Albuquerque, por industria e compra dos inimigos d'aquelle insigne cabo de guerra. E, bem que Mathias de Albuquerque provasse sua innocencia, D. João IV, tão presador dos denunciantes como dos bons e fieis generaes, não retirou a Roque da Cunha a paga da aleivosia. Parece que antevira a urgente necessidade d'aquelle homem...

Abriu sua alma Domingos Leite ao assassino de Pedro Barbosa, referindo-lhe o que passara com o marquez de Gouvêa, e terminando por lhe perguntar se ouvira qualquer calúnia contra a honestidade de sua mulher.

—Ouvi, respondeu friamente Roque.

—O que?! acudiu o outro sobresaltado e livido.

—Ouvi que antes de ser tua mulher tivera outros amores.

—Com quem? bradou arquejante Domingos Leite.

—Não perguntei. O calumniador disse a calúnia, e adormeceu na rua dos Romulares com dois bofetões puxados á sustancia, que lhe dei nos indignos focinhos.

—Nunca m'o disseste...

—Não sou echo de calumniadores, amigo Leite. Encarecer-te a minha amisade com a noticia dos bofetões, seria dar importancia a bagatellas. Se eu estivesse em sitio onde pudesse arrancar-lhe a lingua, mandava-t'a embrulhada em uma folha de alface com a mesma facilidade com que t'o digo.

—Mas conheces esse homem?

—Conheci ha muitos annos: era parente de um official, ou quem quer que fosse de Miguel de Vasconcellos. Não lhe sei o nome, nem o tornei a ver desde ha dois annos. Morreria elle?... Se o matei com o primeiro murro, era escusado pregar-lhe o segundo...

Esta revelação attribulou Domingos Leite por tanta maneira, que Roque da Cunha chacoteava a irracional afflicção do seu amigo, chegando a dizer-lhe brutalmente:

—Homem! se este caso te faz tamanha mozza, parece que estás mais inclinado do que eu a acreditar a calúnia do tal que eu esmurracei! Em fim, tu lá sabes... concluiu faceiramente.

—Deixa-me... Olha que me estás fazendo perder a razão! atalhou o desvairado moço. Vê se me encontras esse homem, Roque! Pede-t'o a minha honra! dou-te por esse homem metade do que tenho! Se o tu não achares, ninguem o achará... Olha que me salvas, se m'o trazes! salvas o teu maior amigo!

—Irei procural-o no inferno, se o não achar cá em cima. Confia nos quadrilheiros de todos os bairros de Lisboa. Saibamos: que queres tu do homem?

—O nome do amante que teve Maria Isabel antes de ser minha mulher.

—Então é coisa averiguada que teve? interpellou despejada, mas rasoavelmente o cynico.

—Perguntas-m'o!... balbuciou Leite Pereira.

—Não t'o pergunto: és tu que m'o dizes, homem! Seja como for. Aparecendo vivo o sujeito, queres interrogal-o, ou fias de mim desembuchar-lhe tudo que elle souber?

—Fio de ti a minha honra, que ha de sahir limpa d'essa prova, ou hei de lavar o ferrete com o sangue de quem.

—Até mais ver, Domingos Leite. Dá-me tres dias e tres noutes. D'aqui até lá não tujas palavra que possa espantar a caça, percebes? Olha que as mulheres tem faro de tres narizes, quando não podem apresentar folha corrida ao almotacé do bairro da virtude.

Nos dias subsequentes, o secretario do marquez de Gouvêa, pretextando extraordinarios trabalhos, apenas pernoitava em casa; e, apesar de esforçada dissimulação, denunciou a Maria Isabel torvado animo e sobresaltos no dormir. Interrogava-o ella amorosamente e com uns abalos de susto. Elle attribuia o seu dessocego a receios da causa da patria, visto que o exercito do Alemtejo soffria numerosas deserções, e perigava á mingua de generaes. No entanto, a esposa decifrara desgraça eminente em umas lagrimas que lhe vira toldar os olhos fitos no rosto angelico da filhinha adormecida. E perguntando-lhe então porque chorava, elle respondera que chorava em nome da creança a desventura de ter nascido.

Devoravam-no entretanto impaciencias de ouvir Roque da Cunha.

Chegou o mensageiro ao escriptorio de Domingos Leite, no palacio do conselheiro de estado, terminado o praso prescripto, e começou dizendo, com solemidade e tristeza, coisas singulares e raras no seu character:

—Achei-o. Morava em Alfama, e tem loja de mercearia.

—Bem! exclamou Leite Pereira com um tregeito de ficticia alegria que poderia igualmente significar a angustia de uma noticia dilacerante.—Que diz elle?

—Vamos de passo. Indaguei primeiro quem tinham sido os officiaes da escrivanhinha de Miguel

de Vasconcellos. Nomearam-m'os todos; e eu, logo que ouvi o nome de um, recordei-me de que o homem em quem eu dera os cachações era parente do tal. Ora este tal, que foi muito da confiança do ministro, conhecia-o eu como as minhas mãos. Fui ter com elle, e sem detença soube que o seu parente era tendeiro. Isto no primeiro dia. No segundo, mandei-o chamar por um quadrilheiro á corregedoria. Carreguei a sêlha, e perguntei-o sobre o que havia dito a respeito da mulher do escrivão do civil, Domingos Leite Pereira, no anno de 1643, na praça dos Romulares. Como elle fingisse estar esquecido, lembrei-lhe os dois murros, e ajudei-lhe a memoria, promettendo-lhe mandal-o para o Limoeiro até se lembrar. Confessou então que, estando em um jantar de annos, onde o vinho sobejava e minguava o juizo, ouvira dizer a um dos do banquete, fallando-se no teu casamento, que elle conhecia um sujeito que, se não tivesse coroa rapada, a Maria Traga-Malhas e os dez mil cruzados não seriam para ti. E que mais? perguntei ao homem que engulira o principal. Não sei mais nada, respondeu elle. Chamei um aguazil e disse-lhe que levasse aquelle esquecido ao Limoeiro, e o trouxesse quando elle tivesse mais miudas lembranças do que ouviu n'um tal jantar. Deixou-se levar, e foi posto no segredo, e prohibido de fallar ou escrever a alguém. Segundo dia. Agora o terceiro, que é hoje. Às duas da tarde pediu que o trouxessem á corregedoria. Recuperara a memoria. O homem que tinha coroa rapada, e se gabava de te disputar a noiva e os dez mil cruzados, era propriamente o primo d'elle, que eu conhecera official de Miguel de Vasconcellos.

—Como se chamava? atalhou Domingos Leite com os olhos abraçados e a respiração a trancos.

—Chamava-se o padre Luiz da Silveira.

—O que?... dize! Luiz da Silveira?! Esse padre foi o mestre de Maria Isabel... Basta!... Disseste tudo...—rugia Domingos Leite, regirando como fera prêza, de um lado a outro da saleta, e tomando o chapêo, apertou as mãos do informador, rugindo-lhe como em segredo:—Se eu precisar de ti, não me desampares... Bem sabes que eu só chamo amigo a quem me matar ou me restituir a honra n'esta horrivel conjuntura. Olha, escuta-me, Roque... Maria Isabel, antes de ser minha mulher, foi... Oh! como é atroz esta certeza!...

E, batendo com os punhos nas fontes, ringia os dentes, e istriavam-se-lhe os olhos de filamentos sanguinosos.

N'este comenos, ouviram-se os passos mesurados do marquez mordomo-mór no salão contiguo. Os dois amigos evadiram-se pressurosos escada abaixo.

V

O padre Luiz da Silveira viera da Alhandra para Lisboa, chamado pela fama de prégador, em 1635, tendo vinte e quatro annos de idade.

A marquezia de Montalvão deu-lhe capellania em sua casa, e accesso á estima dos fidalgos mais parciaes do rei castelhano. Os sermões de padre Luiz degeneravam, pelo ordinario, em arengas politicas em prol da legitimidade dos Filippes, e invectivas ironicas adversas aos sebastianistas. N'aquelle tempo, tanto os esperançados no vencido de Alcacer-kibir, como os imaginativos de rei portuguez, eram chanceados de sebastianistas.

Em casa da marquezia beijara o padre a mão do arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos e Noronha, um dos mais esturrados sustentaculos do dominio hespanhol, e tão execrado dos portuguezes como Miguel de Vasconcellos.

Affeiçãoou-se o arcebispo ao capellão da marquezia, ouvindo-o prégar no anniversario de Filippe IV, de Castella, e de moto proprio lhe offereceu o emprego honroso e lucrativo de official do secretario de Vasconcellos.

N'esta posição, e com promessas de boa prebenda na Sé lisbonense, o sobresaltou a revolução de 1640. Dormia elle ainda o somno do justo, quando o ministro era espostejado no terreiro do Paço da Ribeira. A consciencia remordia-o já com os delictos oratorios, já com os agravos feitos aos seus compatriotas, sob a egide de ministro despota. Escondeu-se, portanto, no palacio do arcebispo de Braga, que os conjurados teriam morto, se rogos de D. Miguel de Almeida o não salvassem, e se D. João IV, receoso do clero e de Roma, lhe não desse parte no governo provisorio, defraudando de tamanha honra fidalgos que jogaram a cabeça, proclamando-o.

O arcebispo, inflexivel á indulgencia do rei, urdiu, travado com outros da sua estofa, a malograda contra-revolução, a fim de reconquistar a graça de Filippe IV.

Carteando-se com o conde-duque de Olivares, confiou a mensagem da correspondencia ao seu commensal, padre Luiz da Silveira, que tres vezes desempenhara destramente a perigosa empreza, disfarçado em almocreve.

Planeada a tentativa dos conjurados, de accordo com a Junta de Madrid, chamada da *Intelligencia secreta*, padre Luiz, ou por que desconfiasse do bom exito, ou por que um leicção de infamia lhe apoiasse na alma, ou—e seria o mais improvavel—porque o patriotismo o esporeasse, resolveu delatar os conspiradores a D. João IV.

Outra versão correu explicando a perfidia do padre. Disseram que elle, a fim de alliciar um antigo parceiro, communicara o segredo da conjuração a Luiz Pereira de Barros, que tambem servira Miguel de Vasconcellos, com grande applauso e confiança do ministro; porém Luiz de Barros, como a esse tempo já fosse contador da fazenda, a revellação do familiar do arcebispo recebeu-a sem entusiasmo, promettendo, todavia, reflectir antes de se alistar nos conjurados. Mas, como quer que o clerigo desconfiasse que Pereira de Barros denunciasses a conspiração, deu-se elle pressa na precedencia da protervia e da paga. Não se illudira, por que D. João IV recebera os dois delatores no mesmo dia, e os enviara conjunctamente ao seu ministro Francisco de Lucena, e este os mandara ao procurador geral da coroa, Thomé Pinheiro da Veiga.

Simultaneamente, novas denuncias asseveraram a do confidente do arcebispo, umas espontaneas, outras arrancadas pela tortura. Dois capitães, Diogo de Brito e Belchior Corrêa de França, postos a tormento, confessaram os nomes dos cumplices; não assim o opulento mercador Pedro de Baeça que, desde o cavalête, em que lhe quebraram os ossos, até o verdugo bamboar-lhe o corpo dependurado, apenas fallou para offerecer trinta mil cruzados pela vida, mostrando até final, como bom mercador, que a vida tambem era mercadoria.

Não podemos attribuir especialmente á delação do clerigo o malôgro da revolta: tão obcecados de medo de Castella tremiam os conspiradores, que não viram o carrasco em casa, nem se arrearam da irreflectida escolha dos cumplices. No entanto, os pormenores da revolução, que devia estalar no dia 5 de agosto de 1641, começando pelo incendio do Paço da Ribeira e assassinio do monarcha, deu-os o padre Luiz, taes quaes os sabia da confidencia plenissima do arcebispo de Braga.

A 28 de julho, a mais selecta porção de conjurados foi aferrolhada em diversos carceres; e a 28 de agosto soffreram decapitação na Praça do Rocio o marquez de Villa Real, o duque de Caminha, o conde de Armamar, e o escriptor D. Agostinho Manuel. Quanto aos outros padecentes, por que eram plebeus, as agonias estiraram-se mais prolongadas, desde o serem cavalleados pelo algoz, e d'ahi, como ignominia aos vilissimos cadaveres, começou a estúpida ferocia de os arrastarem e esquartejarem.

O amigo do padre Luiz morreu nas masmorras de S. Julião da Barra; o bispo de Martyria acabou socegradamente no claustro de S. Vicente; o inquisidor-geral, D. Francisco de Castro, dois annos preso, sahiu perdoado e d'ahi a pouco repostos em todos os cargos e honras, depois de accusar, com a promessa do perdão, as particularidades do plano sedicioso. Este abjecto prelado, que merecera depois a estima de D. João IV, era esbofeteado, passados annos, pelo principe D. Theodosio, que o detestava como denunciante dos seus parceiros de infamia. (*Nota 9.ª*)

O padre Luiz da Silveira, dado que el-rei o recommendasse a D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, não tinha ainda, em 1642, recebido condigno galardão, pois que n'esse tempo esbrugava apenas o escarnado osso de thesoureiro de S. Miguel de Alfama. O arcebispo D. Rodrigo da Cunha era homem honesto e verosimilmente despresador do fementido padre que prégera a legitimidade dos Filippes, e denunciara os seus co-reos na trama contra a liberdade da patria.

Retrocedamos dois annos na biographia d'este clerigo. Quando, em 1639, o tanoeiro João Bernardes Traga-malhas resolveu aperfeiçoar a sua filha em lettra e leitura, já quando a menina, por muito encorpada, corria perigo em andar na mestra, indagou como cauteloso pae onde houvesse um sacerdote ajustado ao intento.

Inculcaram-lhe padre Luiz da Silveira, a quem muitos fidalgos confiavam a educação de suas filhas.

Quiz o Traga-malhas julgar do clerigo pela cara, e desagradou-se da mocidade do mestre; porém, como pegassem de conversar a respeito da soltura do genero humano, o official do ministro Vasconcellos tamanhas lastimas gemeu sobre os peccados do mundo, que o bom João Bernardes ponderou a sua mulher que o mestre de Maria Isabel era o que elle nunca tinha visto em padres.

Teria vinte e oito annos, ao tempo, o capellão da marquezia de Montalvão. Bem apessoado, limpo no trajar, polido pelo trato da melhor sociedade, sisudo nas fallas, grave e composto com aquelle geito nobre que lhe dera o pulpito, padre Luiz fez-se, a um tempo, respeitar e estimar da discipula.

Do adiantamento da menina, em materia de escripta, leitura e doutrina, eram sensiveis os efeitos, e bem provada portanto a aptidão tanto do professor como da alumna.

Maria Isabel, que até então só conhecia em leitura a *Primavera de Meninos*, do Brochado, por conselho do novo mestre lia o *Clarimundo*, de João de Barros, e os *Contos do Trancoso*; e quanto a escripta, sahiu-se muito habilidosamente imitando os *Exemplares de diversas sortes de lettras*, de Manuel Barata.

Ora os paes, quando admiravam as rapidas sabensas da filha, graças á assiduidade do mestre, de certo não sentiam sobresaltos que lhes agorentassem a satisfação, lembrando-lhes que houvera no mundo uma discipula muito aproveitada, chamada Heloisa. Se na mente de padre Luiz chammejaram memorias historicas de Pedro Abeilard, e o demonio da imitação entrou com elle, é o que vamos deprender do capitulo seguinte.

VI

Vimos, no capitulo IV, Domingos Leite e Roque da Cunha esquivarem-se rapidamente á presença do marquez de Gouvêa.

Ao separar-se, o allucinado escrivão murmurou sinistramente ao seu funesto amigo:

—Conto comtigo, Roque! Se algum de nós faltar ao que deve ao outro, esse seja infame!

—Seja!—assentiu o sicario de Pedro Barbosa, sacudindo-lhe a mão com a solemnidade cavalheirosa de um pacto de honra.

D'ali, de Pedroços, onde o marquez residia, até Lisboa, Domingos Leite não desfitou as esporas dos ilhaes do cavallo. (*Nota 10.ª*)

Quando apeava no pateo de sua casa, vinha Maria Izabel, ao longo d'um corredor que conduzia ao jardim, com a menina no collo. A creancinha festejava o pai, batendo palmas, e exuberando de alegria no riso que tanto lhe brincava nos labios como nos olhos. Domingos fitou a mãe com torvo olhar, e apenas de relance olhou para a filha, como se o encaral-a de fito lhe traspassasse a alma.

—Olha a creancinha como se ri para ti!..—disse Maria Isabel entre meiga e atemorizada, já quando o marido galgava apressadamente as escadas.

Ella, apesar do susto que lhe arfava o coração, seguiu-o até á ante-camara. Ahi, Domingos Leite, voltando-se para a mulher, e repulsando as caricias da menina, disse-lhe com desabrimto:

—Largue a creança, e volte, que preciso fallar-lhe!

—Que modo de me tratar!—acudiu Maria—Tu que tens, Domingos? Que queres dizer-me? Podes fallar, que a tua filha não entende injurias, se m'as queres dizer...

—A *minha filha*...—atalhou elle casquinando um froixo de riso por entre os dentes cerrados; e logo, arrugando a testa e alteando a cabeça com intimativa, bradou:

—Não me percebe!?

E, arrancando-lhe a filha do collo, sahiu com ella pendente dos braços, fechando a porta da ante-camara para que a mãe a não seguisse em gritos.

A creança, apesar do repellão, olhava para o pae com a mesma jovialidade. Domingos Leite, que parecia buscar a quem entregasse a menina, parou de repente, aconchegou-a do peito, beijou-a, lavou-a de lagrimas, e, soluçando no seio d'ella, queria talvez evitar que a mulher lhe ouvisse os gemidos. Deteve-se largo espaço assim, até que uma escrava, passando acaso, o surpreheu n'aquelle lance. Como vexado da sua fraqueza, Leite Pereira entregou a menina á negra, e, enxugando o rosto, voltou ao quarto onde Maria Isabel estivera em rogos á Virgem, sem todavia saber que soccorros lhe cumpria pedir.

Entrou o marido, fechou-se por dentro, travou do pulso de Maria, empurrou-a para sobre um preguiceiro, sentou-se á beira d'ella, e disse:

—Porque treme? A innocencia não costuma assim tremer!... Porque treme?

—Pois eu vejo-te enfurecido sem saber que mal te fiz!... Sahiste de casa tão contente commigo...

—Quantas vezes a senhora escarneceu o contentamento com que eu sahia e entrava n'esta casa? Tinha alegria ou remorso de me enganar com juramentos sacrilegos, invocando o testemunho de Deus sobre a innocencia da sua vida de solteira?... Que responde?

—Voltas ás tuas suspeitas antigas...—balbuciou Maria Isabel, menos affoita do que tinha luctado n'aquella primeira noite.

—Não me irrite com referencias estupidas ás suspeitas antigas!—redarguiu o marido enfreado as arremettidas da raiva—Diga-me cá, barregan de clerigo, diga-me que conceito formou de mim, quando, depois de eu ter sahido d'aquella alcôva na primeira noite de meu deshonorado consorcio

com uma manceba de padre Luiz da Silveira, voltei, passadas poucas horas, e me ajoelhei a seus pés, pedindo-lhe me perdoasse a injúria que fizera á sua pureza de menina solteira?

Maria Isabel soluçava uns gemidos que a estrangulavam. Elle arrancou-lhe as mãos do rosto, e bradou-lhe:

—Olhe para mim! Nada de momos! Responda: que juizo fez de mim n'este espaço de tres annos em que a tenho tratado com os extremos de noivo no primeiro dia da sua felicidade? Imaginou que eu fosse um vil, que se habituou á deshonra, a troco de vinte mil cruzados da sua infame mulher? Responda, que o seu silencio obriga-me a arrancar-lhe do coração a resposta!

—Não...

—Não... o quê?..

—Eu nunca te suppuz vil...

—Suppoz-me então enganado?...

—Enganado... não...

—Então, vil... uma das duas coisas... Em que ficamos: vil, conformado com a deshonra, ou enganado, isto é, persuadido de que tinha casado com uma mulher honesta?

—Meu Deus!—exclamou ella afflictissima—Matae-me, Senhor!—e punha os olhos sinceramente supplicantes na imagem de Jesus.

—Pois que suppunha?—insistiu Domingos Leite—Cuidou que a sua devassa mocidade seria segredo entre Deus e o padre? Nunca lhe gelaram terrores a alma, prevendo que um acaso viria explicar a rasão que eu tive para a injuriar poucas horas depois que lhe dei o meu nome honrado e a minha vida sem mancha? A senhora deve ter tido remorsos de mentir tão torpemente a um homem que tinha direito a encontrar esposa honrada! Bem sabia que eu não era marido que se vendesse, e trocasse a ignominia da pobreza pela ignominia de uma manceba de clerigo com alguns mil cruzados. Quem a privou de me dizer, quando fallou a só commigo; que na sua vida havia desaires que a prohibiam de amar um homem de bem? Recorde-se... Não lhe disse eu que, apesar de lhe querer com toda a alma d'um primeiro amor, como não acreditava na efficacia dos meus meritos, reflectisse antes de me acceitar como marido, e não viesse para os meus braços com o mais pequeno affecto sacrificado á vontade de seus paes?

Maria Isabel prostrou-se aos pés do marido, exclamando:

—Foi verdade...

—Foi verdade!... e a senhora mentiu-me, cobriu-me de lama, fez-me o successor indissolúvel do padre!.. E que sou eu então diante de si e diante do mundo? A irrisão dos meus inimigos, e a compaixão aviltadora dos meus amigos!...

E, levantando-se de golpe, sacudiu phreneticamente a mulher, que lhe abraçava os joelhos, e, dados alguns passos, parou em frente d'ella, cruzou os braços, e rouquejou convulsamente:

—Ó miseravel! pôde assim, formosa e rica, aos quatorze ou quinze annos, resvalar á voragem das loureiras secretas por entre os braços d'um padre! Amou-o? diga, mulher impudica, amou-o?

—Pelas chagas de Jesus Christo!—volveu ella, ajoelhando-se-lhe novamente—Eu sei que vou morrer... Se me tu não matares, heide eu matar-me!. Ai! minha querida filha!... Ó Domingos, não desampares aquella creancinha que é tua filha!...

—Matar-se!—replicou sarcasticamente—As mulheres na sua condição não se matam, porque... estão mortas... Quem teve a coragem de se deshonnar perdeu a força moral que dá a reabilitação...

—Eu era uma innocente...—soluçou Maria Isabel—Não sabia o que era deshonra... Passára a minha infancia entre meus paes. Minha mãe era tão virtuosa que nem me precaveu contra a maldade do mundo...

E, como os arrancos lhe embargassem a voz, o marido, que parecia ferozmente interessado na confidencia, disse:

—Continue... Vae-me contar por miudos a historia da sua... queda... Conte.

—Oh!.. pelo divino amor de Deus!—clamou ella—que queres saber d'esta desgraçada?... Eu só soube que estava perdida, quando te amei, porque então senti que era indigna do teu amor!..

—E não obstante... diga o mais... Conhecendo-se indigna, fez-me descer na rampa da infamia para me nivelar com a senhora!..

—Pois bem!—bradou ella com vehemente resolução—Esmague-me, que eu sou punida, e o senhor vingado!

—Heide reflectir...—retrocou Domingos Leite serenamente—Nem todas as mulheres são dignas de morrerem ás mãos de homens honrados. Entretanto, dê-me o infernal praser de lhe ouvir contar a historia dos seus primeiros amores.

E, dizendo, sentou-se, indicando-lhe com um tregeito de cabeça que se assentasse a seu lado. Ella hesitou; mas um arremêso de impaciencia, e duas fortes punhadas que elle deu no espaldar do preguiçeiro, incutiram no animo de Maria Isabel a suspeita de não sahir com vida de tamanha angustia.

Sentou-se ella, a tremer, com as mãos cruzadas sobre o peito e os olhos piedosos fitos no perfil do marido.

—Conte lá,—disse elle com os cotovellos apoiados nas pernas, a face entre as mãos, e os olhos postos no pavimento—conte desde o principio essa historia... Como foi que o padre lhe fez saber que a desejava, e como foi que a menina de quinze annos acceitou as doutrinas do mestre.

O dialogo seguido a esta intimação demorou-se meia hora, que devia figurar-se um dia de tormentos a Maria Isabel: tão dilacerantes cortavam as perguntas no pudor d'aquella mulher.

Porém, finalmente, no rosto de Domingos Leite Pereira já vislumbavam sentimentos de compaixão, porque os do rancor tinham posto a pontaria em outro alvo.

As ultimas palavras d'elle, proferidas com gravidade, mas sem tom de ira, foram estas:

—D'hora em diante eu continuo a ser seu marido perante o mundo; mas diante da senhora sou um estranho. Emquanto a mãe de minha filha assim quizer viver commigo, essa creança, que eu adoro, será sua tambem; mas, se este viver lhe não quadrar, eu sahirei com minha filha; e farei que ella nunca saiba quem foi sua mãe. Esta sentença não condemna o delicto da sua impuresa; condemna o enorme crime de me ter acceitado como marido. Concorda na minha proposta?

—Sim... concordo... Eu viverei como tua criada, se assim o quizeres; mas não me tires a minha filha.

—Retire esse tratamento do *tu*—voltou o marido com sobreceño.—Nem uma palavra, nem um gesto que indique a maior ou menor alliança de duas almas que se estimaram, ou tredamente se dissimularam... Esta casa é bastante grande. Podem viver n'ella duas pessoas sem se encontrarem. A senhora é rica: administre o que tem: eu não tenho nada que vêr com os seus bens de fortuna. Ficamos entendidos. Qualquer infracção d'este pacto, estalará em tempestade sem bonança.

VII

Aquelle mercieiro, primo do mestre de Maria Isabel, attribulado agora pelas revelações que fizera a Roque da Cunha, avisou padre Luiz da Silveira, encarecendo os martyrios que lhe arrancaram o segredo.

O thesoureiro de S. Miguel de Alfama ponderou o melindre da situação, e maldisse a embriaguez que o levou á imprudencia de se gabar d'um delicto que elle julgava já esquecido e delido como o bôlo avinhado de que lhe espumara aos beiços a jactancia de ter sido amado da esbelta Maria Isabel Traga-malhas.

Trazia elle, ao tempo, requerimento bem protegido no paço, pedindo um beneficio na sé de Silves. O aviso do parente esporeou-lhe a diligencia na obtenção da prebenda; para o que, logo na mesma hora, se foi pessoalmente á côrte da Ribeira, e logrou alcançar do secretario de estado a promessa do despacho n'um dos seguintes dias.

No entretanto cuidou o padre de enfardelar o mais precioso dos seus haveres, sendo o sobre todos estimadissimo fardel, uma rapariga de bons quilates de belleza, não sabemos se tambem discipula d'elle, se creatura já amestrada em amores, quando o cauto clerigo a installou na freguezia de S. Mamede, no *Bêco dos Namorados*,—nome gracioso que desdizia da immundicie d'aquella escura alfurja, apenas palmilhada a horas mortas, por um só namorado, que era padre Luiz. Este bêco abria por uma das extremidades no *Terreirinho do Ximenes*, local azado para amantes clandestinos, visto que raro viandante por ali transitava depois das Ave-Marias.

Para afugentar o terror que o primo lhe incutira, pintando-lhe Roque da Cunha caudilho de uma horda de quadrilheiros facinorosos, padre Luiz fiava-se na convicção de que ninguem lhe suspeitava a lura, nem por aquelles sitios desfrequentados lhe faria espera. Ainda assim, como o seu mêdo era mais de clerigo do que de homem, e o escandalo o assustasse mais do que a lucta, cingiu um correão de pistolas, envolveu-se na capa longa de arruador nocturno, derrubou a aba do sombreiro aragonez, e, á hora do costume, sahiu com o intento de conduzir para casa do primo tendeiro a moça inquilina do *Bêco dos Namorados*.

Meia hora antes de elle entrar no *Terreirinho do Ximenes*, precederam-no n'aquella paragem, desembocando das *Pedras Negras*² dois vultos, que pareciam, no moverem-se umas sombras; e sendo dois homens, tão subtilmente deslisavam que difficil fôra estremar qual d'elles projectasse a sombra do outro.

—Hade passar aqui ou entrar pelo outro lado—disse Roque da Cunha a Domingos Leite—A tua paragem é esta; a minha é a outra. Dou-te o ponto mais arriscado, visto que m'o não cedés. Olha que o padre tem figados, torno a dizer-t'o... Até logo.

Domingos Leite retrahiu-se para o escuro de um arco sotoposto ao collegio jesuitico de S. Patricio, e acantou-se no angulo mais comvisinho da passagem. O quarto de hora, que seguiu esta emboscada traiçoeira, arrastou-se vagaroso e dilacerante por sobre a alma ainda immaculada d'aquelle homem, que se via precipitado a um tal feito; que nem a vaidade nem o pundonor justificavam bastantemente a matar um homem desconhecido, que não o ultrajara, que era innocente nas suas angustias de marido e amante vilipendiado. Era atroz. Mas esse homem, ébrio ou infame, proferira com fatuidade o nome de Maria Isabel, conspurcando-lhe a fama, e assoalhando a deshonra do marido ao sêvo dos seus muitos inimigos, invejosos do patrimonio da esposa ou do rendoso officio com que el-rei lhe premiára intelligentes serviços. O orgulho afinal amordaçara o instincto da justiça; ainda assim, a batalha travada na consciencia de Domingos Leite era despedaçadora. A espaços, mettia-lhe horror na fantasia o pensar que rasgaria a punhaladas o peito do homem, cujo nome havia de ouvir dos labios d'elle mesmo; porém, se lhe negrejava no espirito a horrivel irrisão de encontrar-se rosto a rosto com o seductor da donzella, que se deixára poluir como um anjo de alabastro se deixaria inconscientemente despedaçar ás mãos de um ébrio furioso, então o pulso latejava-lhe iracundo no cabo do punhal, e o ouvido escutava com avidez o rumor de passos que lhe figurava a aproximação da victima.

N'este conflicto, ouviu o estampido d'um tiro, a curta distancia, e um grito agudo de voz de mulher. A detonação e o brado soaram do lado do *Bêco dos Namorados*. Promptamente reflectiu Domingos Leite que Roque da Cunha se encontrára com o padre; e, por saber que a arma do seu confidente era o punhal, inferiu que o outro desfechára com elle. Isto colligia correndo ao longo do bêco, de faca arrancada, e os olhos cravados no reluctar de dois corpos, sobre os quaes, a revezes, resvalava o frouxo clarão da lampada de um nicho.

Ao avisinhar-se dos dois vultos, entreviu o relampejo da lamina d'aço contra um corpo já cambaleante, e ouviu o rouquejar de moribundo, que pedia misericordia, ao mesmo tempo que de uma adufa de casa proxima estругiam gritos *á-d'el-rei*.

A supplica de misericordia, que padre Luiz da Silveira vociferára, foi-lhe cortada pelo decimo golpe que Roque lhe vibrou ao peito; e quando Domingos Leite se abeirou do amigo, que alimpava o rosto banhado de sangue, já o mestre de Maria Isabel jazia morto.

—O ladrão crivou-me a cara de zagalotes!—murmurou Roque da Cunha—Olha do que eu te livreí, rapaz!... Vê lá se o diabo tuge, e toca a safar, que a barregan não se cala...

Domingos Leite olhou de revez para o cadaver que cahira de bruços, esforçou-se para ir examinar-lhe a respiração; mas as pernas tremiam-lhe.

—Não vais?!—disse Roque, embebendo na capa o sangue que lhe gotejava da face direita—Tu és covarde ou sandeu, homem?

—Podemos ir que elle está morto...—respondeu tiritando Domingos Leite.

—Podemos ir que elle está morto?—replicou sorrindo—Cá te avirás com o padre, se ressuscitar—volveu Roque, e sahiu pelo outro lado, descendo a calçada de S. Chrispim; e, atravessando o Beco do Bogio, baixaram até ás Portas do Ferro, onde morava o matador do padre.

Examinada a ferida, Domingos Leite decidiu, com a competencia de experto boticario, que o pelouro resvalára na maçan do rosto, sem ferir osso nem cortar veia importante.

O ferido, restaurando o sangue esgotado com uma botelha de vinho hespanhol, contou modestamente que o padre vinha entrando ao *Beco dos Namorados*, quando elle, ouvindo passos, se cozêra com a sombra de um cunhal, afim de o reconhecer, ao tempo que a lumieira do nicho lhe desse na figura; porém, ajunctou elle:

—O homem, a trez passos de mim, desembuçou-se, arremetteu commigo, poz-me a pistola tão perto da cara, perguntando-me quem eu era, que, a fallar-te verdade, se eu não tivesse alguma experiencia d'este mundo e a certeza de que ninguem morre duas vezes, talvez dissesse ao padre que fosse em paz e não contendesse com quem estava manso e quieto. Mas hasde tu saber, amigo do coração, que eu, quando tenho medo, mato mais depressa. Um gato brinca com a ratazana que a final estripa; mas, se é cão o inimigo, o gato crava-lhe as unhas logo nos gorgomilos, e não brinca. Deu-se com o perro do clerigo o mesmo cazo. Perguntou-me quem era, de pistola abocada. Respondi-lhe com as punhaladas, que o escrivão do corregedor amanhã dirá quantas foram. Atirou-me á cabeça ainda antes que eu lhe tocasse. Folgo de ter luctado com um homem. Se eu tivesse matado um poltrão, isso havia de me custar remorsos, palavra de Roque da Cunha! Estás ahi a contemplar-me com uma cara de môço de côro da real capella, homem! Parece que o mestre de tua mulher, se até ha pouco te andava ás cavalleiras da honra, te peza

agora ás cavalleiras da consciencia! Vamos a saber: estás contente commigo, ou querias que eu, em vez de matar o padre, lhe pedisse que me contasse historias do seu systema de ensinar raparigas?

—Sei que me não queres inxovalhar com esses remoques...—acudiu gravemente Domingos Leite Pereira—Eu sou um homem triste como todos os desgraçados, Roque!.. Se vês em meu rosto o terror, é porque a minha felicidade morreu primeiro que esse homem... que devia morrer. O meu desejo seria tel-o morto, para me apresentar á justiça, e dizer: «fui eu quem o matou; matem-me, que me dispensam d'um martyrio sem fim!..» E, se acontecer que a justiça te culpe, irei eu denunciar-me como matador. Agora, meu amigo, pelo que cumpre á minha obrigação para contigo, sou a dizer-te que disponhas de tudo que eu valho, e da minha vida, que pouco vale.

—Tudo que tenho a pedir-te cifra-se em pouco—respondeu Roque da Cunha—Ámanhã fallas com o corregedor do bairro, e lhe dirás que estou doente: bem vês que não devo apparecer com o carão esfarrapado. Depois, trarás o betume com que se fecham estas gretas, e cuidarás de mim, mandando-me da estalagem do hespanhol do *Largo do Forno* umas empadas de gallinha, e do armazem dos *Sete Cotovêlos* algumas botijas do de Torres Novas. Feito isto estão saldadas as nossas contas; e, quando souberes que tua mulher t'as não dá direitas, abriremos novo saldo.

Uma hora depois, Roque da Cunha, affeito a dormir em conjuncturas analogas, admirava-se de não ter ainda adormecido: e Domingos Leite Pereira, entrando em sua caza com todas as precauções para não ser ouvido, fechou-se no seu quarto, abriu a janella para sentir na frente esbrazada o frio da noute, vagou a vista errante pelo ceu estrellado; e, chorando como nunca chorára, disse entre si:

—Porque sahi eu da tua sombra, meu pobre pai, que a estas horas dormes serenamente no regaço da honra!... Bem me dizias tu, minha sancta mãe, que eu fazia mal em deixar a caza, onde nunca chorara alguém até á hora da minha partida... para este inferno em que estou penando!

Ao arraiar da manhã, Domingos Leite ouviu, no corredor contiguo ao quarto, a voz da filha, que, por costume, se erguia de madrugada e ia deitar-se com o pai. Foi abrir a porta, tomou-a do collo da ama, agazalhou-a no peito, porque a menina tremia de frio, aqueceu-lhe o rosto com o respirar febril e cortado de soluços, e longo tempo anceou n'aquella tortura misturada com o desafogo aprasivel das lagrimas.

VIII

O assassinio do padre Luiz da Silveira foi explicado por varios modos, tanto que o cadaver appareceu, no *Bêco dos Namorados*, com dez punhaladas no peito.

Disse-se que os seus antigos consocios de infidelidade á patria, e contubernaes em patifarias, receiosos que elle lhes delatasse os delictos, visto que medrava na estimação dos ministros de D. João IV, o matariam para se desfazerem de um delator perigoso. Diziam outros, mais plausivelmente, que o padre acabára ás mãos dos vingadores do arcebispo Sebastião de Mattos e seus cumplices, levados ao patibulo pela delação do seu ignobil confidente. Outros finalmente accusavam sem rancor, antes com approvação, um tal licenciado Ruy Pires da Veiga, irmão da manceba do clerigo, desde que a viram abraçada ao morto, e reconheceram n'ella a menina que, dous annos antes, desaparecera de casa de sua familia honesta e abastada.

Instaurou-se a devassa.

O primeiro que mui secretamente se apresentou a fazer revelações na corregedoria foi aquelle mercieiro, primo do clerigo morto. O testemunho deste sujeito, forçado a confessar a Roque da Cunha o que ouvira respeito á esposa do escrivão do civel da corte, illucidava cabalmente a morte do padre Luiz.

No entanto, o escrivão do civel da corte continuava a exercer o seu officio, Roque da Cunha tambem, e ambos desassombradamente fruiam os seus direitos de cidadãos bem procedidos. Não succedeu o mesmo com Ruy Pires da Veiga, que se homisiou, quer envergonhado de ser o irmão da mulher teúda e manteúda do clerigo, quer receoso de que o prendessem por suspeito do homicidio.

Sabia-se, porém, e com grande espanto, que o rei mandára suspender a devassa. Os politicos inferiram d'ahi que na morte do antigo official de Miguel de Vasconcellos, e secretario particular do arcebispo de Braga, havia segredo de estado cujo rastro era perigoso farejar.

Volvido um anno sobre a morte do thesoureiro de S. Miguel de Alfama, Ruy Pires da Veiga, indigitado homicida pela maioria das opinioens, sabendo que sua irmã era já falecida de paixão em rigorosa clausura, appareceu na côrte a defender-se da calumnia. A voz publica, espicaçada por este novo estimulo, deu vida ao esquecido assumpto, concorrendo bastante o mercieiro com as suas revelações feitas em segredo, mas, a poucas voltas, divulgadas por toda a cidade.

Estes murmurios chegaram aos ouvidos de D. João IV, que de sobra sabia quem era o assassino directo ou indirecto do clérigo.

O rei estimava Domingos Leite Pereira, já pelos corajosos serviços que lhe prestára nos passos anteriores á sua acclamação, principalmente nos tumultos de Evora e recovagem de recados a Madrid e a Villa Viçosa, já pelos credits em que o trazia abonado o seu ministro e mordomo-mór marquez de Gouvêa. E, posto que el-rei timbrasse na rigorosa execução das leis, suspendendo agora a devassa, parecia indultar Domingos Leite por que o delicto do padre, seductor da discipula, lhe era odioso; e a circumstancia da delação dos conjurados, feita por um seu confidente, não melhorava em seu particular conceito a condição perversa do traidor.

Perguntara o rei ao marquez de Gouvêa, quando se viu forçado a dar satisfação aos boatos que manchavam a justiça dos seus executores, o que sabia de Domingos Leite Pereira e de sua mulher. O marquez respondeu que o seu secretario, desde a morte do padre, nunca mais abrira um sorriso, nem dera azo a que se lhe perguntasse coisa relativa ao seu viver domestico:

—Mas vivem com apparencia de bem casados...—observou maliciosamente o rei.

—Um viver mais horrivel que a separação com escandalo publico, real senhor!—disse o marquez.—Ha um anno sei eu que nunca mais se fallaram nem viram de portas a dentro. Tem Domingos Leite uma filha que adora. Uma vez unica me fallou da sua desgraça, bem que me não desse novidade; porque eu, antes que elle a conhecesse, já a sabia das atoardas publicas, auctorizadas pelas gabações do clérigo. Então, n'essa vez unica em que Leite Pereira desafogou commigo, lhe ouvi dizer que pensava em sahir da corte, e recolher-se a Guimarães ao amparo de seu pai; mas que o não faria sem levar comsigo a filha; receava, porém, que a mulher, irritada por se lhe tirar a filha, desse occasião a divulgar-se um opprobrio nocivo á creança que elle queria defender da deshonra da mãe. Fiz quanto pude em despersuadir-o de tal proposito, incutindo-lhe sentimentos generosos de perdão á esposa por amor da filha. Este argumento não o convenceu, antes parecia exasperal-o; pois que, a seu ver, era indigna de misericordia tal mulher que, depois de o ter enganado quanto ao seu passado, e tendo a certeza que a morte do padre ninguem melhor do que ella poderia explical-a, em vez de viver amargurada do desprezo do marido, ousava estadear-se nas igrejas e nas ruas com ar de senhora honesta, ou antes de mulher despejada que despreza os malsins da sua reputação, fazendo gala da sua formosura e riqueza...

—Tenho ouvido dizer que é muito formosa...—atalhou o rei.

—Não ha em Lisboa quem lhe dispute a primasia. Nunca Vossa Magestade viu mais galante mulher, sendo a côrte da rainha, minha senhora, a mais selecta de bellas damas!

—E o seu procedimento?

—Apparentemente bom—respondeu o mordomo-mór sorrindo—Digo apparentemente, porque não sei quantos astutos velhacos deixou em Lisboa o padre Luiz, nem Vossa Magestade crê que tão sómente os mestres de meninas tem a fortuna de armar em segredo as suas aboizes a estas avezinhas innocentes; e, depois que as avesinhas uma vez deixaram pennas das azas na esparrela, hade ser difficil fazel-as entralhar sem que ellas se guardem de perder a plumagem.

—Assim parece—assentiu o rei—Seja como for, Domingos Leite andaria melhor avisado se sahisse da côrte logo que vingou no padre a aleivosia da mulher, se aleivosia houve. Mande suspender a devassa, quando eram já declarados os criminosos. Não consenti que se prendessem porque bastante causa dera o padre a ser castigado; e, alem disso, ás cegueiras do coração e do brio é mister conceder o que não concedemos aos matadores que matam de animo frio. É tambem culpado na morte do padre, como o marquez deve saber, um Roque da Cunha, que se tem salvo á sombra de Domingos Leite, e de alguns serviços que me fez. Sei que máo homem é, desde que ha seis annos me denunciou Mathias de Albuquerque por motivos de odio pessoal. Mas este e outros eguaes membros gangrenados não os posso amputar cerces, em quanto preciso me for espiar uns infames com outros infames. Se nos não valermos de quem os conhece de intimidade, não teremos quem nos ponha de sobreaviso. Já o marquez sabe a razão porque Roque da Cunha está logrando a impunidade de Domingos Leite. Porém, desde que Ruy Pires da Veiga voltou do seu voluntario desterro e passeia em Lisboa desmentindo e affrontando o boato, que lhe assacava a morte do padre, a devassa tem de proseguir, e os reos, muito a pezar meu, hão de ser presos, se estiverem no reino. Por tanto diga o marquez ao seu secretario que se retire sem demora de Portugal; e o homem, que o serviu na sua vingança, que se retire tambem, se Domingos Leite deseja salvar o cumplice. O julgamento de Domingos Leite correrá os seus tramites, e faremos que a sentença o não prive para sempre da patria.

O marquez de Gouvêa, bem que profundamente magoado, não ousou pedir ao rei que a devassa permanecesse suspensa. D. João IV esfriava a coragem dos poucos que privavam da sua confiança, quando dava ordens com tão carregado e resolutu semblante, quanto, antes de acclamado, era com todos os fidalgos ameno de tracto e docil aos votos alheios.

Bem quizera o amigo e protector de Domingos Leite rogar ao menos a delonga da partida, e n'esse intuito começou perguntando ao monarcha se era forçosa a sahida do seu secretario ainda n'aquelle mez de fevereiro, que ia em começo.

O rei respondeu:

—É amanhã que deve sahir; porque depois de amanhã fecha-se a devassa, infalivelmente.

O mordomo-mór beijou a mão do rei, e sentiu no animo recondita aversão ao soberano aprumo de D. João de Bragança. Latejou-lhe talvez nas arterias o sangue castelhano de seu pai, conde de Portalegre, tronco d'aquella alta vergontea que cahiu com a corôa ducal de Aveiro sob a lamina do algoz em 1759.

Sahiu triste o ministro a encontrar-se com o secretario, em seu gabinete. Referiu-lhe o que se passára com el-rei, deplorando a fatalidade que o privava temporariamente de tão bom como infeliz amigo.

Domingos Leite ouviu a nova, com exterior de mediano sobresalto.

—Agradeço a sua magestade—disse elle—a permissão de levar commigo o homem que associei ao meu funesto desaggravo. V. Ex.^a sabe que eu me furto ás penas da justiça mais para salvar Roque da Cunha. Nada monta para mim a vida, se sou obrigado a desterrar-me, e deixar a minha filha—unico amor que me ficou ao de cima d'este abysmo em que me vejo precipitado com tantas quimeras brilhantes que me enganaram. Todo me sinto perdido, e morto, peor que morto, se heide no exilio agonisar de saudades d'aquella creancinha...

—Eu olharei por ella—consolou o marquez—Se não vier tão depressa quanto eu desejo, sr. Leite, creia que heide conseguir mandar-lhe sua filha, logo que ella esteja creada.

—Não mande, sr. marquez...—acudiu Domingos Leite.

—Que não mande?! Porque não?..

—Porque eu não sei se terei lá fora de Portugal um pão que repartir com minha filha...

—Pois vm.^{ce} não é rico?

—Eu tinha bom officio, e os grandes salarios que v. ex.^a me dava. N'este momento deixei de ser o escrivão do civel da côrte e o secretario do mordomo-mór. Sou um assassino sem patria. Verdade é que meu pae, o cuteleiro de Guimarães, apesar de eu lhe pedir que sahisse da forja e descansasse, com os seus haveres e os meus, o restante da velhice, ainda trabalha: mas eu não sei se elle enviará a um filho apregoadado assassino o que adquiriu com o trabalho honrado que eu desprezei, apezar das suas supplicas...

—Mas...—atalhou o marquez—O sr. Leite, desde que casou, tem parte no grande patrimonio de...

—De Maria Isabel?—acudiu com vehemente repugnancia o secretario—D'essa mulher não tenho senão a parte que me cabe do seu desdouro. E quando eu pensava que a minha honra havia de sahir depurada d'este fogo que me devora desde a noite em que vi o cadaver do padre, afinal de contas, sou o mesmo desgraçado que era, e ajunto á desgraça de perder uma mulher que adorava, tres grandes infortunios: não terei de hora ávante patria, nem filha, nem meios de que viver com honrada independencia. Dos bens de Maria Isabel não levarei um ceutil, sr. marquez. Aqui mesmo, se v. ex.^a me permite, escreverei a meu pae, a fim de o preparar para o golpe. Não posso mentir-lhe. Eu não matei; mas mataria com certeza, se estivesse no posto de Roque da Cunha. É forçoso que eu diga a meu pae que tenho um grande crime; mas que em minha consciencia não perdi o direito de lhe supplicar a esmola que os encarcerados imploram pelas grades das masmorras aos que vão passando.

O marquez enxugava as lagrimas, enquanto Domingos Leite Pereira escrevia, parando a cada palavra a penna, á espera que as palpebras embebessem o jorro das lagrimas. Ao dobrar a carta, murmurava o extremo pai:

—Não vou despedir-me de minha querida filhinha... Isso é que eu não posso, meu Deus!.. Sei que não posso... Quando eu tiver partido, mande-a v. ex.^a buscar e falle-lhe de mim... Pede-lh'o esta alma que se me parte de angústia, sr. marquez! Eu queria que ella me não esquecesse; e, a não ser v. ex.^a, quem lhe fallará de seu pai!..

—Vá com a certesa de que heide mandar buscar a sua filha muitas vezes, e não desanime de voltar a Portugal, sr. Leite. Eu quero ainda vê-lo hoje á noite. Vá dar os passos que tem a dar, e volte a despedir-se do seu velho e inutil amigo.

Debalde o esperou.

IX

Elle disse que não teria animo de se despedir da filha. Animo de partir sem vê-la é que elle não

teve.

Sahindo do palacio do marquez seguiu o trilhio de sua casa. A cada rua e travessa, por onde podia desviar-se, parava, guinando os olhos tôrivos e cheios de lagrimas, entre os dous caminhos. Em uma d'essas paragens de dolorosa perplexidade avistou Roque da Cunha, que marchava de cara alta, mão na ilharga, consciencia tranquilla no aspecto ridente.

Esperou-o Domingos Leite, e disse-lhe offegante:

—Ámanhã sahiremos de Lisboa e passaremos a raia. Prepara-te.

—Então que ha?

—Uma ordem de prisão é o que vae haver contra nós. Fecha-se ámanhã a devassa.

—E para onde vamos? já resolveste?

—Para Hespanha.

—Está claro. O meu dinheiro são oitenta cruzados; mas tu vaes assombrar Madrid com o cofre do Traça-malhas, que Deus tem na gloria dos tanoeiros.

—Eu tenho de meu ainda menos do que tu—respondeu Domingos Leite com severidade—Escrevi a meu pae pedindo-lhe alimentos; se elle m'os não der, veremos em que trabalho a Providencia m'os depára.

—A Providencia, amigo Leite,—replicou o folião—não tem n'este mundo secretario das mercês conhecido, a não ser o padre santo. Este anda ás avessas com portuguezes, e não me parece que deva ser assaz amigo de quem lhe bate seriamente nos padres. Leva dinheiro, homem; que um portuguez pobre em Madrid vale menos que um judeu rico em Lisboa. Mas não esmoreças se fizeste voto de ir por Castella dentro com esclavina e bordão de peregrino. Lá está em Madrid minha mãe. Se ella me reconhecer e não tiver pejo de me haver gerado, não nos hade faltar boa meza em casa de meu padrasto o desembargador do Paço Francisco Leitão...

—Não percamos tempo—interrompeu Domingos Leite, aborrecido do tom jovial do interlocutor—Á noite, serei em tua casa, e de manhã partiremos.

—Olha lá, Domingos Leite,—volveu Roque, cingindo-lhe o braço pelas espaldas—conselho de amigo que anda cá n'este vale de lama ha quarenta e oito annos...

—Que é?

—Não deixes a mãe de tua filha á matroca, com lastro de vinte mil cruzados na falua, e vinte e dois annos de idade, e com mais tentações no rosto que todas as moiras juntas em noite de S. João. Convento com ella, ouviste?

Domingos Leite encarou torvamente Roque, e respondeu-lhe, passados dois segundos:

—Que me importa isso a mim? Sabes que, ha um anno, vivo ao lado da mãe de minha filha, como se entre nós se mettesse a pedra que separa duas sepulturas. Nunca pensei em lhe dar maior castigo que o do meu despreso. O enclausural-a dentro dos ferros do mosteiro não a lavava da mancha indelevel de donzella que foi as delicias d'um padre. Eu sentia por ella alguma coisa mais implacavel que o odio: era o nôjo. Que me faz a mim já agora que essa mulher cave com as proprias mãos mais um palmo no seu abysmo de lôdo?

—Palavrório!—replicou o quadrilheiro—Se tua mulher te não fosse leal, enforcaval-a como o alcaide de Belmonte fez á mulher por causa de outro clerigo da casta do padre Luiz da Silveira. (*Nota 11.*^a) Contava-me o caso minha avó, que era do tempo em que se enforcavam as fidalgas adulteras.

—Acabemos esta semsaboria...—cortou Domingos Leite com trejeitos desabridos—Cuida de ti, e não entrevenhas nas coisas alheias da tua alçada...

—Intervim de mais...—murmurou Roque estomagado do repellão—Cá vou tratar de mim, amigo Leite... Sempre será bom que me não ponham a prumo no logar onde eu puz o padre de braços, por intervir de mais nas coisas alheias da minha alçada. Até á noite.

Ao separarem-se assim irritados, Leite Pereira, pezaroso da sua impertinencia, ainda se voltou para chamar o amigo e dar-lhe satisfação das palavras rudes; mas Roque da Cunha estugára o passo, como quem ia mais preocupado da devassa que da offensa.

Este incidente carregou mais a treva d'aquella alma. Zoavam-lhe estridores metalicos na cabeça, e confragia-se-lhe a frente crivada de dores como se esgarçassem por ella os espinhos mordentes de uma corôa. A revezes, parava, porque o respirar lhe dava afflicções, ou o pavimento se lhe figurava um despenhadeiro. Quando chegou a sua casa, á Porta do Salvador, sentou-se no escabello do pateo, e arquejou largo espaço, olhando para a escada, ainda indeciso se subiria a despedir-se da filha, se encarregaria um criado de lhe levar a sua bagagem a casa de Roque da Cunha.

N'este comenos, entrava Maria Isabel, vinda de fóra, com a creancinha pela mão.

Estremeceu dando de rosto com o marido. Leite Pereira, ao vê-la, ainda se esforçou por evital-a; mas a filha corrêra contra elle, com os braços abertos, balbuciando palavras cariciosas. O pae sentou-a sobre os joelhos, e rompeu em alto choro, que a menina acompanhava em gritos, affagando-lhe as faces e beijando-lh'as com ternissima anciedade.

N'isto, levantou-se de golpe, aconchegou do seio a filha, e subiu acceleradamente as escaleiras.

Seguiu-o Maria Isabel, sinceramente consternada, dizendo-lhe palavras maviosas; e, quando elle entrava no seu quarto e fazia menção de se fechar por dentro, a mulher, arrostando o perigo de soffrer o embate da meia-porta, rompeu de poz o marido, e, pondo-se de joelhos, exclamou:

—Se podes ser mais feliz com a minha morte, peço-te que me acabes de uma vez!.. Eu já não posso com o teu desprezo; tenho procurado viver por amor desta creança; hoje creio que ella já não precisa de mim, visto que tu a amas, e a Virgem do céu attendeu os meus rogos. Desde que me abandonaste, não cessei de pedir a Deus que te voltasse o coração para a nossa filha, embora eu fosse a odiada. Agora que o meu querido anjo tem o teu amparo, peço a Deus que me tire d'este supplicio; peço-te a ti que me dês uma morte bem rapida, de modo que eu não possa vêr na minha agonia de morte esta menina a chorar!..

Domingos Leite, que havia sentado a filha sobre o leito, ouviu a exclamação de Maria Isabel, fitando-a com terrivel immobilidade de olhos. E, quando ella acabou a supplica, e parecia de mãos postas esperar a morte, o marido, avançando para ella os dois passos interpostos, disse-lhe com serena voz:

—Levante-se e escute-me!

Ella ergueu-se encarando-o espantada, e abeirou-se do leito em que a menina, de pé e tremente, relançava olhares espavoridos entre o pae e a mãe.

—Sou obrigado a desterrar-me, senhora!—disse elle pausadamente—Á mulher, que fez da sua mocidade o opprobrio do marido, e que fez do marido um assassino, é preciso que eu n'esta hora lhe diga que amanhã a justiça me pedirá contas da vida d'um homem que devia morrer, visto que elle matára a honra da mulher de Domingos Leite. Vou homisiar-me, e não mais voltarei a Portugal, porque vae commigo a ignominia que lá fóra me hade espedaçar...

—Ó Domingos...—exclamou Maria Isabel—Ó filho do meu coração, leva-nos contigo!..

—Não me atormente com interrupções frivolas!—obstou elle mal assombrado—Deve saber, senhora, que eu vou sahir de sua casa extremamente desvalido, pobrissimo, com umas migalhas que hontem recebi dos meus ordenados. Hade encontrar de portas a dentro tudo que seus paes lhe deixaram, e o mais que eu lhe pude accrescentar com os meus recursos. Se alguém na sua presença me alcunhar de homicida, não me defenda; mas, se lhe disserem que eu no desterro mitigo as saudades da patria com os haveres da mulher que a fatalidade me deu, negue, negue, senhora, porque eu fui cinco annos seu marido, e não toquei em um cruzado do seu patrimonio. Prouvera a Deus que esta creança tivesse a necessaria intelligencia para me ser testemunha da minha pobre honra, por essa parte illesa! Oxalá que depois da minha morte esta menina podesse dizer que seu pae foi um desgraçado sem nodoa na sua probidade!..

Fez uma dilatada pausa, porque os soluços lhe cortavam as palavras, enquanto Maria Isabel, tomando a filha nos braços, lhe ajoelhava outra vez.

—Não serve de nada essa humildade, senhora!—volveu elle com desalento e desesperação—Levante-se; peço-lhe que se levante, se alguma pena tem de mim. Eu necessito pedir-lhe que seja boa mãe... que ame esta creança, que reduza a sua existencia em lhe preparar o futuro. Lembrese que eu lá do desterro lhe estou sempre pedindo que se sacrifique á minha filha. Expie a sua culpa, formando-lhe o coração com as virtudes que até as mães pessimas conhecem quando chegam a ter pezar do seu vilipendio. Faça tudo que entender preciso para que sua filha não leve com um pouco de ouro um grande cabedal de infamia a seu marido. Vigie-lhe os passos da mocidade afim de que o marido, que lhe escolher, não tenha de apartar-se d'ella com o ferrete de assassino na frente. Não tenho mais que lhe pedir. Agora, rogo-lhe que me deixe.

—Não, não te deixamos...—tornou a esposa—Ó Angela, ó minha querida filha, pede com as mãos erguidas a teu pae que nos deixe acompanhá-lo!

A creança ajoelhou, supplicando:

—Deixe, deixe, meu pae!..

Domingos Leite poz na mulher um olhar enfurecido, fez arremêço de indignação, e bradou:

—Quem lhe disse, mulher, que eu lhe perdoei?! Se estava morta para mim, como heide eu dar-lhe vida de esposa, fazel-a minha companheira do desterro, quando a justiça me persegue porque eu lhe matei o amante?

E, ao proferir a palavra indecorosa, olhou vertiginosamente para a filha, travou d'ella com

impeto phrenetico, ergueu-a á altura dos labios, e murmurou:

—Eu morreria de vergonha, se me tivesses comprehendido!..

E, voltando-se para Maria Isabel, que tiritava apoiada no espaldar de uma cadeira, bradou-lhe:

—Deixa-me levar minha filha? deixa-m'a levar só a ella?..

—Meu Deus!—exclamou a mãe.

—Diga, diga!—instou elle com crescente vehemencia—Fica-lhe tudo, riqueza, mocidade, liberdade, tudo; mas deixe-me levar Angela... Não deixa?

—Não posso, não posso!.. Mate-me, mate-me, e depois leve-a!..

—Que a mate!.. Olhe que eu não tenho sangue nas minhas mãos, mulher!.. Veja-as, que estão limpas... eu levo sobre a consciencia o peso de uma enorme vergonha; não levo o peso de um cadaver, percebeu-me?... Pois cuida que as entranhas que tanto amam uma filha podem ser as d'um carneiro? Poderia matal-a o homem que viveu anno e meio n'esta mesma casa, sem vêr a mulher que o mundo chamava minha esposa, e que viveu aqui, e d'aqui sahia todas as manhãs com apparencias de feliz, para que o mundo duvidasse de que a senhora tinha sido a recatada amante de...

Soffreu de novo a palavra infamante; e, cravando os olhos nos de Angela, parecia indeciso sobre a intelligencia da creança.

—Ó infindo tormento!—clamou Domingos Leite apertando a cabeça, e debruçando-se prostrado sobre o leito.

N'este lance, Maria aproximou-se do marido, poz-lhe a mão no hombro, e murmurou:

—Olha, Domingos, escuta... Leva a nossa filha.

—O quê?! bradou elle, erguendo-se.

—Leva a creança. Queres ir com teu pae, Angela?

A menina deteve-se a responder, olhando para ambos alternadamente.

—Queres ir commigo, filha?—perguntou o pae.

—E a mãe tambem vae?—disse a menina assustada e irresoluta.

—Eu vou-me embora, e nunca mais volto—tornou o pae—Não me tornas a vêr. Queres ir com o teu pae?

—E não torno a vêr a mãe?

—Hasde vêr, menina—acudiu Maria Isabel engulindo as lagrimas—Tu depois has de pedir ao pae que me deixe ir vêr-te, sim?.. pedes, filhinha?

Angela, sem perceber a profundesa do trance que ali se passava, abraçou-se na mãe, chorando. Domingos Leite cruzou os braços contemplando mãe e filha que se estreitavam num abraço convulso como o estorcer de suprema angustia. Volvidos alguns segundos, disse com o desanimo d'alma emfim sossobrada:

—Irei só. Tu ficas, Angela. Deus não quer que o anjo de innocencia vá nos braços d'um pae homicida mendigar o pão de estranhos. Não debes ter quinhão do meu castigo, pobre menina!... Agora, peço de novo á sua compaixão... Maria Isabel... que leve sua filha, e me deixe só...

A esposa sahiu com vacilantes passos, levando a menina á força. Domingos Leite volveu de novo a beijal-a, e impelliu-a brandamente para fóra do quarto. Depois, correndo a lingua da chave, voltou-se para um Senhor Crucificado, e disse mentalmente:

—Forças, meu Deus! Guardae-me os maiores tormentos para o desterro, e dae-me alento n'este lance!

X

Quando se divulgou em Lisboa que o escrivão do civil, secretario do mordomo-mór, desaparecera com Roque da Cunha, duas opiniões se formaram ácêrca do successo estrondoso.

Quanto a Domingos Leite, dizia-se que, tendo o santo officio, no começo d'aquelle anno de

1647, afezrolhado nos seus carceres alguns sujeitos amigos do escrivão, este, receando sorte equal, se evadira. A criminalidade dos réos presos era suspeita do *peccado infame* (veja *Larraga*, passim); porém, o delito que o vulgo attribuia ao marido da Traga-malhas era de menos impudica especie: dizia-se que o fugitivo andava gafado de herezia, e dava noticia de livros lutheranos procedentes de Hollanda. Os propagadores do boato, querendo explicar a fuga simultanea de Roque da Cunha, asseveraram que elle se passara a Madrid, onde vivia sua mãe, D. Vicencia Corrêa, loureira famosa de Lisboa, antes de ser casada com Francisco Leitão, o Guedêlha, que tinha sido do conselho de Portugal em Madrid, de boas avenças com o usurpador, e, como renegado incontricto, lá se ficara contraminando a restauração do reino. (*Nota 12.ª*)

Poucos dias passados, avultou mais acirrrante explicação da fuga, que necessariamente ressumou do tribunal ou das testemunhas da devassa.

Affirmava-se que Domingos Leite matara o padre Luiz da Silveira, coadjuvado pelo facinoroso meirinho Roque. A causa da morte fundavam-na na jactancia do padre em ter corrompido quando muito moça a sua discipula, que depois casou com Domingos Leite Pereira. Accrescentavam os mais imaginosos que o padre lhe escrevera depois de casada, e ella dera a carta ao marido. Sahia então um dos mais enfronhados em segredos de palacio, e explicava que el-rei, por não affrontar a memoria do clerigo, julgando racionavel a indignação do marido, avisara ao marquez de Gouvêa para que este obrigasse Domingos Leite a expatriar-se. A voz commum, afinal, era que o escrivão do cível da côrte ia caminho de Roma a negociar sua absolvição, e que Roque da Cunha estava em Madrid, vendendo barata a Filippe IV, por intermedio de D. Vicencia, a damnada alma.

Pelo que respeita ao matador de Pedro Barbosa e padre Luiz da Silveira, a opinião publica ferira certamente o alvo. A esposa do desembargador do paço, bem segura da indulgencia do marido, quando Roque lhe escreveu, noticiando a sua chegada a Madrid, não renegou o fructo de suas entranhas, ou por escrupulos de velha temente ao diabo com quem andara muito mana quando rapariga, ou por medo á lingua do filho, que desde os dezoito annos se emancipara envergonhando-a com suas turbulencias e gandaices.

A filha da celebrada Barbara, em cujo bordel, na rua dos Cabides, os abastardados fidalgos de D. Sebastião, velavam as armas com que se infamaram em Alcacer-Quibir, orçava então cêrca dos oitenta annos; e, não obstante idade tão avêssa de aspirações, era ardentissima faccionaria de Castella, e gosava-se de ser o cabresto de seu marido, o doutor Guedêlha, em cuja casa reunia os fidalgos portuguezes que ficaram em Hespanha, depois da aclamação do duque de Bragança, ou lá se foragiram, depois do supplicio dos conjurados de 1641.

Roque, historiando á mãe, na presença de Diogo Soares e do Conde de Figueiró, o motivo da sua fuga em companhia de Domingos Leite Pereira, não allegou fraudulentamente designios politicos: acingiu-se á verdade, calculando que seria bastante recommendação para ambos o terem apunhalado Luiz da Silveira, muito conhecido do ex-secretario Diogo Soares, no tempo em que a recovagem da correspondencia de Madrid com o arcebispo D. Sebastião de Mattos era desempenhada habilmente pelo padre. Sabia-se lá que o confidente delatara os conjurados. A nova da sua morte mysteriosa, receberam-na os fidalgos expatriados jubilosamente, e não menos grata lhes foi a presença dos vingadores das victimas do traidor. Além d'isso, o desforço do marido de Maria Isabel foi encarecido como feito de fidalgos espiritos; e tanto que, o velho Francisco Leitão, que só sahia do seu palacio para o d'el-rei, foi pessoalmente visitar Domingos Leite, e apresentar-lhe o habito de cavalleiro da ordem de Christo, com que a magnanimidade de Filippe IV o agraciava pelos motivos honrosos que o desterravam.

Quando o desembargador procurou o brioso portuguez na estalagem, estava com o fugitivo um homem entre cincoenta e sessenta annos, vigoroso, encorpado, vestido de baeta, e coberto de tabardo de borel.

—Pelo vestido, parece-me portuguez do Minho do nosso Portugal, este homem:—disse Leitão a Domingos Leite.

—É meu pae; chama-se Antonio Leite; é de Guimarães, cuteleiro de officio. Avisei-o de minha fuga, pedindo-lhe meios para subsistir em Madrid. O meu pobre pae veio trazer-m'os, e volta para a sua forja.

—V. m.^{ce} não precisava de pedir recursos a alguem, sabendo que estão aqui portuguezes. E voltando-se para o cuteleiro, proseguiu:—Bom pae, escusa de mandar dinheiro ao seu honrado filho, que nada lhe hade faltar em Madrid.

—Mercês, meu senhor—respondeu Antonio Leite—mas, em quanto eu poder lidar na officina, o meu Domingos, querendo Deus, hade viver do que é seu. Só tenho este filho; e, graças ao Senhor, ainda sinto braços para a bigorna. Oxalá que o rapaz nunca me sahisse de casa; que, a esta hora, não andaria por terras alheias...

—*Terras alheias!*...—objectou o velho ministro de Filippe III.—Não é terra alheia Hespanha; hespanhoes todos nós somos...

—Nemja eu!—acudiu o cuteleiro—nem meu filho o hade ser, sem a minha maldição. Tanto eu como elle nascemos na rua de Infesta, em Guimarães, onde tudo é portuguez, desde que lá nasceu e se baptisou o primeiro rei de Portugal.

Francisco Leitão espirrou uns jactos de riso zombeteiro, e regougou por entre os insultos do catharro caquetico:

—Estas abusoens do povo, filhas da ignorancia, ainda mal que nos trazem divididos os filhos do mesmo tronco visigodo, e teimam em fazer nação um retalho de Castella, que já valeu muito sobre o mar, mas que pouco monta em terra firme. Meu honrado homem de Guimarães, dou-vos de conselho que não façais alardo do vosso patriotismo em Madrid, agora principalmente que tendes cá o filho, bem acolhido nos braços dos seus compatriotas, quando os compatriotas de lá o exterminam, e o enforcariam, se o houvessem ás mãos...

—Mas, sr. desembargador—interrompeu o vimaranense—o meu filho não tem crime de ir á forca; á forca devia ir o outro que...

—Meu pae—atallhou Domingos Leite, obstando referencias á causa do homicidio—o sr. desembargador não me accusa, para que meu pae me defenda. Isso pertence á justiça, que não se hade ver embaraçada com a minha defeza.

—Nem v. m.^{ce} com a condemnação—acrescentou o ex-conselheiro de Portugal em Madrid.—Se em Lisboa os desforços das almas nobres são punidos como os crimes dos facinorosos de profissão, el-rei nosso senhor Filippe IV galardoa Domingos Leite Pereira com o habito da ordem de Christo, e admira-se que o duque de Bragança tão indignamente remunerasse a intelligencia do secretario do marquez de Gouvêa, alentado villão que se lhe vendeu pela mesma causa, que ainda se hade vender a el-rei de Hespanha.

—O sr. marquez de Gouvêa—observou Domingos Leite—não se vendeu.

—Então deu-se de graça como quem não achou comprador?—replicou o sarcastico Guedêlha, casquinando a sua asperrima risada.—Está v. m.^{ce} bem informado. D. Manrique, filho do castelhano conde de Portalegre, não se vendeu: atraçouu o rei que lhe deu a coroa de marquez. Mais infame, por consequencia, que os vendidos; que estes tem a desculpa da necessidade subornada pelo ouro; em quanto o marquez de Gouvêa se infamou gratuitamente.

Pereira Leite submetteu a replica ao respeito devido á propecta idade do conselheiro, e desviou a pratica incommoda, pedindo licença para não acceitar a mercê do habito de Christo.

—Porque não?—sobreveio o desembargador.

—Porque as honras, sem a procedencia dos serviços, não lisongeam o agraciado, nem grangeam a consideração publica. Eu, como v. s.^a sabe, sou pobre. Está aqui meu pae de quem me socorro, falta-me posses para me ostentar, e contentamento para me prezar em mais do que valho. Digne-se v. s.^a ponderar a sua magestade a minha situação qual ella é. O meu prazer, se algum posso haver n'este mundo, é a obscuridade, a solidão, o chorar tudo quanto perdi, e mais que tudo uma filha, que era toda a minha vida, e brevemente me será a morte...

—Sei isso;—interrompeu Francisco Leitão—já tudo nos contou Roque da Cunha; e minha mulher disse logo que a sua filha hade vir para a nossa companhia; e, desde menina, hade pisar as alcatifas do paço.

—Beijo as mãos de v. s.^a e de sua illustrissima esposa—disse commovido e grato Domingos Leite, desafogando em esperanças a saudade que lhe apertava o coração.

—Havemos de gizar o melhor modo—proseguiu o ministro—de trazer sua filha a Madrid, quer a mãe queira, quer não queira. V. m.^{ce} tem um amigo capaz de tudo que é difficil. Se Roque da Cunha tentar trazer-lhe sua filha, vae a Portugal, e só não voltará, se os carrascos do duque de Bragança tiverem grande faro e grande sêde de sangue. Entretanto, se me deixa dar-lhe um conselho de amigo, de ancião, e de homem, que ha cincoenta annos lida com o capricho dos reis, digo-lhe que acceite o habito de Christo, e não perca azo de ajoelhar a sua magestade, agradecendo-lh'o. Lembre-se, emfim, sr. Domingos Leite, que D. João de Bragança, podendo rasgar a sua devassa, como rasgou tantas outras de inimigos pessoases que se lhe venderam, ordenou ao mordomo-mór que lhe impozesse o desterro, como quem diz: «escolher entre o exterminio e o patibulo!» Bom amigo! raça de Bragança pura! couce de quartão gallego em quem o affaga, e orelha cahida ao ver o látigo na mão do potreiro... Conhecemos de ha muito quem são os Braganças: por uma linha coito damnado, pela outra o lavrador de Veiros que não se tosquiou, desde que o bastardo de Pedro I lhe pegou da filha para fabricar em ella uma vergontea ducal. Ora bem... estou cansado de taramelar, meu amigo e sr. Leite. Vou-me com Deus, e cá deixo á apreciação do seu espirito intelligente estas phrases que, bem espremidas, hão de estillar muito succo. Medite-as, e... seja esperto, porque o facto de ser infeliz não o força a ser inepto. Sem mais. Escuso dizer-lhe que o deixo na obrigação de me visitar. Minha mulher quer conhecê-lo, e perguntar-lhe por certas fidalgas das suas relações. O nosso grande amigo D. Rodrigo da Cunha ha quatro annos que foi dar contas a Deus do logro que pregou ao povo, fazendo cumplice das suas tramoiias o braço do Senhor Crucificado. Quem diria que um prelado de tantas letras havia de socorrer-se de tamanhas trêtas! E aquillo feito por um politico, derrancado pelo mimo com que el-rei nosso senhor o tratou a elle e a toda a parentella! Emfim, adeus; que eu, se começo a bacharellar, não despego d'aqui. Eu lhe contarei quem são os faccionarios do duque de Bragança; e, se Deus quizer, cêdo o convencerei de que o fidalgo mais facil de vender Portugal a Castella é esse a que lá chamam rei. (*Nota 18.^a*)

Na ausencia de Francisco Leitão, o cavalleiro da ordem de Christo olhou para a cara espantada do pae, e disse tristemente:

—Por desgraça, este inimigo de Portugal disse verdades horriveis. Eu sei que ha torpezas reconditas nas secretarias dos ministros de D. João IV: e, se essas são sabidas em Madrid, o edificio de 1640 hade vir a terra, derribado pelos mesmos que o levantaram. Ainda assim Deus sabe que eu desejo morrer debaixo das suas ruinas. Prouvera ao ceo que eu não estivesse em Madrid no dia em que a nossa querida terra hade ser juncada de cadaveres do povo; do povo sómente; que os fidalgos esses hão de ter novas cédulas em aberto como no tempo...

—Em que teu avô morreu na hoste do sr. D. Antonio—atalhou o pae—e eu, se Deus até lá me der vida, não hei de ver soldados hespanhoes no castello de Guimarães. Domingos!—proseguiu o artifice com vehemencia—não me ponhas essa venera ao peito; deixa-me primeiro fechar os olhos; e, depois, cá te avêem com a tua vida; que eu não veja isso, nem ouça lá dizer aos meus visinhos que tu és castelhano.

—Não ouvirá, meu pae...—refutou o filho.—Mas attenda á minha situação de foragido, em meio dos encarniçados inimigos dos bons portuguezes. Se eu campar de patriotismo em Madrid, de certo não terei amigo que me avise para fugir d'este reino para outro. Procederei de modo que não dê suspeitas a Portugal nem a Hespanha, até que um dia possa ir obscuramente morrer á casa onde nasci...

—Irás, meu filho—atalhou o couteleiro, debulhado em lagrimas—Eu d'aqui vou direito a Lisboa, e irei lançar-me aos pés de el-rei...

—Não dê semelhante passo—despersuadiu Domingos Leite.—Dois homens unicamente poderiam dominar o animo de D. João IV. Um, o mordomo-mór, rogou e foi seccamente desattendido; o outro é o alcofa do rei, Antonio Cavide, o secretario de estado, que me odeia, porque eu ousei censurar ao ouvido de quem me denunciou, que um ministro da sua polpa andasse negociando com as açafatas do paço os amores do seu rei. Desista do seu intento, que é humildade e abjecção inutil. O que eu lhe rogo é que vá ver minha filha....

—Não!—objectou o velho tregeitando um gesto de indignado.

—Porque, meu pae?

—Porque terei de ver a mãe! Não hei de ver essa mulher que te fez desgraçado! A creança não tem culpa; é verdade; mas, se eu lá for, parto a cabeça da mãe contra uma parede!

E, dizendo, estirava os ligamentos das mãos e arqueava os dedos, como se entre elles sentisse a cabeça da nora.

N'este comenos entrou Roque da Cunha, galhardeando capa e sombreiro novos, espada no telim, meias de seda, gibão de passamanes, calças golpeadas, e um tregeitar de corpo que denotava estar lá dentro uma alma espanejando-se em jubilos.

—Soube agora mesmo—exclamou com alvoroço o filho de D. Vicencia—que estava aqui teu pae. Venha de lá esse abraço!—proseguiu Roque, estreitando ao peito o couteleiro, que se deixou abraçar impassivelmente.

—Este é o meu amigo Roque—interveiu Domingos apresentando-lh'o.

—Ah!—disse o velho, abaixando a cabeça, sem lhe desfitar os olhos onde se espelhava a desagradavel impressão que lhe incutira o aspeito do cúmplice de seu filho.

—E amigo como poucos!—confirmou Roque—Amigo como nenhum! Amigo como eu só sei ser, quando os homens cá me chegam ao coração.

—Sim, senhor...—balbuciu Antonio Leite, forcejando por sopezar a antipathia que os gestos e maneiras do homem lhe oppunham aos transportes de gratidão, proprios da conjunctura.

—Teu pai está sorumbatico, ó Leite!—observou Roque, despeitado da recepção fria do velho.

—Está triste...—explicou o filho.

—Porque?!—volveu o jovial enteado de Francisco Leitão, fazendo posturas gymnasticas e reviravoltas.—Triste devia o nosso velhote estar, se em vez de vir a Madrid visitar um filho, cavalleiro da ordem de Christo, o houvesse de ir visitar a Lisboa, ao Limoeiro, d'onde alguns cavalleiros costumam sahir para dar cavallaria aos carrascos. Por que está v. m.^{ce} triste? Diga lá! Cuida que em Hespanha não medra a melhor gente de Portugal? Tem medo que o seu filho soffra privações em uma nação, onde é recebido nos braços de um desembargador do paço, e coberto com o manto de cavalleiro que el-rei Filippe IV lhe manda, sabendo que Domingos Leite Pereira foi o discursador fogoso nos tumultos de Evora, e um dos mais estrondosos gritadores da aclamação do duque de Bragança?...

—Legitimo rei dos portuguezes—acrescentou o couteleiro, baixando reverentemente a cabeça.

—Isso agora—replicou Roque da Cunha—é questão que nem v. m.^{ce} nem eu decidiremos, em quanto não tivermos gráo de doutores de Salamanca. Deixemos esse officio a quem toca. V. m.^{ce} faça partazanas na sua officina; e eu, em quanto não tiver officio, preferirei não fazer nada a fazer legitimos reis, que é coisa que não sei fabricar. Sr. Leite, sabe que mais?... Seu filho nada deve ao duque de Bragança. Se teve bom officio, maiores serviços prestou seu filho ao duque, e maiores premios devia D. João á sabedoria de Domingos Leite. A final, pagou-lhe como era de esperar de um aventureiro que subiu de duque a rei, e desceu de rei a villão, desprezando o amor provado dos amigos e galardoando o odio solapado dos inimigos, para firmar sobre consciencias vendidas a segurança do throno, de cuja legitimidade e firmeza tanto crê elle como eu. Chegada a occasião de provar que estimava Domingos Leite, não só pelo que lhe devia, mas tambem pela honra do seu delicto, que fez o seu rei? Ordena-lhe que se desterre voluntariamente, que se despoje do seu officio, que perca a patria e o pão, sob pena de ser preso, julgado, sentenciado e talvez inforcado, porque as testemunhas da devassa o culpam, de cumplicidade na morte de um clerigo torpe. E sabe v. m.^{ce} a rasão que tem o duque para querer fingir-se justiceiro na morte do clerigo? é porque elle preza os traidores, e premeia-os á conta de os ter sempre á volta de si. Ora, como o padre Silveira lhe delatou os fidalgos em 1641, quer agora o tal chamado rei honrar-lhe a memoria, exterminando este honrado moço, a fim de que elle não possa defender-se; porque, se Domingos Leite entrasse em julgamento, havia de sahir absolvido na consciencia do povo, embora o levassem do tribunal para o oratorio.

Com quanto Antonio Leite não objectasse ao longo arrasoado de Roque da Cunha, o silencio do velho não desaprovava nem assentia; todavia, os modos grutescos do amigo de seu filho cada vez lhe azedavam mais a invencivel repugnancia.

Quando, emfim, o alegre e palavroso neto da Barbara da rua dos Cabides se despediu para ir visitar homisiados portuguezes chegados recentemente a Madrid, Antonio Leite disse ao filho:

—Tenho má fé com este homem, Domingos!...

—Porque, meu pai?!.. Não vê que elle me deu provas de amizade tamanhas, que por amor de mim perdeu a patria e o officio que tinha?

—*Provas de amizade...*—murmurou o artifice—Majores te daria eu, se, antes de resolveses matar o padre, me contasses a tua vida. Bom amigo seria o que te aconselhasse a não o matar...

—Então?... que me aconselharia meu pai?!

—Já t'o dei a perceber logo que me contaste as tuas desgraças. Eu, se fosse tu, fazia de conta que não tinha mulher. Tirar a vida a um homem sem rasões muito fortes, não se conforma com a minha rasão. Se elle fosse teu falso amigo, ou te desinquietasse a companheira, vá; mas, se nem ella era tua mulher nem elle sabia que tu a pretendias, mal aconselhado andaste; e, se foi este amigo que te aconselhou, máo amigo foi. Dizes tu que não puzeste a mão no padre: que foi Roque da Cunha quem o matou. Peor, peor! Quem mata um homem, que o não offendeu de longe nem de perto só por ser agradável a um amigo, e anda depois, á laia d'este, contente e prazenteiro, olha que não é a primeira vez que mata, nem lhe custou muito essa prova que deu. Tens um máo amigo, Domingos... Acautella-te d'elle.

—Não seja injusto...—voltou o filho com menos calor do que era de esperar em defeza de um amigo calumniado—Conheço ha onze annos Roque da Cunha, e achei-o sempre leal e serviçal até pôr o seu braço desinteresseiro em desaggravo da minha honra. Não foi elle que se me offereceu para matar o padre; fui eu quem antecipadamente o obrigára por juramento a correr commigo todos os perigos...

—E dize-me cá—interrompeu Antonio Leite—este homem era bem procedido quando te amistaste com elle? Vivia com honra?

—Não tenho que ver com o que elle era...—respondeu Domingos Leite froixamente, lembrando-lhe o assassinio do pai de Miguel de Vasconcellos, a denuncia de Mathias de Albuquerque, os insultos que este general recebera á entrada da Torre de Outão, e outras malfeitorias que não sobreviveram á memoria dos contemporaneos.

—Não tens que ver com o que elle era?—repetiu tristemente o velho—Pois, filho, muito te convem estar de sobreaviso para o que elle hade ser.

Estas palavras, proferidas torvamente, impressionaram o espirito já preparado a recebê-las sem constrangimento da rasão, bem que ao animo reconhecido de Domingos Leite doêsse o consentir em tão austeras demasias. É uma sancta verdade não haver alliança de estima honesta entre dous homens pactuados por um feito criminoso. O affecto de Domingos Leite Pereira a Roque da Cunha era tão simulado ou sobreposse, quanto os remordimentos de um e o despejo do outro se distanceavam entre si. O coração—que desbordava de lagrimas, scismando na filha estremecida, e, ás vezes, vibrava de angustia, pensando que a esposa poderia vingar-se dando a outro a belleza desprezada—não entraria aos lodaçaes, onde as grandes angustias se atordoam e atrophiam, imparceirado com Roque da Cunha.

Domingos Leite era muitissimo desgraçado, quando seu pai o deixou, indo a Guimarães vender o prediozinho que representava trinta annos de economias.

XI

Chamava a cada hora pelo pai a inconsolável Angela.

A mãe acariciava com beijos o rosto da filha; e, soluçando, dizia-lhe que o pai não tardaria.

A menina adoeceu de molestia que a mãe attribuiu a saudade. Maria Isabel desvellou as noites de joelhos á beira do leito; e, invocando o testemunho ou a piedade da Virgem do ceo, protestava suicidar-se, assim que sua filha morresse.

Quando Angela se amodorrava em lethargia febril, Maria Isabel escrevia ao marido a historia por minutos da doença da filha. Cada pagina terminava por nova supplica de as levar para si, a não ser que a creança expirasse, que então nada lhe pediria a não ser o perdão.

A desventurada amava o marido n'aquellas horas escurissimas. As derradeiras palavras d'elle, ao despedir-se, compungiram-na profundamente, por que gemiam na alma onde o desalento amolentára os espinhos do odio. O natural despeito de se ver desprezada, por espaço de anno e meio, pôde menos que a consciencia de haver matado o porvir d'aquelle homem, tão prosperado e ditoso n'outro tempo! Alanciavam-na remorsos de o ter enganado, e pensou que a Providencia a punia, pondo-lhe o marido no desterro e a filha na sepultura.

Angela resurgia salva da perigosa enfermidade, quando Maria Isabel, fechando a longa relação com a fausta nova da convalescença, sobrescriptou a carta para Madrid.

N'aquelle tempo, cartas enviadas a Hespanha eram revistadas e rasgadas quando não davam margem a suspeitas. Todo o portuguez que demorasse então em Castella peccava por traidor á patria ou criminoso foragido á justiça. Domingos Leite Pereira fôra arrolado na classe dos ultimos.

Tanto que o seu confessor lhe disse que o marido não recebia as cartas, Maria Isabel, soffrendo o pejo, recorreu pessoalmente ao marquez de Gouvêa, levando comsigo a menina. O velho mordômo-mór recebeu-a com benevolencia. As lagrimas em rosto formoso ensinam a delicadeza e afinam almas compadecidas. Entretanto, o marquez não se prestou a transmittir as cartas, receando molestar a irritabilidade de el-rei.

—Mas que mal fez meu marido a el-rei?—perguntou Maria Isabel.

—Não fez mal directamente a el-rei; usurpou-lhe simplesmente o direito de castigar. Quem mata um homem sem poder allegar que o fez em justa defensão de sua vida, dá a entender que o faz desconfiado da lei.

—Então o sr. D. João IV persegue meu marido?

—Não, senhora; permite que a justiça cumpra o seu dever.

—E, se eu fosse com a minha filha lançar-me aos pés da rainha?

Sorriu-se o marquez em ar de reprovação do alvitre, lembrando-se que D. Luiza de Gusmão impedira que el-rei se deixasse apiedar das deplorações da duquesa de Caminha, quando já se estavam carpintejando as peças do cadafalso. Alem d'isso o mordomo-mór sabia que o nome da mulher de Domingos Leite chegára ao aposento da rainha com o labeo de prostituida a um padre. Não revelou o que lhe passava na mente, e fez apenas um gesto negativo.

—Mas el-rei não me trataria com desabrimento?—proseguiu ella.

—Não, com certeza. El-rei tractou mui urbanamente a sr.^a duquesa de Caminha, quando lhe foi pedir o perdão do marido.

—Mas não perdoou...

—É verdade; porém, são muito diversos os pedidos e as causas. Que lhe quer vossa mercê pedir?

—Que deixe vir meu marido para Portugal.

—E não seria melhor buscar meios de elle ser julgado e absolvido?—replicou o fidalgo.

—Não conheço ninguém... e tenho vergonha de fallar aos juizes!...

—Acho justa essa repugnancia...—assentiu o marquez—todavia, se quer fallar a el-rei, maior lhe deve ser o pejo.

Maria, apóz breve pausa, em que ponderou a replica judiciosa do mordomo-mór, insistiu ainda chorando:

—Se V. Ex.^a se compadecesse de nós...

—Em que posso mostrar-lhe que me compadeço das suas magoas?..

—Se V. Ex.^a tivesse modo de fazer chegar a minha filha á presença d'el-rei nosso senhor com um requerimento meu...

—Heide pedir licença a sua magestade, e espero alcançal-a. Dar-lhe-hei a resposta. Porém, suppondo que el-rei lhe nega audiencia ou lhe indifere o requerimento, dou-lhe um conselho. Vá para Madrid com sua filha. Seu marido de certo a não repulsará, se a senhora abrir o caminho ao perdão por intermedio da filha que elle adora. Se acontecer achal-o colerico, haja-se com discreta paciencia, dispensando-se de viver em commum com elle. Vossa mercê é bastante rica. Tanto lhe faz viver em Lisboa como em Madrid. Quadra-lhe o conselho?

—Sim, sr. marquez—assentiu Maria Isabel muito reanimada—E V. Ex.^a protege a minha ida?

—Heide conseguir que não lhe impeçam a passagem nas fronteiras, e dar-lhe-hei uma carta que esta menina hade entregar ao pai.

—E como heide encontral-o em Madrid?

—Antes de vinte e quatro horas saberei de Gaspar de Faria onde seu marido se alojou. Se chegar a ir, e reconciliar-se, recommendo-lhe com muita instancia que môva Domingos Leite a sahir de Hespanha. El-rei tem bons amigos em Madrid que lhe relatam pensamentos, palavras e obras dos portuguezes que lá vivem. Já cá é notorio que Domingos Leite, dominado pelo seu funesto amigo Roque da Cunha, concorre ás cazas mais suspeitas dos maquinadores da nossa escravidão. Sobre queda couce, diz o ditado. Não é assim que elle hade ter por si el-rei e os juizes. Por estas e outras rasões lhe aconselho, como bom amigo que ainda sou de seu marido, que em vez de ir a el-rei, passe a Hespanha; e depois, se Domingos Leite a quizer attender e á carta que eu lhe hei de dar, vão para França ou para Roma.

Nesta conjuntura entrou o secretario Antonio de Cavide, que fitou com ares de assombrado o bello rosto e garbosa compostura da dama desconhecida.

Maria Isabel, erguendo-se, disse á filha que beijasse a mão do sr. marquez, e sahiu.

—Quem é esta gentil fada?!—perguntou Antonio de Cavide—Eu nunca vi mais guapa mulher!

—É a esposa de Domingos Leite Pereira.

—Oh!... é esta!?. Olha o maganão do padre Luiz com que cilicios se penitenciava! Bem me dizia el-rei que a mais bonita mulher de Lisboa, segundo ouvira ao juizo competente do sr. marquez, era a Traça-malhas... Que diria sua magestade, se a visse?

—Que diria, e que pensaria!..—acrescentou o mordomo-mór, sorrindo com a malicia commum dos dois fidalgos.

—Eu sei cá!..—tornou o secretario de estado franzindo o sobr'ôlho—Talvez desculpasse o clerigo, e perdoasse aos ciumes ferozes do marido...

—Esta é joia mais de preço que a condessa de Villa Nova!..

—Upa, upa!

—E vai muito alem da açafata?

—Da Justa Negrão? Upa, upa! sr. marquez!

—Vem a ponto uma pergunta: a D. Justa está contente no mosteiro de Chellas?—perguntou o marquez.

—Está resignada desde que eu lhe mostro a filha de mez a mez.

—E el-rei continua a ver a menina?

—Levo-lh'a ao palacio de Alcantara todas as terças feiras. El-rei é doido pela pequena, e chama-lhe a sua querida infanta: mas a creança, que fez agora trez annos, tem uns ares tristes que fazem scismar.

—Adivinhará as lagrimas da mãe?—aventou o marquez—Ou seria concebida em estação amargurada...

—Lá como ella foi concebida não sei; são segredos de alcôva; mas a historia das damas dos reis não me fez conhecer uma só que se carpisse de ser mãe...

O mordomo-mór derivou a palestra em outro rumo, receando molestar o pundunor do ministro lançarote de el-rei.

Era Antonio de Cavide tanto das entranhas de D. João IV que, se o leitor leu em a [Nota 6.^a](#) o

testamento do rei, trasladado dos apontamentos originaes, veria as referencias com que o seu real amigo o recommenda á consideração da rainha. Arguiam-no os aulicos de ser o medianoiro dos amores illicitos do monarcha. Da açafata D. Justa Negrão segredava-se na côrte que fôra elle o corruptor á custa de infames alliciações, necessarias a vencer a indifferença e até a reluctancia da criada do paço. Fôra ainda Antonio Cavide o agente da profissão de D. Justa no convento de Chellas, e em caza d'este secretario se estava creando a filha d'esses amores, em que a victima violentada ganhára vestir a mortalha monastica, volvidos dois annos, mais que longos, para o regio fastio de sua magestade (*Nota 19.*^a)

Este secretario de estado, raramente referido nos historiadores do reinado de seu real amo, exercia attribuições, segundo parece, nas coisas secretissimas do rei, não lhe sobrando vagar para as do estado. Ainda assim, do testamento do monarcha deprehende-se que nenhum homem gosou como elle a confiança do rei até á hora final. Rodados vinte e seis annos, achamos Antonio Cavide condemnado á morte, na regencia de D. Pedro, como conjurado na tentativa de rebellião a favor de Affonso VI, prezo na Ilha Terceira. E dado que dois modernos historiadores³ nos dêem Antonio de Cavide executado em Lisboa em 1673 é bem de ver que não colheram idoneas informações de escriptores coevos. Carlos II de Inglaterra, enviando, a rogos de sua esposa D. Catharina de Bragança, um navio a Lisboa com embaixador expresso, a pedir o perdão do velho secretario de D. João IV, logrou salvar-o do patibulo; mas, decorrido breve termo, Cavide morreu com suspeitas de empeçonhado por insinuação do regente.

XII

Maria Isabel, querendo passar a Castella, offereceu os seus predios da Tanoaria a varios compradores que lh'os haviam desejado; mas a alienação dos bens seria nulla sem consento do marido, e nulla tambem em quanto elle não houvesse respondido á justiça, que o esbulhára dos seus direitos.

Recorreu a dama ao mordomo-mór, que não antevira o embaraço, nem podia removê-lo. A consternada senhora sahiu do gabinete do marquez, desattendendo os prudentes conselhos que tendiam a esperar alguns dias o resultado da intervenção de um ministro mais influente no real animo. O mordomo-mór lembrara-se de Antonio Cavide. Maria Isabel lembrara-se de D. João IV.

Seguiu d'alli, com a filha, para o paço da Ribeira, e entrou no Arco de Ouro. Debaixo da arcada estava a Porta da Campainha. Chamava-se assim porque debaixo d'aquelle arco havia entrada franca de serventia para uma casa onde estava uma roda, como a das portarias monasticas, e sobre a roda uma sineta que tangiam as pessoas que procurassem el-rei. E, logo que a campainha tocasse, D. João IV enviava alguem a reconhecer a pessoa, ou descia propriamente, se esperava ser procurado por aquelle meio menos ordinario.

Estava o rei com Antonio de Cavide na sua pomposa bibliotheca de musica, situada na porção do palacio chamada o *Quarto do Forte*, quando ouviu tanger a sineta.

—Vá ver quem é—disse o rei sorrindo—Olhe que não vá ser algum burro lazarento...

Emquanto o secretario de estado vai e volta, saibamos que allusão é aquella do burro lazarento, visto que Diogo de Paiva e Andrade no'l-a transmittiu nas suas *Memorias*, por vezes citadas n'este livro. Foi que uma vez entrara um jumento vadio no recinto da sineta, e começou a trincar a corda no intento provavel de a comer. Ora como a sineta repicava tão ligeira quanto a fome do tangedor esgarçava no cordel, D. João IV, que estava só, e extranhára o pressuroso dos toques, desceu pessoalmente á casa da roda, e perguntou quem era. Como ninguem lhe respondesse, mandou averiguar se a pessoa que tocára já teria subido á saleta de espera. O enviado voltou annunciando a sua magestade que encontrara um burro muito magro. El-rei ordenou logo que o levassem ás cavallariças reaes, com recommendação de o tratarem fartamente; e accrescentou: «Semelhante pretendente não póde ter outro requerimento.»

Não me consta que D. João IV, em toda a sua vida, dissesse ou fizesse coisa de tanto espirito. A não ser coevo de sua magestade aquelle burro faminto, morreriam ambos ignorados, sendo digna de escriptura a lembrança que os dois tiveram.

Voltou no entanto Antonio Cavide com ridentissimo semblante, e disse:

—Mal pensava eu, real senhor, quando ha pouco tentava pintar o esbelto rosto da mulher de Domingos Leite, que ella tão perto estava de desmentir na presença de vossa Magestade a pallida copia que eu fiz!...

—Foi ella que tocou?!—acudiu o rei entre alegre e maravilhado.

—Ella, meu senhor, acompanhada da filha. Pede audiencia; e, apezar de coberta de lagrimas, nunca houve orvalho que aljofarasse mais purpurinas rosas!..

—Estou a ver se me falla em verso, Cavide!—disse o rei escondendo a custo a commoção da curiosidade—Mande-as entrar na primeira sala.

O secretario de estado correu o reposteiro da sala de espera e disse a Maria Isabel:

—Sua magestade houve por bem admittir a vossa mercê á sua real presença; queira entrar n'esta sala, e esperar el-rei nosso senhor.

A esposa de Domingos Leite com difficuldade se sustinha nas pernas, chegado o momento de se avistar face a face do rei: tremia de respeito como tremeria de pavor. A menina aconchegava-se d'ella olhando-a com susto, e circumvagando a vista assombrada pelas tapeçarias e colgaduras de ouro e prata, de veludo e damasco entre as quaes lampejavam contadores marchetados de ouro e marfim, grandes cofres abaulados de tartaruga e prata, bofetes torneados com feitios de dragos e serpentes, jarroens japonezes encimados das peregrinas flores que recendiam nos jardins do paço da Ribeira, redomas de christal, relogios de Inglaterra com primorosos relevos de esmalte, as pompas de toda a terra conglobadas n'aquelle palacio, que já então pompeava primasias sobre as mais esplendidas côrtes da Europa, graças á baixella da duquesa de Mantua, que nunca lhe foi restituída.

Posto que o tapete abafasse as passadas d'el-rei, Maria Isabel ouviu-o nas palpitações do coração; e já estava em joelhos, quando um sumilher da cortina correu o reposteiro com um ringido de aço estridente que, digamol-o assim, aggravava mais o terror do lance.

D. João IV entrou; o reposteiro ajustou-se outra vez aos batentes da ampla porta; e, n'este conflicto, a filha do burguez João Bernardes Traga-malhas cuidou que desmaiava, encostando a face esquerda ao volante que cobria a cabeça da menina.

Orçava então o rei pelos quarenta e tres annos. Não obstante as bexigas, que lhe alteraram notavelmente a gentilisa do rosto, conservava vivacissima a graça dos olhos azues, mais risonhos que os labios, nos escassos momentos em que o contentamento lhes transluzia desafogado da violenta caracterisação de rei suspeito. Era de estatura mean, e largo de espaldas, robustecido em lides fragueiras, despresador de inclemencias de tempo, quando nas monterias da tapada de Villa-Viçosa dispendia selvaticamente os melhores annos da existencia. Dá a perceber o conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, no *Portugal Restaurado*, que D. João era tão desregrado na alimentação que anticipara a caduquez do corpo. O historiador aulico, se lhe dessem trella, e alforria no pensamento, assim como nos disse que no rei o trajar era pouco menos que rustico e sujo, communicar-nos-hia a intemperança do espadaúdo sugeito, cevando-se nas lubricidades que adelgaçam as mais maçorras e rijas compleições.

Não se pense, porem, que o rei de Portugal n'aquelle dia trajasse immundo ou denotasse na epiderme do rosto padecimentos de hydropesia. Vestia um *pourpoint* (gibão) de panno preto, refogado no peito, sem guarnições até baixo do joelho, como loba clerical, e a pescoceira da camisa derrubada sobre a gola d'aquelle vestimenta que muitas vezes usava, da vil droga chamada estamenha. (*Nota 20.^a*)

Os cabelos loiros, mas tosquiados quasi rentes, descampavam-lhe a fronte, relevada em proeminencias, que inculcariam talento, se a sciencia phrenologica de Spurzheim não fosse um lôgro nas cabeças da raça dos braganças, não collaboradas.

Calçava meia de sêda escura e sapato de veludo com um simples botão, sem os broches e orladura de ouro e perolas com que medianos fidalgos e até os pecuniosos da classe média se ajaesavam.

Como já vimos, Maria Isabel Traga-malhas esperava ajoelhada e perturbadissima a entrada d'el-rei.

Caminhando a passo vagaroso para ella, D. João IV parou a pequena distancia, e disse-lhe:

—Levantae-vos, senhora!

E como ella permanecesse em joelhos e anciada, o rei insistiu:

—Erguei-vos, que eu desejo ouvir-vos sem essa postura de adoração. Vamos! a pé!

Sua magestade poderia dizer alguma coisa mais regia, mais conceituosa, mais galan, ou, sequer, mais espirituosa, para arrolarmos com a outra do quadrupede da sinêta; mas não o arguamos de canhêstro ou pecco de phrases, dado que, a respeito da sua eloquencia, o referido conde da Ericeira nos diga que não costumando o rei a empregar as *palavras mais polidas, usava d'ellas com tal arte, galantaria e agudeza que parecia fazia estudo do que em outros podera ser defeito.*⁴

D'esta vez, cumpre desculpar-lhe a insufficiencia, dando-lhe foros de mero homem em presença da mulher que ultrapassava toda a belleza imaginada.

Maria Isabel, apesar de ter meia face vellada no rebuço do capotilho—descortezia que ella ignorava por desconhecer ceremonias palacianas—deixava metade do rosto aos deleites da admiração, e a outra metade á curiosidade dos desejos, como diria na sua rhetorica farfalhuda

Antonio Cavide.

Quando Maria se levantou, sem altear os olhos acima do estrado, acercou-se mais o rei, e poz a mão na face de Angela, dizendo:

—És muito galante, menina!

A mãe relançou a vista menos tímida á face de D. João, e, como lhe encontrasse os olhos fixos, derivou logo os seus para a creança, absôrta na contemplação do rei.

—Sentae-vos, senhora—continuou, apontando-lhe uma cadeira, e olhando de esconso para o reposteiro, afim de certificar-se que ninguem lhe espreitava tão insolita cortezia ou tamanho abatimento da magestade.

—Se vossa magestade não quer ouvir-me de joelhos, peço que me deixe supplicar de pé a sua misericórdia—balbuciou Maria.

—Sentae-vos e dizei. Tudo que o rei poder fazer-vos sem gravame da justiça e direito de seus vassallos, ser-vos-ha feito. Vindes pedir-me que absolva vosso marido de um crime publico? não sou eu quem hade sentenciar-o ou absolver-o.

—Não peço tanto a vossa magestade, meu Senhor...

—Que quereis então?

—Ir com minha filha para Madrid.

—Quereis ir para Domingos Leite?—perguntou o rei com estranhesa.

—Sim, real Senhor.

—É elle que vos chama?

—Saberá vossa magestade que eu, desde que elle partiu, nunca mais tive noticias suas.

—Apezar d'isso, quereis ir... Quem vos priva?

—Quiz vender parte dos meus bens, e a justiça não m'o permite nem permitirá ainda que meu marido assigne os contractos.

—Porque é essa a lei dos criminosos—volveu gravemente o rei—Vindes pedir-me que submetta a lei á minha vontade particular? O que não posso fazer como homem, n'este caso, tambem o não posso fazer como principe. Eu não subordino a justiça: sou-lhe subordinado. Porém, como homem, poderei prestar-vos um serviço, se o quizerdes acceitar. Dar-vos-hei meios para irdes a Castella; e emquanto lá os carecerdes, remediar-vos-hei.

Maria, pela primeira vez, encarou a fito o monarcha. Brilhavam-lhe as lagrimas nos esplendidos olhos. El-rei parecia olhal-a com o resguardo tímido de vassallo a contemplar, reconditamente amoroso, a sua rainha.

—Eu queria—murmurou ella—levar a meu marido o que herdei de meus paes; mas agradeço a vossa magestade a esmola que me offerece.

—Não é esmola; é emprestimo. Quando a sentença remover os estorvos que vos privam de vender os bens, então me pagareis. Entretanto, sabeis se vosso marido vos receberá graciosamente?

—Não sei, meu senhor...

—Ouvi dizer que elle, desde a morte de certa pessoa, vos não fallára mais. É verdade?

—Sim, meu senhor.

—E esse desprezo não impede que o ameis? Fallae-me verdade inteira, porque a vossa sorte me está prendendo extraordinariamente a attenção. Amaes Domingos Leite?

Deteve-se alguns momentos a interrogada, e respondeu com embaraço:

—Casei com elle por paixão, e foi a paixão que me cegou...—e aqui reteve-se vexada e confusa.

—Sei o que vos custa a dizer:—acudiu o rei—passae adiante, Maria Isabel.

A suavidade com que D. João proferiu os dois nomes parecia arrasar uma alta barreira, erecta entre os desiguaes interlocutores. Aquelle tom de benevola confiança—o vêr ella seu nome na memoria d'el-rei—deu-lhe umas largas á alma, uns assomos de vaidade, um desafôgo analogo ao dos pulmões que se impregnam de correntes de ar novo em recinto abafadiço.

—Dizei,—proseguiu elle—O desamor com que Domingos Leite recusou perdoar-vos uma culpa, que devia ser attenuada pela innocencia com que a praticastes, foi causa a que a vossa paixão se

desvanecesse... Errei o meu juizo?

—É verdade, real senhor!.. Eu sei que fui criminosa em acceitar o seu galanteio; mas não o seria... se não fosse tão innocente.

—Ainda assim, é compaixão ou amor que vos resolve a procural-o em Hespanha?

—É esta creança que chora por elle; e é a afflicção que eu sinto quando me lembro das afflicções com que meu marido se separou da filha...

—E de vós, não?!—redarguiu elle com perfida admiração.

—Parecia querer perdoar-me n'essa hora...

—Bem. Perguntae-lhe se vos perdôa. Se elle vos disser que sim, ide, e contae commigo. Lembro-vos, comtudo, que em Madrid Domingos Leite é recebido como homem brioso que matou um padre, amante de sua mulher: e que o sr. D. Filippe IV, attendendo aos merecimentos de tal façanha, o honrou com o habito de cavalleiro da ordem de Christo. Não sei se elle vos acceitará, depois que este boato, em grande parte aleivoso, se derramou em Portugal e Hespanha; e estou em crêr que Maria Isabel, tão mal considerada em Madrid, não quererá apparecer aos admiradores de seu marido.

—Esse boato é uma calunnia, senhor!—exclamou ella com os olhos sêccos e o rubor nas faces.

—Não m'o digaes a mim, que eu já vol-o disse. Li o processo com o maior empenho; quiz salvar vosso marido; já vêdes que se alguém duvida da vossa innocencia de esposa, não sou eu. Como quer que seja, em materia tão melindrosa, não sei nem devo aconselhar. Fazei o que bem vos apraza. Repito: escreva Maria Isabel a seu marido, e dê a carta ao meu secretario de estado Antonio Cavide, que elle a fará entregar directamente a Domingos Leite, e a resposta, se vier, ser-vos-ha entregue.

—Ah!—suspirou a formosa—se o meu nome anda tão infamado em Madrid, meu marido não me responde... Elle desprezava-me, quando toda a gente ignorava a minha desgraça; que fará agora que é maior deshonna para elle reconciliar-se commigo!..

—Quem sabe? O coração humano faz mudanças de que não sabemos dar causa nem rasão. Nada se perde em lhe sondardes o animo. Escrevei-lhe hoje, que amanhã Antonio Cavide, ou alguém com recado seu, irá procurar vossa carta.

E, voltando-se para a menina, perguntou:

—Como te chamas, linda?

—Angela—respondeu a creança.

—Criada de vossa magestade—acrescentou a mãe muito desvanecida da regia curiosidade.

—Pois que dizeis que é minha criada—volveu D. João IV—minha criada fica sendo desde hoje, e virá exercer o seu officio, quando a idade lh'o permittir. No emtanto, o seu nome será registrado no livro das açafatas da rainha, desde já.

—Ajoelha a sua magestade, e pede-lhe licença para lhe beijar a mão—disse Maria Isabel com transporte.

O rei colheu a menina nos braços, e disse:

—Eu é que lhe beijo estas duas rosas do rosto, que fazem lembrar os cherubins. Uma reflexão—proseguiu o rei de subito—não diga Maria Isabel a seu marido que eu nomeei sua filha criada do paço. Seria muito dolorosa para mim semelhante nova dada a um homem, que não póde ser galardoado emquanto não fôr absolvido. Tendes entendido?

—Esteja vossa magestade segurissimo de que eu não direi que fallei a vossa magestade.

—Ainda melhor, ainda melhor. Nem uma palavra que prenda commigo.

Maria levantou-se indecisa se lhe cumpria despedir-se ou ser despedida d'el-rei.

—Quereis sair? Esperae,—disse D. João—que eu vou mandar-vos o meu secretario de estado para vos acompanhar á liteira.

—Vim a pé, real senhor.

—Ah! sim? Não obstante, esperae.

Sahiu o rei, beijando outra vez Angela, e deteve-se breves minutos com o secretario, que sahiu a dar ordens a um pagem, que as foi transmittir a um moço da estribeira.

Voltou Cavide outra vez á presença do amo.

D. João IV, encaracolando o bigode louro, e palmeando na espaciosa frente, clamava entusiasta:

—Que mulher! que mulher! Bem me dizia o marquez... Não ha dama no paço que lhe ganhe!.. Oh! que soberba creatura! tem musica na voz a feiticeira! Nunca vi coisa assim, nem viva nem pintada!

Cavide ria-se e esfregava as mãos.

—Isto não é para rir, meu caro!..—obstou o rei—Querem vêr que eu estou apaixonado!..

N'este lance grave, que as expressões do rei e a cara do valido tornavam ridiculo, o pagem disse por detraz do reposteiro que o moço da estribeira enviára dizer que a liteira das açafatas estava no pateo do norte.

—Vá! ordenou o rei ao secretario.

Antonio Cavide entrou na sala, onde ficára Maria Isabel, e inclinando a cabeça, disse:

—Sigam-me vossas senhorias.⁵

E, descendo ao pateo onde estava a liteira com lacaios de libré da casa real, deu a mão a Maria Isabel para ajudal-a a subir.

—Eu vim a pé...—gaguejou a mulher de Domingos Leite, não percebendo o convite do fidalgo.

—Sei isso; mas sua magestade manda conduzir na competente liteira a sua açafatasinha e mais sua mãe, muito minha senhora.

E, ao mesmo tempo que dizia isto mui galãmente, tomou Angela nos braços, e sentou-a no almadrake inferior; depois, offereceu o hombro á mãe, fechou a portinhola, e disse ao lacai da frente:

—A casa de suas senhorias é na Porta do Salvador.

A liteira partiu com as cortinas fechadas. O instincto do pejo imprimira aquelle impensado impulso ao braço da mulher do expatriado.

E D. João IV, que de uma janella que abria sobre o terreiro, presenciára o fecharem-se as cortinas da liteira, dizia depois a Cavide:

—Aquelle recato pagára-lh'o eu com milhões, se o meu coração não valesse mais que elles!...

O confidente ouviu isto com a maior circumspecção.

O castigo supremo dos validos é não poderem escancarar sinceras gargalhadas nas faces dos reis.

XIII

Vellou a noite inteira Maria Isabel.

Figuravam-se-lhe visões, ora terriveis, ora deslumbrantes.

Sentia o que quer que fosse de interior transfiguração de seu ser. Contemplava-se e via-se mudada virtualmente. A scena do paço, a sala esplendorosa, o rei, a *senhoria* do secretario, a açafata, a liteira armoreada, a libré, e sobretudo os conselhos do rei, aquellas phrases umas vezes meigas, outras vezes tristes, o seu nome tres vezes proferido pelos regios labios, tudo, que ainda sonhado lhe seria deleitoso, era, em realidade, sobejo estimulo a que a noite lhe corresse não dormida. Mas, por entre as fulgurações da imaginação febricitante, dava-lhe tremuras um pavor indefinivel, se a idéa de ter cahido na graça do rei lhe impunha o dever de se lhe dar cegamente, e sem resistencia de rasão, de religião ou de pudor, como as mulheres que se vendem. Contradiziam-lhe estes sustos do pejo as palavras de D. João IV, aconselhando-a a consultar a vontade do marido, quanto a ir para sua companhia. Depois, como a revirar-lhe esta pudica justificação dos reaes intentos, occorria-lhe a lembrança de ter ouvido dizer a Domingos Leite que D. João IV nos seus amores, quando duque, não se estremava dos moços do monte em bruteza; que nenhuma das suas afeiçoadas lhe conhecera coração. E d'ahi umas explosões luminosas de vaidade, a mulher em todo o seu elastério de vangloria, tanto mais acrisolada quanto se vira repudiada do marido... Muitas expressões do soberano soavam-lhe ainda nos ouvidos, quando a luz da seguinte manhã lhe alvoreceu no quarto; e, entre todas, estas principalmente: *...Não sei se elle (o marido) vos aceitará, depois que este boato, em grande parte aleivoso, se derramou em Portugal e Hespanha; e estou em crêr que Maria Isabel, tão mal*

considerada em Madrid, não quererá apparecer aos admiradores de seu marido.

—Decerto, não quero!...—dizia ella de si consigo—Ainda que elle, por amor á filha, me deixe ir, hade querer que eu me esconda para que me não vejam; e talvez que me mande embora depois de lá ter a filha. Além d'isso, se eu lhe disser que o rei me dá o dinheiro para lá viver, elle reprova que eu o acceite, e pergunta-me como foi que eu procurei e obtive este favor...

Alvoroçada por tantissimas idéas incongruentes, sentou-se ao bofete para escrever tantas vezes quantas se levantou, depondo a penna, por não atinar com o expediente mais natural, ou, digamos antes, mais artificial da carta.

N'esta conjunctura, appareceu a menina a recordar-lhe as impressões da vespera, a fazer-lhe repetir as palavras que o rei lhe dissera, a pedir explicações dos dizeres que não percebêra. Depois vieram as criadas sobresaltadas, e Maria Isabel contou-lhes á sua anciosa curiosidade que a sua Angela era açafata, que o secretario de estado lhes déra senhoria, que el-rei tivera a menina sobre os joelhos, que a beijára muitas vezes; e de tudo pedia segredo ás môças, por certos motivos, os quaes motivos as criadas, em conciliabulo de cosinha, explicavam tão compridamente que não deixavam nada a desejar.

Assim foi correndo o dia, até que, ao cahir da noite, se annunciou a um laçao de Maria Isabel uma pessoa que sua senhoria esperava.

O secretario particular do rei, annunciando-se incognito, a hora tão impropria, começava o acto mysterioso da sua interferencia; não obstante, a mãe da açafata, quando se lhe deu a noticia, disse com desenvoltura propria de fidalga, affeita a visitas de tal porte:

—Hade ser o secretario de estado Antonio de Cavide.

Momentos depois, o cortezão beijava os dedos da mulher de Domingos Leite, affagava a sr.^a Dona Angelasinha, a quem sua magestade enviava um beijo, e terminava por dizer que vinha receber a carta que havia de ir para Hespanha na manhã do dia seguinte, conforme as ordens dadas por el-rei ao correio-mór.

—Ámanhã!—disse Maria Isabel—Já ámanhã!... Mas eu ainda não escrevi...Como hade ser?

—Ainda tem v. s.^a muito tempo. Eu voltarei mais tarde, ou mandarei um escudeiro procurar a carta—remediou o secretario.

—Jesus!—murmurou ella, com ademanos de afflictia.

—Que tem a sr.^a D. Maria?—volveu Cavide.

—Não sei... não sei em que termos heide escrever a meu marido...

—Comprehando o seu embaraço... que em verdade é justificadissimo. Devo dizer-lhe, senhora minha, que o que passou entre el-rei meu amo e v. s.^a, me não é de todo estranho. Tambem eu, pensando durante a noite no segredo que é mister haver, respeito á mercê que el-rei lhe faz, mal posso ligar a ida de v. s.^a para Hespanha sem que seu marido conheça a origem dos recursos, e até a real intervenção na remessa da carta. O sr. D. João IV, meu amo, d'esta vez não conciliou a generosidade de seu real animo, com a circumspecção que lhe é habitual. Quer-me parecer que v. s.^a deu todo pezo ás considerações que sua magestade lhe fez, e eu tambem tive a honra de ouvir-lh'as. Desde que o sr. Domingos Leite, fugindo para Castella, deu ansa á calumnia que denigre a reputação de sua mulher, parece, até certo ponto, que protestou diante do mundo não receber mais em sua companhia uma esposa, que lá e cá—malditas linguas!—passa por ter faltado á honra conjugal.

—Mentira!—interrompeu Maria Isabel assomada.

—Mentira atroz—assentiu Cavide—Sabe-o el-rei, sei-o eu, sabem-no os ministros em cuja alçada corre a devassa; mas os praguentos querem que as atoardas se propaguem bastante aleivasas para que lhes seja mais farto o sêvo da maledicencia. A nossa questão não é a calumnia; é sabermos como v. s.^a hade affrontal-a, como seu marido hade desfazêl-a, se lhe quizer perdoar; emfim, como a sr.^a D. Maria, minha senhora, hade illibar-se perante o mundo. Aqui é que bate o ponto. Por isso dizia eu agora que comprehendo os embaraços em que v. s.^a hade achar-se no modo de escrever a seu marido.

—Tem v. s.^a razão.—confirmou Maria Isabel—Pensei n'isso tudo que me disse, e estive duas horas a começar cartas e a rasgal-as, porque tudo me parecia máo... não sei como heide sahir d'este aperto!...

—Peço venia para lhe dar um conselho...—disse Antonio Cavide, erguendo-se, aproximando-se d'ella mais á puridade, e abaixando o tom da voz.

—Faz-me v. s.^a um grande beneficio, se me aconselhar.

—Auctorise-me a sr.^a D. Maria a consultar el-rei, meu amo. Parece-me que nenhuma deliberação lhe cumpre tomar sem ouvir o parecer de sua magestade...

—Nem eu me atrevo a pensar coisa alguma em contrario das ordens d'el-rei.

—Mas—volveu o valido, depois de estar alguns minutos recolhido, passando por sobre os dentes a unha do pollegar como se corresse um teclado—Mas, se v. s.^a me promette segredo inviolavel com juramento...

—Prometto...—balbuciou Maria Isabel, tremula de alvoroço, entre receosa e anciada de curiosidade, com os brilhantes olhos postos nos beiços do secretario.

—Promette-me nunca, em tempo algum, em quaesquer circumstancias de sua vida, revelar propriamente a el-rei o que lhe vou dizer?

—Sim... prometto...—affirmou ella.

Antonio de Cavide pegou da mão de Angela, e apontando-lhe um cofre de madre-perola que estava sobre um contador no extremo da sala, disse-lhe:

—Vá a menina buscar aquella alfaia que desejo vel-a.

E, enquanto a menina foi, inclinou os labios ao ouvido de Maria Isabel, e segredou-lhe:

—El-rei quer-lhe como não quiz a ninguem n'este mundo. A vontade do meu real amo é que v. s.^a não vá para Hespanha; e eu, que conheço quanto el-rei soffreria, se a sr.^a D. Maria partisse, rogo-lhe encarecidamente que não vá.

A menina já estava ao pé do secretario com o cofre, quando Maria Isabel, proferidas as ultimas palavras, pegou de enfiar e tremer a ponto que Angela lhe disse assustada:

—Que tem, minha mãesinha, que está tão amarella?

E, ao mesmo tempo, o subtil alcayote, examinando os embrexados da caixa japoneza, resmuneava:

—Que formoso lavor! que linda coisa!.. É alfaia do tempo do sr. rei D. Manuel. Cá tem a esphera armilar! Bellissima joia!..

E, lançando de soslaio a vista a D. Maria, murmurou como se conversasse com as figuras chinezas embutidas no cofre:

—Não cuidei que lhe dava novidade; nem que a novidade, se o fosse, a inquietasse tanto! Seria triste se eu a magoava, pensando que lhe trazia o maior contentamento que pode dar-se á primeira fidalga da côrte portugueza.

Angela ouvia e não percebia as palavras, quando a mãe, abraçando-se n'ella com estremecido affôgo, resudava nas palpebras cerradas uma, ou talvez duas lagrimas que deviam ser—oh materialidade!—a cristalina seiva das fibras do pudor, as quaes viriam a depauperar-se em resultado d'aquelle perdimento de vida.

—Aqui tem, minha açafatasinha—ajuntou o secretario de estado, entregando o cofre a Angela—Esta caixa cheia de perolas e diamantes não valeria tanto como as duas lagrimas que sua mãesinha tem nos olhos. E eu bem sei o coração em que ellas vão cahir e doer...

Maria Isabel permanecia com a face apoiada na mão, o cotovello no braço da cadeira, os olhos velados pelas sedeudas pestanas, e com uma lagrima que, derivando, se quedára tremula no canto dos labios.

Antonio Cavide ergueu-se e caminhou para onde tinha o chapéo emplumado. Pegou d'elle, e sacudindo-o, á maneira de leque, entre as mãos, veio ao pé de Maria Isabel, que se havia levantado.

—Recebo as determinações da sr.^a D. Maria Isabel, minha senhora. Mandarei ou virei em demanda da carta, quando se dignar ordenar-m'o.

—A carta?.. —perguntou ella—Pois não me aconselhou que não escrevesse?

—Não ousei tanto, minha senhora; aconselhei-a tão sómente a que me permittisse consultar el-rei meu amo; porém, depois do segredo que confiei á sua honra, quanto aos sentimentos de sua magestade, e depois de assistir á magua que taes sentimentos lhe occasionaram, receio que v. s.^a não queira que o seu destino dependa da vontade d'el-rei...

—El-rei decerto não quer a minha desgraça...—balbuciou ella.

—Quizera elle, senhora, dar-lhe n'este mundo venturas que os anjos do céo lhe invejassem...

Maria Isabel declinou os olhos ao rosto da filha, que parecia querer com a fixidez do olhar supprir a mingua do entendimento.

E, n'este lance, as lagrimas abrolharam a torrentes, porque, ao lado da cabeça de Angela, figurou-se-lhe vêr o rosto do marido, perdido por ella, e, áquella hora, talvez, traspasado de

saudades de sua filha.

Ai! aquella mãe e esposa presentiu que havia de escorregar á voragem das deshonradas, embora resvalasse por ladeira de ouro, e lhe pozessem á flor do seu pégo de lama uma corôa de rei!

XIV

Na correnteza dos referidos casos passados em Lisboa, Domingos Leite Pereira, desmentindo os informadores de D. João IV, vivia pouco menos de obscuro, nos arrabaldes de Madrid, gastando restrictamente o que seu pae lhe enviava com grande resguardo e difficuldade.

Ideára elle que sua mulher, quer por compaixão, quer a rogos de Angela, lhe escrevesse, dizendo-lhe, ao menos, que a filha chorava. Esta dôr filial quizera elle que lhe fosse desafoço ás suas.

Mentira o rei quando affirmára que Domingos Leite se pavoneava de desmacular sua honra de marido, matando directa ou indirectamente o padre. Nunca elle articulou o nome da mulher, nem consentira de boa feição que lhe alludissem aos motivos da fuga. A Roque da Cunha rogava que não deslustrasse o nome de sua innocente filha, divulgando as affrontosas desventuras da mãe.

Mostrava-se muito commiserada da tristeza e soledade de Domingos Leite, D. Vicencia Corrêa. Convidava-o miudas vezes a passar com ella, e acintemente reunia em sua casa os filhos da marquezia de Montalvão, o conde de Figueiró, Diogo Soares, o senhor de Regalados, e outros dos muitissimos portuguezes que juraram fidelidade a Filippe IV. A fidalguia rodeava-o de attentões, sem o desengolpharem da sua tristeza, nem, sequer, o moverem à cortez condescendencia de negar a legitimidade de D. João IV. Roque reprovava-lhe a ingratição, a falta de tino politico, e o perigo em que elle se expunha de não ter amigos em Portugal nem em Castella. Respondia então o desterrado que os recursos de seu pae tanto lhe davam um pão negro em Madrid como em qualquer outra parte do mundo; e que tanto lhe fazia estar ali como em outro ponto da terra, pois, fóra de Portugal, toda a terra lhe era exilio.

E accrescentava:

—Olha, Roque... Fui menos infeliz do que esperava, porque te vejo contente em Madrid.

—Contentissimo—confirmou o enteado do desembargador—Tenho cem escudos da junta dos portuguezes, cincoenta de meu padrao, o nobilissimo Guedelha; serei brevemente nomeado criado do paço; e, quando Portugal voltar ao que era em 31 de novembro de 1640, uma das boas commendas do teu marquez de Gouvêa, ou d'outro quejando rebelde, será minha!

—Bem fallado!—disse, sorrindo, Domingos Leite—Eu, no teu lugar, ia requerendo uma boa commenda em Hespanha, na incertesa do reviramento que desejas em Portugal. Bem sabes quantas investidas tentam ha sete annos os hespanhoes contra a nossa milagrosa independencia. Pergunta-o aos melhores cabos de guerra: ao duque de Faria, ao marquez de Castrolforte, ao conde de Monterey, ao marquez de Mollingen, ao marquez de Torrecusa...

—*Et cetera...*—atalhou Roque da Cunha—Espera-lhe pela volta. O duque está sem dinheiro e sem gente. Se não fosse o judeu Jeronymo Dias, não haveria fôlego dinheiroso que lhe desse vinte cruzados pelas letras de cambio.

Esta replica era tristemente verdadeira. Quando D. João IV necessitou comprar em Amsterdão petrechos de guerra, ninguem lhe quiz honrar a firma; por maneira que as letras foram apregoadas na praça, para serem protestadas. N'esta conjunctura, o hebreu expulso, Jeronymo Dias da Costa, resgatou do opprobrio o nome do rei e talvez a honra da patria, pagando as letras e abrindo os seus thesouros á causa da independencia da nação, que lhe queimava os parentes. E tão grandemente qualificou D. João IV este serviço, que despachou Jeronymo Dias com a patente de seu ajudante, honra que o successor na corôa confirmou em Alexandre e Alvaro Nunes da Costa, filhos do hebreu; mas, no seguinte reinado, D. João V não consentiu que o emprego se desse ao neto por ser judeu, *como se seu pae e avós fossem christãos*, diz com ironica elegancia D. Luiz da Cunha.⁶

Domingos Leite não redarguia triumphantemente aos argumentos de Roque, senão recorrendo-se dos factos mais eloquentes que as hypotheses.

Todavia, o animo abatido e desvigorizado para contendias politicas esquivava-se a disputações.

Em horas de desalento, a só no seu retiro, escrevia cartas ao marquez de Gouvêa, todas alheias da guerra travada entre as duas nações no mais alto ponto de encarniçamento. Eram lastimas de pae, por onde se transluzia a esperanza de apiedar com ellas D. João IV. Taes cartas ou não chegaram ao conhecimento do mordomo-mór, ou o estadista meticoloso as inutilizou, por

entender quanto seria malogrado o intento com el-rei. O marquez espiava os passos surdos de Antonio Cavide, e usava traças de lhe explorar o recesso da alma, durante o postre de um jantar bem lardeado de taças. Se o fidalgo farejára um segredo, cuja revelação iria angustiar o desterrado, nobre e caritativo era o silencio; e boa prova de amisade seria tê-lo afastado do reino por modo que ignorasse sua deshonra, e o derradeiro golpe lhe não fosse vibrado por mão de um amigo.

Em frustradas esperanças de perdão ou sequer de resposta, ás suas cartas, passaram tres acerbos mezes na vida erma e desconfortada do pae de Angela.

Em começo do mez de abril de 1647, appareceu em Madrid um portuguez, foragido ao santo officio; e, sabendo acaso que Domingos Leite Pereira estava ali homisiado e pobre, bem que de leve se conhecessem, procurou-o para lhe offerecer quinhão da sua abundancia.

Francisco Mendes Nobre, que assim se chamava o christão-novo,—e então orçava por vinte e cinco annos—conhecia de vista Maria Isabel; e, como residisse perto do Salvador, muitas vezes vira a menina com sua mãe.

Consolação immensa para o saudoso pae ir ali um enviado da Providencia fallar-lhe de sua filha, da sua belleza, dos anneis dos seus cabellos, da côr dos seus mantos, da graça do seu andar, e até da pallidez das facesinhas, onde parece que as lagrimas haviam arado o frescor da puericia!

Domingos Leite chorou nos braços d'este quasi desconhecido que de sobresalto lhe senhoreára o coração.

E Francisco Mendes, captivo da expansão de Domingos Leite, animou-o a ir secretamente a Portugal buscar a filha, facilitando-lhe recursos abundantes para a empresa, e dinheiro em Madrid para subsistencia de ambos, a não querer Domingos Leite acompanhal-o para Hollanda. Alem d'isso, deu-lhe duas chaves de dois predios em Lisboa, dizendo-lhe:

—Tem vm.^{ce} esta chave que é da minha casa na rua dos Vinagreiros, e est'outra da casa em que eu morava na rua das Olarias.⁷ Sirva-se da casa que melhor lhe quadre, ou de ambas, para as suas sortidas nocturnas. Se vir que os quadrilheiros o suspeitam em uma, vá esconder-se na outra: isto é no caso de que o santo-officio as não haja sequestrado; mas presumo que não, por que eu, apenas soube que um meu parente remoto foi preso, escapuli-me com o melhor e mais portatil dos meus haveres, comprando muito cara a passagem nas fronteiras ao conde de S. Lourenço, que é um honrado christão velho, desde que o hebreu Lafeta conquistou foros de christão mais velho que o proprio Christo. (*Nota 21.*⁸)

O israelita, cuidando que preparava dias alegres e resignados ao seu amigo, despenhava-o da esperança na ultima paragem da perdição.

Participou Domingos Leite a Roque da Cunha o seu designio.

—O diabo arma-as!—contraveio Roque—Não vás, doido! Tu não sabes onde te vaes metter... Olha que em Lisboa já se sabe que és cavalleiro de Christo em Hespanha, e que os ministros de Filippe IV são teus amigos.

—Mal os conheço...

—Porque foges d'elles, ingrato! e foges d'elles porque a tua perdição te chama a Portugal.

—O que Deus quizer. Não me despersuades. Vou buscar minha filha. Se me prenderem, se me matarem, é-me indifferente acabar de um golpe ou agonisar n'esta arrastada tortura da saudade. Um favor te peço.

—Que vá contigo? Nego-me. Matei um homem, por que a tua honra m'o exigiu; deixar-me agora matar, porque és um fraco, um piegas, que não póde viver sem a filha, isso é que não assigno.

—Espera, homem, que eu ainda te não disse o que pretendia—replicou bem humorado Domingos Leite.

—Dize lá, então.

—Quero que obtenhas uma ordem para que o marquez de Molinguen, governador das armas em Badajoz, me dê passo franco para Portugal.

—Isso te arranjo eu. E dinheiro, queres?

—Não. Achei aqui um portuguez que me soccorreu, um christão-novo.

—E despresas os soccorros dos christãos-velhos! Ora queira Deus que o tal judeu te não leve ao calvario como fizeram ao seu rei. Como se chama elle?

—Desculpa-me: pediu-me segredo da sua passagem por Castella.

—E tu, Domingos Leite Pereira, tens segredos para Roque da Cunha?

—E para meu pae que me pedisse o nome de um homem que confia tanto nos dominicos de Lisboa como nos de Madrid. Os segredos da minha deshonra, revelei-t'os; os da consciencia alheia não devo, nem posso.

—Nem eu quero saber-os. Foi mera curiosidade que me levou a perguntar-te o nome do teu banqueiro hebreu. Leva-te grande onzena?

—Não. O juro das esmolos recebe-se no ceu.

—A pagal-os lá, todas as burras judaicas da Hollanda vazaria eu a juro de 200 por cento ao mez!—volveu cascalhando Roque, e accrescentou:—Quando partes?

—Logo que me obtenhas a ordem para o general.

—Vou tratar d'isso. Entretanto, pensa, Domingos Leite! Que plano levas?

—Por emquanto, nenhum.

—Raptas a pequena, e foges?

—Não: se poder convencerei Maria Isabel a deixar-m'a.

—Se o conseguires, serás feliz; mas duvido que a mãe te dê a pequena. Se tua mulher quizer acompanhar-te, vem?

—Não.

—Bom será isso; que, se a trazes, depois que a devassa esclareceu a morte do padre, tão infamada está ella em Portugal como em Hespanha.

—Sei o que devo á minha dignidade, Roque. O rubor das minhas faces não hade aquecer a dos meus amigos.

—É o que todos desejamos. Vou em teu serviço. O mais tardar ámanhã, terás a ordem do ministro valido D. Luiz de Haro.

XV

Na noite de 10 de abril de 1647, por volta das onze horas, chegou Domingos Leite aos arrabaldes de Lisboa, os quaes, do lado da Senhora da Graça, eram povoados de quintas, cujas casas, debruçadas pelos outeiros da serra de Almofala, o luar froixo d'aquella noite amarellecia tristemente.

Ahi descavalgou Domingos Leite, despediu o arrieiro que o conduzira desde Moira, e esperou o repontar da manhã, hora em que as trinta e oito portas de Lisboa se franqueavam.

Com a gualteira do ferragoulo encapuzada, entrou de involta nas récovas das vitualhas, e desceu, estugando o passo, pela ingreme calçada da senhora da Graça, meteu por beccos ainda desertos, e parou na rua dos Vinagreiros. Abriu a porta, depois de examinar a numeração da casa, e fechou-se por dentro, com a certeza de que ninguem o vira. Subiu tateando no escuro das escadas até ao quinto andar, que sobranceava os telhados visinhos; abriu as janellas, respirou com offegante prazer o ar do Tejo, que, áquella hora matinal, emquanto as adufas não resfolegavam a peste interior das casas, era saudavelmente respiravel. Entre as setenta e duas torres de Igrejas procurou a de S. Thomé, porque d'ali perto estava a Portaria do Salvador, e nesse sitio lampejava aos primeiros raios do sol um zimborio que era o da caza onde áquella hora devia estar dormindo a sua Angela. A manhã era d'abril, o ceo azul, o Tejo formoso; n'aquelle ar da patria resoavam-lhe os cantares que só percebem almas volvidas do desterro. Estes jubilos eram-lhe revesados de tristezas amarissimas, ao lembrar-se que a tão donairoza e poetica Lisboa lhe seria apenas uma paragem de horas com perigo da sua liberdade; porém, o anhelante desejo de ver a filha, o evadir-se com ella, e a solidão do proscripto dulcificada pela convivencia da creança, davam-lhe alento e alternativas de exultação.

Previra Domingos Leite que na casa de Francisco Mendes Nobre, com toda a certeza, não moravam fadas lareiras que lhe cosinhassem o jantar. Esta racional hypothese, não vulgar nos personagens das novellas, preveniu-o fora de portas, indusindo-o a comprar dois pães saloios, com que substituiu frugal e alegremente os dois repastos do dia. E, como as suas horas eram muitas e vagarosas, examinou os repartimentos da casa do seu recente amigo e bemfeitor, maravilhando-se da belleza dos adornos, do aroma feminino que recendia das alfaias, e disposição graciosa dos objectos, posto que se estivesse em tudo revelando um abandono subito e desordenado. Deprehendêra Domingos Leite que d'aquella recinto fugira ao mesmo tempo a

timida amante do christão novo, e essa devia ser a formosa mulher que elle, um momento, vira em Madrid, quando se despedira de Francisco Mendes.

Assim que escureceu, e antes que o luar apontasse, Domingos Leite sahiu. As noites da Lisboa d'aquelle tempo eram apenas alumadas pelas lampadas dos oratorios vazados entre as adufas. Os quadrilheiros rondavam em magotes, receosos dos turbulentos fidalgos cujas delicias eram investir com elles e soval-os, se os pilhavam repartidos. Facil, por tanto, foi a Domingos Leite entrever de longe os vultos suspeitos, e furtar-se a seguro, por bêccos conhecidos, até se avisinhar da Portaria do Salvador.

Quando alli chegou, todas as janellas e portas de sua caza estavam fechadas. Nos trez andares, e ao travez das trinta janellas, não translusia claridade de luz; mas, por entre os resquicios de um frestão, ao rez da rua, no quarto dos criados, viu Domingos Leite que havia luz, e a espaços ouviu o ruido de passos.

Temendo que os criados já fossem outros, hesitou em dar signal; mas, porque a noite se adiantasse, e o medo de ser conhecido pelos transeuntes o obrigasse a fugir por vêzes da visinagem da casa, resolveu bater no postigo e proferir o nome do escudeiro, que o servia desde que elle entrára no paço da duqueza de Mantua, na qualidade de môço da capella.

—Bernardo!—murmurou Domingos Leite tocando subtilmente no postigo.

—Quem está ahi?—acudiu alvorotado o velho escudeiro, afigurando-se-lhe a vóz do amo.

—Eu: não me conheces? Abre depressa: mas não faças rumor—disse elle collando os labios ao frestão.

O criado abriu o postigo, reconheceu o amo e exclamou:

—Nossa Senhora da Graça! é vossa mercê, sr. Domingos Leite?!

—Sou... abre-me a porta; mas que não se ouça lá em cima.

—Aqui estou eu sosinho e mais ninguem—murmurou Bernardo.

—O que? e minha filha? e... tua ama?—exclamou Domingos Leite conturbado.

—Eu vou abrir, eu vou abrir.

Recolhido ao quarto do escudeiro, que o abraçava pelos joelhos, perguntou:

—Onde está minha mulher?

—Hade haver quinze dias que sahiu de caza.

—Para onde?

—Não sei dizer a vossa mercê.

—Como não sabes?! iria para Hespanha?

—Não, senhor. Está em Lisboa; mas não sei onde está. Tudo que havia em casa, ficou como estava. A senhora levou tão somente dois bahús com vestidos seus e da menina. Despediu os criados que eramos tres; e fiquei eu só para ter conta na casa; levou uma criada, e a preta que creou a menina, e despediu as outras. Deixou-me dinheiro para um mez, e disse-me que, no mez que vem, cá mandaria entregar-me egual mezada á que me deixou. Eu desconfiei que a minha ama e menina teriam ido recolher-se em algum convento; mas quero cuidar que, se fosse isso, a senhora m'o diria para que eu podesse saber d'ella e da minha ama pequena, que tantas vezes chorou aqui n'este quarto por vossa mercê...

—Viste-a sahir de casa?—atalhou Domingos Leite.

—Não, meu senhor. Sahiram tão de madrugada que eu apenas dei tento da sahida ouvindo o tropel dos machos da liteira.

—Da liteira da casa?

—Não, senhor. Logo que vossa mercê sahiu de Lisboa, d'ali a dias, minha ama mandou-me vender os machos, o cavallo, a liteira, a cadeirinha, e tudo mais.

—Quem vinha a esta casa depois que eu me retirei?—perguntou mais tranquillo Domingos Leite, abraçando, contra a opinião do criado, a hypothese do convento.

—Apenas aqui entrou trez vezes...

—Quem?

—O sr. Antonio de Cavide...

—Oh!—exclamou o marido de Maria Isabel, arregaçando as palpebras, como se os olhos tumidos de terror ou ira não coubessem nas orbitas—Que dizes tu? Antonio Cavide? o secretario d'el-rei? conhecel-o bem?

—Se conheço, senhor!... e mais eu nunca o vi aqui entrar senão ao fim da tarde, entre lusco-fusco...

—Dize-me o que sabes...—clamou desabridamente Domingos Leite, batendo no hombro ao amedrontado escudeiro.

—Não sei mais nada, meu amo... Ah!.. outra coisa... depois que o Cavide aqui veio, as criadas disseram-me que a menina era açafata do paço...

—O que? açafata!?

—Sim, meu senhor, e por signal todos começamos a tratar a menina por *senhoria* e *dom*, porque a mãe assim o ordenara ás criadas...

—Que mais, Bernardo, que mais?—soluçava em violento arquejar Domingos Leite, com os pulsos fincados nas fontes e os olhos espavoridos na cara atribulada do criado.

—Nada mais sei.

Quedou-se alguns minutos em silencioso aneio; e de subito disse ao criado:

—Que ninguem saiba que estou em Lisboa...

—Ó meu amo!—volveu Bernardo—permitta Deus que a morte me colha, se alguém o souber de mim...

—Fecha as portas, que eu vou sahir; mas não durmas, que eu talvez tenha de voltar aqui esta noute. Vai ao meu quarto, e...

—Não tenho as chaves do quarto de vossa mercê.

—Arromba a porta e traze de lá os meus pistoletes para aqui; se eu voltar esta noite, dar-m'os-hás pelo postigo, logo que eu te der signal, e te chamar.

—Onde vai o meu amo!... pelas chagas de Christo, pense no que vai fazer...—rogou o velho de mãos erguidas.

Domingos Leite encarou-o de ruim aspecto, e interrogou:

—Que cuidas tu que eu vou fazer?! Então sabes onde está essa mulher? Dize, Bernardo! Ordeno-te que m'o digas!..

—O Senhor dos Paços da Graça me tolha esta lingua se eu sei onde está minha ama.

Domingos Leite sahiu em direitura ao *Bairro da Marinha*, que assim chamavam á parte da cidade convizinha do Tejo. Ahi, contiguo ao convento dos *hybernios* ou dominicanos irlandezes, era o palacio do marquez de Gouvêa, somente habitado durante o inverno.

Soavam onze horas no relógio do paço da Ribeira, quando Domingos Leite aldravava no portão do mordomo-mór, com o desassombro do seu tempo de secretario. Fallou o porteiro pelo postigo, e disse que o sr. marquez estava na cama. Instou Domingos Leite por lhe fallar, dando-se a conhecer ao pavido porteiro, que levou a noticia ao fidalgo.

Ergueu-se o marquez sobresaltado, e foi receber Domingos Leite, ordenando ao porteiro que escondesse dos mais criados a vinda d'aquelle infeliz a Lisboa.

—Vossemecê aqui?!—exclamou o mordomo-mór.

—É verdade—respondeu Domingos Leite com semblante em apparencia socegado—venho perguntar a V. Ex.^a se me sabe dizer onde está Maria Isabel.

O marquez olhou-o compassivamente, deteve-se silencioso, apoiou a fronte entre os dedos entrelaçados, deu um gemido de sincera magua, e murmurou:

—Fuja, desgraçado; saia de Lisboa... A que veio aqui?

—Buscar minha filha. Não disse eu tantas vezes em minhas cartas a V. Ex.^a que morria de saudades d'ella? Venho busca-la; mas, não a achando nem a mãe na casa onde ficáram, pergunto a V. Ex.^a onde estão.

Apoz longo silencio do interrogado e rapida mutação no aspecto de Domingos Leite, o marquez, dados alguns passeios na sala, perguntou:

—Contenta-se com levar sua filha, sr. Leite?

—É minha filha unicamente que eu quero levar.

—Vou esforçar-me pelo conseguimento d'esse desejo.

—Beijo as mãos de V. Ex.^a; mas devo ignorar onde ella está?

—Poderia sabê-lo, se tivesse pela mãe todo o desprezo que ella merece.

—Prostituiu-se? Bem vê V. Ex.^a que eu lhe faço esta pergunta com a maior serenidade. Não vê?

—Desconfio que não.

—Creia, sr. marquez; se eu tirar a minha filha do abysmo em que está Maria Isabel, visto-me de gala... Mas como foi este rapido despenho da malfadada, por quem eu me perdi?

—Jure-me que hade ser homem de bem!

—Juro a V. Ex.^a que heide ser homem de bem até o provar no patibulo, onde os malfeitores ouvem o pregão da sua infamia.

—Que está ahi a imaginar patibulos! Os homens de bem não vão aos patibulos.

—Isto foi um modo figurado de fallar. Deus hade permittir que eu não expie na forca as devassidões da barregan de... De quem? ainda V. Ex.^a me não disse de quem...

—De D. João IV—respondeu serenamente o fidalgo.

—Veja, sr. marquez, que esse augusto nome não me colheu de assalto. Eu tinha-o suspeitado, logo que um meu criado me disse que Antonio de Cavide frequentava a casa da mulher perdida.

Nos beijos de Domingos Leite crispava o que quer que fosse analogo a um sorriso, como se as dôres lancinantes da nevralgia facial lhe vibrassem os musculos labiaes. O marquez contemplava-o. E elle, sem poder exprimir-se, exercitava com as mãos e cabeça uns gestos significativos de torvação.

—Sr. Leite...—disse o mordomo-mór, tocando-lhe affavelmente na mão esquerda com que elle comprimia o coração.

—Sr. marquez...—respondeu muito abatido Domingos Leite.

—Força e alma!

—Sinto que tenho ambas as cousas... e demais! Antes Deus me fizesse mais fraco.

Passados momentos, proseguiu:

—Parece incrível, mas é atrozmente verdade, que eu peço e desejo que V. Ex.^a me conte como ella se perdeu... Não foi por necessidade, que eu tudo que ella tinha lhe deixei. Não foi por paixão, por que o rei não tem as graças fulminantes que prostrem n'um estrado ou n'um leito real a mulher de alguma honestidade. Então que foi? um longo trabalho de seducção? uma cadeia de perfidias que deram de si a posse pela violencia imprevista? Não pode ser. Ha trez mezes que eu sahi do reino, e ha quinze dias que a rameira se mudou para o real bordel... Como foi isto então, sr. marquez? Faça de conta que refere a historia a um estranho, que afinal se hade rir do marido, e achar que o rei não tinha obrigação de ser mais honrado que o padre Luiz da Silveira...

Domingos Leite, n'este ponto do seu lento e sinistro discorrer, desfechou uma risada estridula que fez frio na espinha dorsal do fidalgo; e logo abruptamente continuou com a maxima gravidade:

—Mas quem diz aos reis que elles são mais invulneraveis que os padres?

—Falle baixo!—acudiu o marquez chegando-lhe a mão tremente até aos beijos—Sr. Leite, olhe que ha muita gente n'esta casa... Peço-lhe que me não exponha, e peço-lhe que se não precipite irremediavelmente...

—Eu fallarei baixinho, sr. marquez—replicou Domingos Leite, quasi em segredo—Perdoe-me V. Ex.^a estas explosões; são relampagos sem raio. Eu não faço mal a ninguem. Sou um proscripto... um proscripto da laia de João Lourenço da Cunha, que lá em Castella usava pontas de ouro. Ora eu, que sou pobre, heide usal-as... da sua natural materia...

E riu rispivamente, esfregando com phrenesi as mãos nos joelhos, com umas figurações de louco.

—Valha-me o ceo!—tornou o marquez de Gouvêa—Cuidei que o infortunio de muitos, em casos desta natureza, lhe daria o exemplo do que é a verdadeira dignidade de um marido...

—Qual é? o despejo?

—Não: é o desprezo.

—E por ventura que sinto eu senão o desprezo por ella? Mas a mim é que eu não posso desprezar-me tambem, sr. mordomo-mór! De uns homens, como o conde D. Gregorio Castello Branco, sei eu que não só não desprezam mas até acatam suas mulheres, se D. João IV houve por bem diffamar-lh'as. Não sei se esta tolerancia é cortezia apprendida na frequencia da côrte. Eu... bem sabe V. Ex.^a que sou da arraia miuda, e creio ainda que me seria mais airoso ter uma esposa honesta que ter-m'a no seu leito el-rei nosso senhor...—E ria-se!

—Meu amigo—redarguiu tanto ou quanto impacientado o mordomo-mór—desculpo-lhe o desabafo das ironias, e até lhe desculpára as mais aceradas injurias a quem quer que fosse; mas não é assim que o seu destino hade melhorar, sr. Leite. Respeitemos a fatalidade e remediemos o que poder ser.

—Diga V. Ex.^a, meu nobre amigo.

—Sua mulher, querendo ir para Castella unir-se a seu marido com sua filha...

—Ella!.. ella unir-se a mim?

—Ou subjeitar-se ao despreso, com tanto que podesse aliviar-lhe a desgraça levando-lhe a menina, sua mulher, repito, quiz vender os bens; mas a justiça impediu-lh'o. Consultou-me sobre solicitar d'elrei a licença; eu desapprovei-lhe semelhante recurso; ella menospresou o meu conselho, e fallou ao rei. Mal sei o que passou entre ambos. O que facil me foi saber de pessoa competente foi que el-rei, por intermeio de Antonio Cavide, é hoje o que o sr. Leite sabe. Agora que de fugida lhe disse o que me affligiu grandemente referir-lhe, vamos ao ponto, vamos satisfazer o motivo que o trouxe a Portugal. Quer sua filha?

—Sim, sr. marquez.

—E, obtida ella, retira-se sem estrondo, sem escandalo?

—Immediatamente.

—Pois então vá o sr. Domingos Leite para sua casa, e amanhã dê-me ponto onde eu o encontre ás dez da noute. Não venha aqui. Onde se alojou?

—Na caza deshabitada de um amigo.

—Aonde?

—Na rua dos Vinagreiros. Seria difficil a V. Ex.^a achar de noute o numero da porta.

—Espere... Ás nove em ponto o meu coche hade estar nas teracenas. Vossemecê vai aforrado, entra, e lá me encontra. Então lhe darei noticia das minhas diligencias de amanhã. Entretanto, se eu antes d'essa hora tiver precisão de lhe dar aviso, como hade ser?

—Em casa de Maria Isabel está um criado a quem V. Ex.^a pode mandar qualquer aviso, que elle irá communicar-m'o.

—Tranquillize-se, sr. Leite, seja homem; sem isso não pode lograr a satisfação de ser pae extremo.

Domingos Leite curvou-se até beijar a mão do marquez, e sahiu.

XVI

Esperava-o Bernardo com o ouvido collado ao postigo.

Domingos Leite entrou no quarto do criado, sem sensivel mudança no rosto. Palavra, que denunciasses as revelações do marquez, não proferiu alguma. Bernardo perguntou-lhe a mêdo se descobrira a paragem da senhora. Respondeu que não: disse verdade.

Conversaram ácerca de Angela. O pai perguntava coisas tão insignificantes que parecia futilissimo, se não fosse desgraçado em extremo. O criado insistiu outra vez em lhe recontar o caso de ser a menina açafata. Transtornaram-se as feições do amo. Ouviu-lhe o escudeiro um ringir de dentes asperrimo, e um como rugido estrangulado nos gorgomillos. Ás duas horas da noute, Domingos Leite pediu ao criado alguns sobejos da sua ceia. Sentia-se esvaecer de fraqueza. Comeu e disse:

—Aqui tens meio cruzado pela ceia e pelo repouso de duas horas.

—Ó meu amo!—exclamou Bernardo—vossa mercê falla serio ao seu velho criado?!

—A ceia deu-te a soldada de tua ama e a casa em que me abrigas d'ella é. Tu vendes-me parte do que é teu.

—Não o intendo, senhor.

—Deixa-me encostar a cabeça, que ha quatro noutes que não durmo e hei medo de insandecer. Antes de romper a manhã, acorda-me.

Pouco depois, Domingos Leite, sopitado em lethargia de febre, sonhava alto, pronunciando vozes que gelavam de pavor o criado. Eram apostrophes em que o nome suavissimo da filha se envolvia com expressões indecentes e epithetos que entram sem rebuço nos alcouces. De mistura, estallavam ameaças de sangue, e a palavra *rei* soava bem distincta por entre as objurgatorias que a precipitação tornava inintelligiveis.

O escudeiro, mais supersticioso em sonhos que esperto em tirar inferencias da vida real, compoz com as phrases soltas que ouviu a desgraçada situação de seu amo. Chorou então copiosamente ajoelhado á beira do catre.

Á hora em que devia chamal-o, o amo adormecera serenamente e a febre remittira. Bernardo pediu conselho ao seu retábulo do Senhor dos Passos, sobre deixal-o descansar ou espertal-o d'aquelle tão curto dormir. Figurou-se-lhe que a vontade divina lhe inspirava que deixasse o infeliz restaurar forças para succumbir depois de muitas e acerbos batalhas.

Era já nado o sol havia muito, quando Domingos Leite espertou. Bernardo, entre receios e lagrimas, disse-lhe que o não chamara, porque á hora aprazada adormecera seu amo, depois de arder em febre agitada.

—Mas porque choras tu?—perguntou Domingos Leite.

—Porque choro, senhor!... Ai! quem o viu, quem o viu, meu querido senhor!

E abraçou-se n'elle, abafando-lhe os gritos no seio.

O infeliz deixava-se abraçar, e murmurava:

—É verdade, Bernardo!... quem me viu!... O que era eu ha sete annos! Tão festejado, tão alegre, tão rico, tão esperançado... E agora!... sabes tu lá quanto eu sou digno de compaixão!...

Não tinha o ceo beneficio maior a dar-lhe que o d'aquelle torrente de lagrimas...

—Como heide eu sahir d'aqui a tal hora?—disse elle ao criado.

—Se não tivesse grande precisão de sahir, que mal estaria aqui vossa mercê?—e proseguiu com risonho modo—Se ficar, paga-me o alimento e a dormida...

—Ficarei—conveio Domingos Leite—Olha, Bernardo se eu podesse ver a cama de minha filha... o berço, aquelle berço em que ella ás vezes dormia no meu quarto...

—Lá está ainda debaixo do leito de vossa mercê. Nunca mais entrou alguém na sua alcôva. A menina muitas vezes pediu á mãe que a deixasse lá entrar; mas a senhora—isto vi eu!—indo uma vez a entrar, para fazer a vontade á filhinha, assim que deu com os olhos nas coisas como vossa mercê as deixou, rompeu em tal choro que sahiu d'ali quasi nos meus braços.

Domingos Leite interrompeu-o asperamente.

—Cala-te, homem... O nome d'essa mulher nunca mais o pronuncies na minha presença, se me estimas!

Pareceram rapidas as horas d'aquelle dia a Domingos Leite.

Encerrou-se no seu quarto, lendo e rasgando papeis tirados dos seus contadores, memorias da sua mocidade, extractos das suas leituras, escriptos politicos com que seu talento ganhara a estima do marquez de Gouvêa, bilhetes de João Pinto Ribeiro e do desembargador João Sanches de Baena, de incumbencia ou de agradecimento de serviços prestados arriscadamente ao duque de Bragança.

A espaços, o escudeiro encontrava-o com a face debruçada sobre os braços, amparando-se no bofete. Quedava-se o velho soffrendo a respiração para o ouvir dormir; e ás vezes confundia os soluços com o alto respirar d'um somno irrequieto. Outras vezes achava-o curvado sobre o espaldar do berço, com os olhos marejados a embevecerem-se na almofada, em quanto o leitinho se balouçava movido pela mão.

Neste lance temia o velho que seu amo enlouquecesse, parecendo-lhe muito mulherengo aquelle acto de estar um homem acalentando um berço vasio.

Ahi pelo meio da tarde, o guarda-portão do marquez de Gouvêa procurou o escudeiro de Domingos Leite, e, com muito resguardo, o encarregou de levar um papel lacrado a seu amo.

Bernardo fôra prevenido desta mensagem. Aceitou carta, sem dizer ao portador que seu amo estava ali.

O contheudo era a prorogação do encontro para a noite do seguinte dia, visto que nada podia resolver sem mais algumas horas de actividade.

O mordomo-mór não tinha descançado. Vamos no encalço d'este leal amigo de Domingos Leite Pereira.

A hora desacostumada na manhã d'aquelle dia fôra em seu coche acordar o secretario d'estado Antonio de Cavide. Relatou-lhe, tão ingenuo quanto imprudente, a vinda clandestina do marido de Maria Isabel, de proposito para levar a filha comsigo a Madrid, e continuou:

—Tem. V. S.^a⁸ ocasião de fazer grande serviço a el-rei, á sua amante, á filha de Domingos Leite, a este desgraçado homem e a mim. Tantos favores a tantas pessoas em pouco esforço estão. Consiga V. S.^a que Maria Isabel me entregue a menina que eu lhe prometto sahir Domingos Leite de Portugal na mesma hora em que eu lh'a restituir. Por este modo, evitamos que o marido exasperado publique o destino da mulher; evitamos dissabores a el-rei; evitamos grandes pesares e talvez remorsos a essa mulher, finalmente resgatamos a menina de uma situação pouco exemplar.

—Diz V. Ex.^a optimamente—obtemperou Antonio Cavide—Vou vestir-me, e saio em direitura para Alcantara a procurar Maria Isabel. Não sei se poderei vel-a, porque el-rei está hoje a caçar na tapada do palacio, e a sua *Diana* deu agora em querer segurar a tréla dos falcões—ajuntou o velhaco sorrindo—No entanto, aguardarei o ensejo de me ver a só com ella. V. Ex.^a conhece o genio de el-rei. Se eu lhe digo que o temerario Domingos Leite, affrontando a justiça, ousou metter-se em Lisboa, temos na rua os corregedores todos com a sua matilha de esbirros na piugada do pobre homem, que será aperreado depois do que nós sabemos...

Aqui arregaçou o secretario outro riso infame e prosseguiu:

—O melhor será que ella diga a el-rei que de seu moto proprio envia a pequena ao pai. El-rei não lh'o impede, porque a presença da creança o estorva; e as coisas feitas assim ficam excellentemente feitas.

—Muito bem—concordou contentissimo o mordomo-mór—A que horas calcula V. S.^a poder responder-me?

—Ás duas da tarde devo estar de volta de Alcantara. O Domingos Leite está hospede de V. Ex.^a?

—Não, sr—respondeu ingenuamente o marquez—disse-me que se recolhera á rua dos Vinagreiros, e eu fiquei de me encontrar com elle á noite, ou avisal-o hoje de qualquer nova.

—Pois eu vou satisfazer a V. Ex.^a; entretanto, esse infeliz que tenha cuidado sobre si, porque de Madrid tem vindo confidencias a el-rei muito aggravantes para Domingos Leite e para o tal Roque da Cunha, que assassinou o padre Silveira. Eu ouvi dizer a Gaspar de Faria Severim que, precisando de um fino espião em Madrid, o patife mais ajustado ao intento era o tal Roque da Cunha; e sua magestade, que conhece os mais egregios malandrins de Portugal e conquistas, approva o alvitre. Domingos Leite que se precate... Isto revéllo eu muito á puridade a V. Ex.^a por saber quanto esse desafortunado homem lhe é agradável, e os bons serviços que elle fez na restauração, escrevendo e fallando nas juntas do padre Nicolau da Maya.

Retirou-se o marquez muito agradecido e esperançado no bom exito da sua discreta ideia.

Antonio Cavide foi sem detença a Alcantara, apeou á porta do palacio real, e soube que elrei estava almoçando. Perguntou se sua magestade era sosinho; e, como lhe respondessem affirmativamente, deixou o côche, e foi a pé em demanda de um palacete contiguo ao mosteiro das religiosas do Calvario.

Residia ahi Maria Isabel Traga-malhas com sua filha, criadas e pagens. A visinhança não a presumia theuda do monarcha. O fausto do viver justificava-o naturalmente a fama dos seus teres. Dizia-se que a desgraça do ex-escrivão do civil, seu marido, fôra causa d'aquelle retirada para longe do concurso da gente, e que o avisinhar-se de mosteiro tão rigoroso era já indicio de profunda piedade a que se acolhiam enormes desgostos. Isto resava a opinião publica que resa sempre bem.

D. João IV recebia Maria Isabel, a horas mortas, por uma porta do extremo da tapada. Ás vezes, passavam-se dias inteiros sem que sua magestade alvorotasse os gamos e veados da floresta; outras vezes, o real caçador, com a escopeta atravessada sobre as pernas, e a fronte pendida ao seio da sua *Diana*, como dizia o secretario, ouvia os gorgeios dos rouxinoes emboscados nos olmedos e espinheiros. A opinião publica não dizia isto: era Antonio Cavide, e mais algum fidalgo da intima confiança do rei, que o segredavam entre si.

Annunciou-se o ministro a Maria Isabel. Sahiu a recebê-lo a açafatasinha, e d'ahi a pouco a mãe com semblante de quem se espantava e assustava da visita.

Expoz Cavide a sua mensagem, segundo o plano convencionado com o marquez. Interrompera-

o ella com exclamações, com esterismos, já corando, já empalidecendo; quando, porém, o expositor chegou ao ponto essencial, aconselhando a entrega da menina, Maria Isabel replicou inflexivelmente que não dava sua filha, e que ninguém lh'a arrancaria dos braços.

Desanimou o agenciador, receando desvaliar-se aos olhos de el-rei nos olhos da sua amante. Pediu perdão de a ter aconselhado, beijou-lhe mesurementemente a mão, e ergueu-se para sahir.

Perguntou-lhe, ao retirar-se, Maria Isabel se seu marido se alojára na casa do Salvador. Respondeu Cavide que lhe constava estar Domingos Leite na rua dos Vinagreiros.

Antes de duas horas da tarde, o marquez sabia que as diligencias do secretario se malograram. Tergiversou entre desenganar e esperarçar Domingos Leite. Venceu-se alfim do mais generoso pensamento, resolvendo ir pessoalmente fallar com Maria Isabel, calculando reduzil-a com o vaticinio das funestas consequencias da sua recusação.

Quando ás quatro horas da tarde a procurou, a dama era fóra de casa, posto que a sua aia dissesse estar de cama com subito incommodo. Maria Isabel, sem prevenir o seu real amante, nem usar grandes resalvas de honestidade, entrou no atrio do palacio com Angela pela mão, e foi conduzida reverentemente ás salas.

D. João IV, mais contente que sobresaltado da inesperada visita, foi receber a gentil comborça ainda mal enchuta das lagrimas. Referiu ella com entrecortadas vozes, sem pejo da filha, e quasi deitada nos braços do rei, o que passára com Antonio Cavide, e concluiu mostrando-se receosa e até certissima de que Domingos Leite, não lhe tirando a filha, seria capaz de matal-a. Era sincera no seu terror.

Tranquillisou-a o rei; e, sem medear tempo, mandou chamar Antonio Cavide. Apartou-se com elle, e deu-lhe ordens rapidas. Ao cahir da noute, o secretario d'estado entrava em Lisboa, a tempo que o marquez, por palpite de maior desgraça, sabendo que o valido fóra chamado a Alcantara, o estava esperando no seu palacio.

Cavide, vendo o mordomo-mor na sua sala de espera, acercou-se d'elle, e disse-lhe ao ouvido:

—Não ha tempo a perder. V. Ex.^a saiba corresponder a esta confidencia... Domingos Leite que se esconda, que fuja, porque vai ser preso. Adeus. Vou procurar o conde de Odemira; vou cumprir ordens d'el-rei. O amor é o diabo, sr. marquez, o amor é o diabo! Estas Dalilas tosquam o nosso Sansão, e queira Deus que o templo se não alúa sobre elle e sobre nós...

—Biltre!—disse de si comsigo o marquez.

Era noute cerrada.

O mordomo-mór só confiou de si o melindroso aviso. Disfarçou-se com a maior precaução, e foi á porta do Salvador.

Domingos Leite esperava ainda alguma nova, quando o escudeiro abriu a porta ao desconhecido, que se intitulou enviado da pessoa que já ali tinha mandado recado a seu amo.

Esquivava-se a dar-lhe entrada, quando Leite Pereira reconheceu a vóz do marquez. Subiram para o primeiro sobrado. A terrivel noticia revelava-se no aspecto do consternado fidalgo. Domingos comprehendeu-o.

—Nada feito, sr. marquez?

—Nada feito. Serei breve porque o tempo urge. Cavide fallou a Maria Isabel na entrega da filha. Foi repellido. Quiz eu experimentar a condição d'essa mulher. Procurei-a; mas não estava em caza. Devia estar com el-rei. Perto da noute soube que o conde de Odemira ia ser encarregado da sua prizão.

—Ainda bem!—exclamou Domingos Leite—Quero ser prezo!

—Não diga absurdos, que me faz arrepende de lhe votar tamanha amizade! Quer ser preso! para que?

—Direi entre ferros quem é o rei de Portugal!

—Não dirá nada entre ferros, porque ha mordças. De sobra sabia Francisco de Lucena quem era D. João IV, e nada disse, morrendo innocentissimo, e D. João IV de sobra sabia que Lucena morria innocente... e deixou-o morrer. (*Nota 22.^a*) Não me conteste nem resista, que perde o unico amigo que tem no reino. Fuja sem demora. Vá para Madrid, se não prefere antes ir para França. Eu, á força de idear traças de lhe restituir sua filha, heide conseguil-o cedo ou tarde. Espero commover o rei, pintando-lhe a dor do infeliz marido e pae...

—De modo nenhum!—obstou Domingos Leite com azedume—Peço-lhe que me não avilte, sr. marquez! Deixe-me morrer com dignidade! Não quero a misericordia do tyranno, do adultero, do devasso, que eu por entre punhaes de castelhanos e de portuguezes acclamei em Evora. Não quero d'esse homem senão um saldo de contas que se hão de liquidar...

—*Sio!*—atalhou o marquez, tapando-lhe a bôcca, e sopesando os cabellos que se lhe irriçavam de terror na fronte gelada.—Cale-se, mentecapto!... cale-se! que, senão, eu maldigo a hora em que vim aqui!..

—Perdão, meu nobre amigo!—volveu Domingos Leite—Se v. ex.^a se arrepende de vir aqui, repêso me sinto eu tambem de o haver procurado. Entretanto, como v. ex.^a se me figura traspasado de um certo horror de cumplicidade nos meus propositos de vingança, o meu dever é preserval-o de susto, retirando-me ámanhã para Castella.

—Ámanhã não, hoje, é urgentissimo que seja hoje; porque, ao raiar da manhã, esta casa pôde ser rodeada de quadrilheiros.

—Em tal caso vou retirar-me para outra casa que tenho, e sahirei d'ella ao romper do dia.

—Vae para a rua dos Vinagreiros?

—Não, senhor marquez... E, quando fosse, quem denunciou o meu esconderijo da rua dos Vinagreiros?!

—Fui eu por imperdoavel imprudencia a Antonio de Cavide. Cuidei que o tinha compadecido, e hoje receio que elle dirija para lá e para aqui ao mesmo tempo os aguasis.

—Vá v. ex.^a descançado que não heide ser encontrado aqui nem lá.

—Meu amigo do coração!—clamou o mordomo-mór abraçando-o—Adeus! adeus! fie de mim o seu futuro, o seu perdão, e a entrega da sua querida filha!

XVII

Aos primeiros assomos do dia seguinte, a casa de Domingos Leite e a de Francisco Mendes Nobre, eram invadidas pela justiça dos corregedores de dois bairros. A da rua dos Vinagreiros foi arrombada, e a outra exposta á busca pelo escudeiro. Bernardo, como gaguejasse nas respostas, foi preso, conduzido, e posto a tractos. O velho, apenas as puas da roda compressas a torno lhe deslocaram os ossos dos braços, confessou que Domingos Leite, ás duas horas da noite passada, se havia refugiado em uma casa da rua das Olarias, pertencente a Francisco Mendes Nobre. A horda dos quadrilheiros derrubou a porta, bateu todos os cantos, e não encontrou vestigios de ali ter estado alguém recentemente; mas um visinho tresnoitado depoz que, por volta das tres e meia da manhã, havia dado tento de estropear de cavallo, depois que a porta da rua se fechára. Pero Fernandes Monteiro, corregedor do crime da côrte, alvitrou que Domingos Leite devia ter partido para Guimarães, sua terra natal.

Incontinenti se despediram postilhões para o Minho.

Fr. Francisco Brandão é o unico, e mais coevo e esclarecido narrador que nos relata estes passos: *...Tres vezes veio o réo sobredito (Domingos Leite) a este reino, ainda que da primeira não consta que fosse com o mesmo intento. Teve-se noticia da sua entrada n'aquella occasião primeira, e foi tal a desgraça sua que com apertadas dilligencias em Lisboa e Guimaraens se não pôde descobrir nem aprisionar; que a ser assi é veresimil que desculpara as persumpçoens do passado e não incorrêra etc.*⁹

Emquanto estas diligencias frustradas se cumpriam, D. João IV prevenia Antonio Cavide que era forçoso, logo que Domingos Leite estivesse em ferros, transferir Maria Isabel e a filha, com o maximo segredo, para mosteiro muito afastado. Receava o astuto monarcha as declarações escandalosas do preso, as quaes, desmentidas pela clausura da mulher, lhe redobriariam a penalidade, aggravando o crime de homicidio o aleive assacado á pessoa sacratissima do rei e á innocencia da esposa.

Baldaram-se as prevenções. Duas semanas passadas, a espionagem de Antonio Cavide em Madrid assegurou-o que Domingos Leite ali estava, dado que vivesse mais retirado que da primeira fuga. Maria Isabel recobrou-se dos seus pavores. Cavide folgou do bom successo do negocio sem effusões sanguinarias, o marquez estudava traças de apiedar o rei, e o rei, com grande magua da ciosa Luisa de Gusmão, raras horas passava fóra da tapada de Alcantara.

No entanto, o proscripto, reconcentrado com a sua vergonha, cujo pungir sobre-excedia as angustias da saudade, laborava no cerebro uma idéa de vingança, pela qual elle daria de bom grado a vida, que lhe era cruz atrocissima.

Confidenciou o seu pensamento de matar D. João IV, ao hebreu Francisco Mendes. Este discreto moço oppugnou-lhe o desvairado intento com argumentos e supplicas, instando-o a que o seguisse para Hollanda, e lá pediriam ao tempo o balsamo da chaga, e a vingança do remorso nas consciencias do rei e da collareja real.

Rebelde á rasão e aos rogos, Domingos Leite viu partir o amigo para Amsterdão, quando o medo da inquisição de Hespanha o forçou. Era immensa a tristeza do christão-novo, culpando-se de haver sido elle o propulsor da ida de Leite Pereira a Lisboa, e dos horrendos effeitos que se lhe seguissem.

Roque da Cunha não podia ser estranho á desventura do seu amigo, já por que Domingos lh'a referira, já porque os faccionarios de Filippe IV em Portugal a transmittiram para lá com o intento de aviltar o monarcha, violador adultero da honra dos seus mais serviçaes acclamadores.

Roque era o portador das lastimas de sua mãe e dos fidalgos ao desgraçado, que mais se enfurecia quando o deploravam. A primeira vez que o assassino de Pedro Barbosa e padre Luiz da Silveira o ouviu rugir ameaças de morte a D. João IV, atirou o sombreiro ao tecto, e bradou:

—Viva Deus! que afinal topei um homem! Quantas vezes, Domingos, quantas vezes eu tenho dito cá muito commigo: «Se Maria Isabel fosse minha mulher, o duque de Bragança, que me deshonorou, havia de morrer tres vezes ás minhas mãos, visto que o padre Luiz morreu uma, não me tendo feito mal nenhum! A mim, na verdade, assombrava-me que este nobre desejo de vingança te não houvesse passado ardente pela alma como um raio da justiça divina! Ainda hontem D. Luiz de Alencastre, irmão do marquez de Porto Seguro, me disse: «E que faz esse brioso Domingos Leite que não espeta dous pelouros no peito do real bandalho que lhe paga os serviços, tomando-lhe a mulher como quem compra com quatro sequins uma fregona do bêcco da Madragôa! Que faz esse homem de honrados figados que matou um padre, pela innocente rasão de ter amado uma mulher primeiro do que elle!» E esta, meu querido amigo, é a linguagem de Diogo Soares, do conde de Figueiró, de Francisco Leitão, e até... queres que te diga tudo? el-rei Filippe IV, que tem sido o exemplo dos reis continentes, quando tal soube, disse: «É bem feito que o mateiro de Villa Viçosa faça os seus vassallos veados, já que alguns d'elles entenderam que o melhor rei seria o mais destro e certo matador de porcos-espinhos. É bem feito que Domingos Leite receba alvará de Cornelio *tacito* para dignamente escrever os Fastos do seu real amo!...» Aqui tens ouro fio o pezo que está fazendo na opinião de Castella o teu infortunio. Ora imagina agora, amigo meu, com que jubilo eu não direi amanhã a D. Luiz de Alencastre: «Pode v. ex.^a dizer a el-rei nosso Senhor que Domingos Leite hade vingar-se de modo que a posteridade o aponte aos reis devassos como aponta o punhal de Bruto aos tyrannos de Roma!»

—Melhor é que não digas nada,—observou glacialmente Domingos Leite—Eu tanto desprezo as censuras como os applausos. Se eu matar D. João IV, não me hei de glorificar com os gabos nem descorar na presença dos verdugos...

—Dos verdugos!—acudiu Roque—Se te expozesses ao alcance da corda ou do cutello, serias honrado, mas parvo. Se queres vingança com gloria e reputação de sensato, é mister que o homem morra, e que tu fiques a ouvir-lhe gargantear o *de profundis*. Alem de que, se a tua heroica idéa fermentar, eu heide ser ouvido, e sócio da aventura...

—Não quero cumplices—disse Domingos Leite.

—Nem amigos? Dize isso aos outros: não o digas a Roque da Cunha, réo de homicidio, na pessoa do muito reverendo thesoureiro de S. Mamede, que Deus conserve á *porta inferi*, esperando a alma de cantaro de D. João de Bragança. Amigo,—proseguiu, abraçando-o, e recuando o peito para lhe vêr de fito o rosto—Se queres só para ti a gloria de matar o amante de tua mulher, justo é que a tenhas; não serei eu que a dispute á coragem e ao pundonor da tua justiça; porem, quando essa conjunctura venha a realisar-se, Roque da Cunha hade estar á tua beira; por modo, que se a desventura te fizer cambapé, ambos nós tombemos ao mesmo abysmo. Quem te falla assim, ou hade ser teu cumplice, ou teu inimigo. Escolhe.

—Sabes o que eu escolheria, se me fosse permittido escolher? A morte; o adormecer, e não acordar; o esquecer-me subitamente d'esta minha execravel situação.

—Temos sessão de fraquesa? Vá lá! Os leões tambem tremem suas maleitas. Não me assusta esse desalento... Amanhã, quando eu aqui voltar á tua charneca, heide achar essa alma remoçada, e o plano feito. Medita, que eu tambem vou escogitar o meu traçado. Espero que o meu seja o mais acceitavel, porque calculo com animo frio, como os estrategicos que escrevem no quartel da saude a arte da guerra. Domingos Leite Pereira, ouve lá o que eu te digo: Tens nas tuas mãos o destino de Portugal! E serás um dos primeiros da tua patria, se o quizeres ser.

Domingos Leite sorriu-se motejando o entusiasmo propheticó d'aquelle que ás vezes se lhe pintava infernalmente necessario á sua existencia.

N'aquella noite infinita, a ira, a paixão, fora-lhe exulcerada pelas zombeteiras declamações de Roque da Cunha. A publicidade do seu vexame, e a mofa com que o apodavam de transigente no opprobrio, era cauterio que lhe afogueava as dores. Instantes de desafogo tinha apenas os que a phantasia sinistra lhe pintava, se diante d'ella via escabujar D. João IV, nas vascas da morte como outro qualquer homem. Ponderando no que era e seria sempre sua vida,—engolphando-se na treva que todos os passos lhe negrejava pelo futuro alem,—pareceu-lhe que matar o rei, e deixar-se matar sem soltar gemido de covarde angustia, seria a mais brilhante e redemptora solução de sua desgraça.

Aclarava o dia seguinte, e já Roque da Cunha batia á porta da casa campestre de Domingos

Leite.

Radiou intima alegria no aspeito do marido de Maria Izabel. Um homem bom, um consolador christão, ser-lhe-hia repugnante, depois d'aquella insomnia de febril raiva e espectaculos fantasticos de sangue e patibulos. O unico homem competente á sua desesperação era Roque. Abraçou-o com arrebatada ternura, e exclamou:

—Heide mata-o!

—Isso sabia eu...—disse o outro friamente.—Resta saber como.

—Pensaste?

—A noite toda. São cinco horas e meia. Bem sabes que é meu costume levantar-me ás dez, quando durmo o somno do justo. Não dormi nada. Estive com Diogo Soares até ás onze, com o conde de Figueiró até á meia noite, com D. Luiz de Haro até á uma, com meu padraсто até ás duas, e d'ahi em diante commigo só, e agora contigo para te dizer o que vais ouvir...

—Toda essa gente—interrompeu Domingos Leite—está, por tanto, no segredo dos meus projectos?...

—Assim como estava no segredo das tuas desventuras.

—Vamos lá, dize, que eu já me não embaraço com pequenas miserias. Que vens anunciar-me? que plano trazes?

—Plano de grande artifice. Não é meu: dou o pai á creança: é de Diogo Soares. O duque de Bragança não póde ser morto face a face, nem dentro do paço, nem na rua, nem nas passagens que elle costuma fazer de um palacio para outro, com grande escolta. Quanto elle é covarde sabêm'ol-o nós, desde que inventámos n'elle um rei legitimo; e, depois que a vida lhe esteve a pique das espadas do conde de Armamar e do marquez de Villa Real, hade ter bom olho quem o vir sósinho ao alcance de um tiro, ou quem o descobrir a dez leguas de distancia de um arraial. Covarde como todos os infames, diz o conde de Figueiró. Observei eu ao ministro Soares que tu, homem de bizarra condição, não querias matar o duque de cilada. Replicou Soares perguntando-me se o duque, empolgando-te a esposa, te matára o coração com a vizeira levantada, ou se te não ferira com a mais abominavel perfidia. Não tinha replica sensata a pergunta. Traição por traição. Seguiu-se discutir a traça da morte. Diogo Soares pediu meia hora de meditação. Apanhou a calva frente entre as mãos, espremeu os miolos, e decretou o seguinte: A procissão de Corpus-Christi cahe este anno no dia 20 de junho. Iremos para Lisboa, sem perda de tempo. São hoje 24 de abril. Devemos partir d'aqui no fim do mez. Soares tem amigos seguros em Lisboa, que nos hão de alojar sem risco. Alugaremos casas em uma das ruas por onde a procissão hade passar. Estas casas hão ter outras e outras contiguas que tambem allugaremos. Abriremos communições entre ellas, de modo que façam frente para duas ruas. Suppõe tu... proseguiu Roque traçando no papel a planta das casas ... Aqui tens tu tres moradas de casas, vês?

—Sim.

—Imagina que estamos na extrema da parochia de S. Nicolau. A entrada d'este primeiro predio é por este bêcco. Sabes como se chama?

—Não.

—É o bêcco de Pero Ponce de Leão, que vai dar aqui ao Terreiro de traz da capella mór de S. Nicolau. Percebes?

—Percebo...

—Bem. Aqui n'este Terreiro principia a rua dos Torneiros. Ella aqui vai... Ora agora, este outro predio, como vês, fica no ultimo canto da rua dos Torneiros, e faz face para a Fancaria e bêco do Ourinol. Comprehendes?

—Sim.

—A outra casa, como vês, está no meio das duas.

—É claro.

—A procissão, ao recolher da Sé, vem aqui ter da rua dos Torneiros. Quando aqui passar, temos o rei pela frente; e, quando entrar na Fancaria, têmol-o de costas, não é assim?

—É.

—N'esta casa, que olha para a Tornearia, abrimos uma seteira; e aqui, no angulo que fronteira com a Fancaria, abrimos duas, uma no primeiro sobrado, e outra no segundo. A do primeiro andar, como vês, é que mais geito nos dá para a pontaria, porque a rua aqui é larga. Deu-se o tiro nas costas do rei, suppomos. Nada mais facil que o escapar-se a gente. Esta casa d'onde sahiu o tiro está trancada com alavancas. O povo naturalmente quer arrombar a casa, d'onde sahiu o

estrondo, não é assim? Mas enquanto se arromba a porta, passamos nós para esta casa do meio, pela comunicação interior que temos aberta, e d'aqui passamos a estas que estão no beco de Pero Ponce, mettemo-nos ao meio da multidão, vestidos de atafoneiros, vamos sahir ao postigo de Nossa Senhora da Graça, cavalgamos á noite fechada, e passem por lá muito bem. Que te parece?

—Tudo isso é de Diogo Soares?

—É.

—E as casas tambem?

—As casas!..

—Não digo as casas que pintaste; pergunto se são d'elle e estão devolutos os trez predios representados n'estas linhas.

—Entendo o gracejo. Queres dizer que não estão á nossa espera trez casas com taes condições...

—Quer-me parecer...

—Esse milagre pertence á alçada do dinheiro.

—Não contes commigo, que sou pobre.

—Conto eu...

—Com quem?

—Commigo.

—É el-rei de Hespanha que me dá recursos para me eu desaffrontar? Regeito-os.

—Não é el-rei de Hespanha: sou eu. Tudo que se gastar não será um terço do que te devo. Esqueces-te de que as tuas algibeiras em solteiro eram as minhas? Saldaremos contas depois. Approvas o plano ou tens outro?

—Tenho outro.

—Dize lá.

—Esperar el-rei, á entrada ou sahida da casa de Maria Isabel, e matal-o.

—E depois?

—Morrer, ou ás minhas proprias mãos, ou ás do carrasco.

—Acho isso bastante antigo;—volveu o outro motejando—parece-me grego ou romano; mas é tolo, consente á minha amisade que t'o escreva assim na frente, é romanamente e gregamente tolo esse plano.

—O que tu quizeres. Devo dizer-te que assim mataria o padre, se elle houvesse sido amante de minha mulher.

—Onde mora tua mulher?

—Não sei.

—A quem o vais perguntar?

—Lá verei.

—Não verás nada; não acharás ninguem que t'o diga. Não se espera um rei á porta de uma amante. Os reis não entram nem sahem pelas portas, nem pelas janellas, nem pelas trapeiras das amantes. E o duque de Bragança, desde que D. Francisco Manuel lhe bateu no pateo da condessa de Villa Nova de Portimão (tu sabes que o pobre poeta está preso na Torre Velha ha quatro annos..) nunca mais andou n'estes cazos como homem em quem as pranchadas de uma espada não são brincadeira. A tal respeito, vem de molde informar-te, segundo as informações que teve Diogo Soares, que a sr.^a Maria Isabel não recebe o amante em sua casa; é recebida no palacio de Alcantara. Ninguem sabe quando; mas sabe-se por onde. O pavilhão e as colgaduras do seu camarim amoroso são as arvores da tapada; é o que os passarinhos lá cantam uns aos outros.

Domingos Leite fez um gesto de indignação, e disse:

—Isso é vil!..

—Que é vil?!

—A minha desgraça deve poder mais que o teu genio zombeteiro!

—Não zombo, Domingos!.. Tracto de obstruir com a irrisão as veredas por onde tu queres ir a uma desgraça infallivel. Matares o rei frente a frente!.. Sabes lá o que isso é?.. Corto a cabeça se fores capaz, se quer, de o encarar com um pensamento homicida!

—Essa!...—atalhou Domingos Leite.

—Bravos cavalleiros eram os fidalgos inimigos de D. João II; valentes e expostos á morte andavam os duques de Bragança e Vizeu; muitas occasioens se lhes ageitaram de matar o rei; e, chegado o lanço de o apunhalarem, retrahia-se-lhes o braço gelado da covardia que incute na alma o olhar de um homem que se chama *rei*—coisa fantastica mas terribilissima como a palavra *diabo* ás creanças que o temem. Poderoso de braço e coração era o duque de Vizeu, e ali se deixou cravejar de punhaladas de D. João II...

—Depois de agarrado pelas costas...—ajuntou Domingos Leite.

—Pelas costas são agarrados todos aquelles que os reis querem matar, Domingos Leite... (*Nota 23.*^a) Eu não percebo o que seja vingança, se a desaffronta custa a vida de quem se vinga. Morrer eu, sem provar o nectar dos deuses! morrer, fechar os olhos, não ver... não palpar a victima! Então, antes eu queria perdoar-lhes christãmente, e deixar-me acabar de paixão; que assim pelo menos havia de ter dois frades que espalhassem cá por baixo que eu estava no ceo; mas passar da vingança á força! Domingos Leite, deixa-me abraçar-te, e dizer-te que tu não és parvo! Não debes dar a tua cabeça ao algóz como prova de que não podes viver sem o amor e a fidelidade de Maria Isabel Traga-malhas. Que mates o rei ou mates o ultimo criado das cavallariças reaes, isso que monta, se a tua questão não é a morte, é a vingança! E, depois, homem, ouve lá isto: Se tentares publicamente contra el-rei, ainda que nem de leve o firas, sabes que desde a masmorra até ao cadafalso hasde ser arrastado nas ruas; e que no Pelourinho te hão de decepar as mãos; e mutilado, com horrendissimas agonias, te hão de levar muito de vagar até á força; e que tua filha hade ser herdeira da tua infamia até á terceira geração, privada dos bens, por que tudo que houver sido teu hade ser confiscado para a camara real?... Pensaste n'isto? viste a tua querida Angela entre ti e o rei e o carrasco?...

Domingos Leite passou vertiginosamente a mão pela frente, e murmurou:

—Jesus!...

Invocára o dulcissimo nome da divina caridade humanada, e... estava perdido! Quem sabe como lá soou nos juizos de Deus aquella invocação! Quem sabe a distancia que medeia entre o grito do homem e a serena magestade do seu Creador!

XVIII

Roque da Cunha negociava com os ministros de Filippe IV, em nome de Domingos Leite, a morte do usurpador. Encomiando o character audaz do seu amigo, encarecia-o tambem como grato e affeiçãoado ao rei de Hespanha; sendo que a facção planeada timbrava tanto de pessoal como de politica. E, do mesmo passo, entre-mostrava que o ex-escrivão do civil da côrte, pelo facto de haver sido tão liberalmente remunerado, creara necessidades de pompas, que el-rei de Castella poderia de antemão assegurar-lhe em Madrid, com promessas de maiores vantagens, restaurado Portugal.

Exposto isto ao valido por Francisco Leitão, o secretario das mercês nomeou Domingos Leite em uma commenda de Christo de lotação de duzentos cruzados e brindou o medianeiro com quatrocentos escudos e um officio na casa real. Quanto á partilha do espolio de Portugal, Diogo Soares, desde logo, magnanimamente nomeou seu secretario Domingos Leite, com meio vencimento, até se abancar na respectiva secretaria.

Roque apressurava n'este em meio a sahida para Lisboa recolhendo no seu alforge afivelado de moscovia de prata provimento de quartos e pelouros, e frascos de peçonha com que as balas deviam ser hervadas. Da parte de Filippe IV recebeu, por mão do desembargador Guedelha, Domingos Leite uma escopêta de primoroso artificio, ao mesmo tempo que lhe entregava o alvará da mercê da commenda de Santa Maria de Valdestillas, e carta de passagem e recommendação muito instante ao marquez de Mollinguen.

Em 6 de maio de 1647 estavam Domingos Leite e Roque da Cunha, na Ameixoeira, uma legua distante de Lisboa, em casa de Bento Rodrigues Taveira, amigo de Diogo Soares.

Haviam ambos cortado as barbas, antes de entrar em Portugal. Roque trajára-se com a simplicidade de mercador, e fallava uma linguagem estrangeirada com mescla de termos hollandezes.

Nos primeiros dias concorreu á Ameixoeira um negociante de sola, chamado Serges, de origem allemã, cujo avô, em tempo d'el-rei D. Manuel, se estabelecêra em Lisboa com privilegio de sapateiro. Serges era espião de Castella em Lisboa, onde, áquelle tempo, amealhava grossos haveres. Ao tempo que os regicidas sahiam de Madrid, era o sagaz mercador avisado por expresso afim de se avistar com elles em casa do fugitivo partidario dos Filippes, na Ameixoeira.

Apresentou-lhe Roque a planta das casas escolhidas por Diogo Soares para a emboscada. Devia ser Serges o alugador das casas, sob color de querer armazenar n'ellas os seus generos, logo que lhe chegasse de fóra a carga extraordinaria que encommendára, prevenindo-se para o consummo da grande guerra e para a contingencia dos bloqueios. Assim explicava o mercador aos inquilinos dos tres ou quatro prédios o interesse grande que punha em alugar as casas pelo dôbro da sua renda. Tão minucioso é n'esta relação o manuscripto consultado, que não lhe esqueceu dizer-nos ser o proprietario das casas Gomes Freire, fidalgo de Beja.

O plano de Diogo Soares foi levemente alterado, segundo deprehendemos da descripção particularisada do *Ms.* que reza assim: «A morada de casas que primeiro alugou Simão Serges está em um bêcco fronteiro á Capella mayor de S. Nicolau; e por um passadiço sahe a outro bêcco que desemboca na Tinturaria e cinge por aquella parte a Tornoaria; e além d'estas alugou mais tres moradas, umas que dizem para a Tinturaria, e outras que fazem a revolta da rua dos Torneiros, e as ultimas no recanto d'esta rua, que faz desigualdade a outro canto de Quebra-Costas.»

Conseguido o despejo dos quatro prédios, Domingos Leite e Roque da Cunha alojaram-se no Bêcco de Ponce de Leão, na noite de 20 de maio, sem encontro que lhes desfalcesse a coragem. Serges proveu-os dos viveres necessarios, ferramenta e tudo que os dispensasse de sahirem.

O trabalho interior de demolir e construir communicação de umas para outras casas era pezado para mãos mimosas e não callejadas na alavanca e picarêta. Como os planos dos sobrados eram desiguaes, ao romperem as paredes mestras tiveram de escadear a passagem d'uns aos outros, e cobrir os envazamentos com tal artificio que, se os procurassem na primeira casa, não se lobrigassem vestigios de passagem para a immediata. Quanto ao melhor local para abertura de setteiras, escolheram uma esquina que dominava toda a rua dos Torneiros e parte da Correaria, resolvendo descarregar sobre o rei pelas espaldas; e abriram outra, conforme o plano de Madrid, para, em conjunctura melhormente proporcionada, lhe atirarem de frente.

Estes preparativos estavam concluidos em 15 de junho, com poucas ferias de repouso, e nem o minimo ruido que motivasse a curiosidade dos visinhos.

Em algumas das noites decorridas, Domingos Leite quiz sahir com o disfarce de atafoneiro; mas Roque embargava-lhe o passo com reflexões de prudencial severidade. Figurara-se-lhe possivel vêr, acaso, a filha estremecida. Escutando o coração, o pae de Angela decifrava no vago terror que lá lh'o innoitecia que nunca mais havia de vê-la! Enganava-se. Tinha de vê-la um instante, e esse seria o derradeiro e unico.

Todavia, se Domingos Leite, na noite de 19 de junho, se confundisse na multidão que enchia o Terreiro do Paço, veria Maria Isabel e Angela, recostadas nos almadaques de uma liteira, a gozarem o espectáculo das columnas resplendentes de lampadarios de christal que era costume accenderem-se n'aquella praça, na do Rocio, e em todas as ruas percorridas pela procissão do Corpo de Deus. Depois, iria no rasto da litteira pela rua Aurea, pela dos Mercadores, dos Ourives da prata, dos Escudeiros, dos Odreiros, da Almada, das Portas de Santa Catharina, de S. José, com os seus trinta palacios estrellados de luminarias, e pela Calçada do Combro, onde o palacio do Monteiro-mór excedia os mais sumptuosos na belleza da illuminação. Por todas estas ruas abobadadas de esteira, com figurações christãs e pagãs nos remates de cada cunhal, poderia Domingos Leite seguir a litteira de sua mulher, vêr a espaços o rosto alegre da filha, debruçada na portinhola perguntando á mãe a significação das estranhas figuras debuxadas nos guadalmecins e paineis que tapizavam as paredes e balcões das sacadas. E, depois, ahi por volta da meia noite, seguil-a-hia ao longo do bairro da Marinha, estrada de Alcantara, até que, apagado o clarão dos lustres que alumivavam, se acingisse á liteira e apunhalasse a esposa, e sobraçasse a filha, e a devorasse de beijos, e morresse n'aquelle extasis!

Mas, a essa hora de tumultuosa alegria, Domingos Leite, depois de ceia, encostou os cotovellos á meza, apoiou a barba entre as mãos, e disse a Roque da Cunha:

—Parece-me que foi Leonidas, na vespera da passagem das Thermopilas, que disse aos trezentos companheiros da sua funesta façanha, depois de jantar: «hoje aqui jantamos, e iremos cear ao reino de Plutão.» Onde iremos nós cear amanhã?

—D'aqui trez leguas: á estalagem da Povia de D. Martinho, onde ainda ha um velho Malaga, que os portuguezes bebem para matar a sêde do sangue de castelhanos—respondeu Roque sorrindo.

—Vamos marcar os nossos postos—volveu o commendador de S. Maria de Valdestillas.

—Estão marcados.

—Ainda não. Onde hasde tu estar quando eu atirar ao rei?

—Aonde? aqui.

—Não quero. Ao pé de mim, não. Se eu for agarrado, quero ver-me sósinho, face a face do algoz. Se o homem morrer, e eu me evadir, não disputarei o teu quinhão de gloria n'este feito. Dirás em Madrid, e eu confirmarei, que tu estavas ao meu lado, com o pé na beira do meu abysmo, com o pescoço exposto ao mesmo esparto, com as mãos debaixo do mesmo cutello. A hora é excellente para sahires d'aqui por entre o povo que enche as ruas. Os cavallo, a esta hora, devem estar na Ameixoeira, segundo combinamos com o marquez de Molinguen. Vai tu pernoitar á Ameixoeira, e amanhã, por volta do meio dia, parte com elles e espera-me no Postigo da Senhora da Graça. Se eu lá não estiver antes das tres, foge, porque então estarei preso ou morto.

—Mas...

—Não questionemos. Isto é resolução feita e inalteravel. Tenho-te dito que não quero cumplices; e, se guardei para esta hora o declarar-t'o formalmente, foi por evitar contestações então, e agora muito mais, que é tarde para discutir. Vamos. A pé e sahir. Dá cá um abraço. Até amanhã de tarde, ou... até... nunca mais. Viverei ou morreréi agradecido á tua dedicação. Ingrato e atrozmente egoista seria eu, se arriscasse a tua cabeça n'um desaggravo da minha honra. Se eu morrer, se me não vires mais, dize ao rei d'Hespanha que o alvará da commenda com que nobilitou minha resalva de assassino o desfiz em buchas para a escopêta com que me elle brindou. E adeus!

Roque da Cunha abraçou-o sem commoção sensivel. Para esta frieza concorria a crua rigidez de sua compleição e a esperança do bom exito da empreza. Se Domingos Leite lograsse penetrar-lhe nas cavernas do peito, veria lá dentro assomos de jubilo. Desde que o dia 20 de junho se aproximava, Roque meditava absôrto e pávido no trance do tiro, nos paroxismos do rei, no torvelinho do povo, na grita de milhares de vozes, no arrombarem-se as portas, na linha de alabardeiros cintando as ruas, na sua propria cara a delatar o crime, nos crimes impunes da sua proterva historia—em fim, na forca.

Se um homem n'estas condições ousaria prever que um historiographo portuguez, seculo e meio depois, escreveria d'elle: ... *cheio de confusão e honra!*

Pois houve! O leitor verá que n'esta sua, tão sua e minha querida terra, temos historiadores que denominam a incestuosa mulher de Pedro II *rainha prudentissima* (veja o sr. conselheiro Antonio José Viale, na sua *Historia*) e Roque da Cunha *homem cheio de confusão e honra*. (Veja Roque Ferreira Lobo na sua *Historia da aclamação de D. João IV.*)

XIX

Ás dez da noute sahira Roque. Ás onze já Domingos Leite, vestido de feitio que nenhum traço arguia o aparaltado do escrivão do civil, parava no largo da Porta do Salvador, contemplando a casa immersa em trevas, que nenhum pontinho luminoso interceptava. Que fazia alli?

Fantasiára que o seu velho criado lá estaria, não obstante lhe dizer Roque da Cunha que a justiça lhe dera tractos até saber onde o amo se escondia; e, sendo assim, de certo o expulsaria Maria Isabel.

Ajustou-se á frontaria da caza, e tocou no postigo da fresta, chamando Bernardo.

N'este lance, pessoa que elle não vira em uma janella a refrigerar-se na aragem da noite, disse com voz senil:

—Ahi não mora ninguem.

Domingos estremeceu; mas, cobrando animo com a probabilidade de segurança de nenhum perigo, perguntou:

—Sabe dizer-me onde está um homem que aqui morava ha coisa de dois mezes?

A pessoa interrogada não respondeu; retrahiu-se da janella, e fechou-a. Domingos Leite, ouvindo o bater das portadas, não podia perceber a descortezia ou qualquer outro sentimento de quem quer que fosse, e principiava a censurar-se da indiscreta pergunta, quando uma porta rodou vagarosamente, e voz tremula de dentro disse anciadamente:

—Entre, entre depressa...

Domingos reconheceu a voz de Bernardo.

O velho colheu-o nos braços suffocado por convulsos gemidos, e cahiu de joelhos exclamando:

—Ai meu amo que vem entregar-se á morte!..

—Não venho... não te assustes... Deixa-me subir ao teu sobrado e conversar contigo, meu pobre amigo...—murmurou o amo.

O velho precedeu-o na subida da ingreme escada, pedindo-lhe que fallasse baixinho, porque no segundo andar estava gente ainda a pé.

—Foi certo darem-te tratos, Bernardo?—perguntou Domingos Leite sentando-se no unico tamborete da pobre quadra.

—Quem lh'o disse, meu senhor?

—Soube-se em Madrid.

—Foi verdade. Aqui estão as costuras nos dedos. Descarnaram-me os ossos. Eu já não podia com as dôres quando disse que vossa mercê tinha uma caza nas Olarias; mas disse porque me bacorejava o coração que meu amo não estava lá...

—Meu infeliz amigo!...—atalhou Domingos com os olhos aguados—E não voltaste para casa de... Maria Isabel?

—Fui ter-me com ella...

—Aonde?

—A um palacete em Alcantara, onde me disseram que ella morava umas pessoas da justiça em casa do corregedor, e por tal signal que...

—Por signal que...

—O melhor é calar-me, sr. Leite; mas... a fallar verdade...

—O quê? podes fallar... Disseram-te que era uma mulher perdida...

—É verdade, e não me mentiram, queira vossa mercê perdoar-me...

—Fallaste-lhe?

—Sim, sr. Fallei-lhe com mais lagrimas que vozes. Disse-lhe que o senhor seu marido passára uma noite na caza do Salvador; que estivera no quarto a embalar o berço... N'isto, a menina que estava alli a ouvir-me, rompeu a chorar que cortava o coração, e a clamar que queria ver seu pai; que queria ir com o seu Bernardo ver o seu paizinho; que a mãe era muito má em não a deixar ir, e outras coisas, meu amo, que faziam chorar as pedras. E vai a mãe, neste entrementes, pega por um braço da filha com arremessão, e tira por ella lá para o interior da casa. Eu fiquei estarecido, a ouvir os gritos da menina lá dentro, até que chegou um escudeiro, e me mandou sahir d'alli por ordem da fidalga. «Pois sim, eu vou; mas vá vossê dizer á senhora que o seu velho criado não a offendeu; e que eu vim cá para lhe dar conta das alfaias da sua casa, ou saber se alguma lhe falta, que de certo não fui eu que a tirei.»—Foi o escudeiro com o recado, e voltou logo dizendo que a fidalga não queria saber de contos; que me puzesse na rua. Tornei-lhe a mandar pedir que ao menos me mandasse entregar a minha arca onde eu tinha o meu fato e as minhas economias. O escudeiro, talvez porque tambem era pobre e me viu a chorar, teve pena de mim e tornou lá dentro. D'ahi a pouco voltou e disse-me que ia commigo para me dar a minha arca. Veio com effeito, e pelo caminho fora, de Alcantara até aqui á rua, e depois lá no meu quarto, contei-lhe tudo que se tinha passado; e elle que não sabia de nada, porque sahiu do palacio real de Belem para ir servir aquella fidalga por ordem do sr. Antonio Cavide, disse-me então o que vossa mercê, pelos modos, já sabe...

—Sei... E então, meu Bernardo, estás muito pobre?

—Não, meu amo. Ainda tenho dinheirinho do que vossa mercê me dava quando era solteiro; mas, como estou muito acabado e não posso trabalhar com as mãos desde que m'as quebraram na tortura, não tenho remedio senão viver com muito pouco, para não ter de ir pedir por portas. E vossa mercê tem mingua de dinheiro? Eu tenho alli quinze moedas de ouro de quatro cruzados cada uma; se vossa mercê as quer, assim Deus me salve como eu lh'as dou com todo o meu coração...

—Não preciso; obrigado, meu querido amigo, obrigado... Disseste-me que minha filha chorava—volveu Domingos Leite, depois de longo silencio e profundo recolhimento.

—Se chorava!.. quando me viu e conheceu, corria para mim com os bracinhos abertos; mas a mãe botou-lhe a mão ao braço, e puxou-a para si. Assim que eu contei a passagem do berço, e da tristeza com que o paisinho da menina olhava para elle, as lagrimas saltaram-lhe como punhos; e a mãe lançava-lhe de esquelha uns olhos furiosos, que pareciam querel-a espedaçar...

—Ai!.. se eu a visse...—murmurou Domingos Leite.

—Como hade vossa mercê vel-a, meu senhor!... Não pense n'isso, porque tenho ouvido dizer

que, se o apanham, a sentença menor que tem o meu amo é degredo perpetuo, se não lh'a derem peor... A que veio a Lisboa, sr. Domingos Leite? que peccados o trazem aqui?...

—Sabel-o-has, quando fôr tempo...—respondeu Leite serenamente—Escuta, Bernardo: sabes que tenho pai?

—Pois não sei!..

—Chama-se Antonio Leite, vive em Guimarães, e tem officina de cutelleiro na rua Infesta. Agora, jura-me que cumprirás o que te vou pedir.

—Não é mister jurár, senhor!

—Se acontecer eu ámanhã ser preso ou morto...

—Sancto nome de Jesus!—clamou Bernardo.

—Não me interrompas com lastimas que não remedeiam o meu destino... Attende, meu amigo... Se acontecer eu amanhã ser preso ou morto, parte logo para Guimarães, procura meu pai na rua Infesta, e dize-lhe que eu morri ou vou morrer, sacrificando a vida infamada á honra de a perder em desaffronta de um grande ultrage. Não tens aqui papel e tinta. Se tivesses, escrever-lhe-hia: mas, ámanhã, por esta hora, se eu estiver preso ou morto, vai e dize-lhe, se te não lembrar mais nada, que D. João IV era o amante da mulher de seu filho. Mas, se eu não estiver preso nem morto, e algum acontecimento explicar o mais que eu te não digo, pede-te o teu pobre Domingos Leite que leves comtigo á sepultura o segredo que adivinhares.

Bernardo queria debalde replicar; mas as palavras eram-lhe estranguladas nos soluços.

N'este conflicto, Domingos Leite abraçou o velho; e, desprendendo-se-lhe dos braços, desceu as escadas subtilmente.

Eram já desertas as ruas, quando entrou na casa do Becco de Ponce Leão; e, atravessando os outros predios até ganhar o sobrado, cuja janella esquinada dominava as ruas dos Torneiros e parte da Fancaria, abriu o alforge de moscovia, e tirou os frascos de peçonha, e um caixotinho com quartos e balas. Hervou o pelouro e os zagalotes, mergulhando-os cautelosamente no toxico: sevou a cravina de polvora, metteu as balas calcando-as com a vareta sobre a bucha (*Nota 24.ª*) introduziu as doze costas ou quartos, lascou, antes de escorvar, com a lamina de uma agumia o rebordo da caçoleta, azeitou o gatilho, experimentando-o, encheu a escorva, bateu na culatra tres punhadas afim de sevar plenamente de polvora o ouvido, e trez vezes fez pontaria em diversas direcções. Feito isto, apagou o candil, abriu de manso as portadas da sacada, e ao lampejo tremulo de algumas luminarias que vasquejavam, esteve examinando as duas ruas confluentes; depois, retrahindo-se, abocou a escopeta a dois alvos, que, naturalmente, se lhe figuraram o corpo sacratissimo de sua magestade. Esta phrase, um tanto descabidamente faceta, corresponde ao esgar de riso ferino que lhe refegou os beiços, vibrando os musculos faciaes.

Ás trez horas da manhã começaram a repicar os sinos da basilica de santa Maria Maior, e logo todas as torres saudaram a jubilosa arraiada da vetusta metrópole. Já se ouviam as charangas de atabales e clarins que, nas ruas comvisinhas do templo, annunciavam a sahida da procissão, mais matutina que o sol. Aquelle tão comprido dia de junho era mister começal-o ao arrebol da manhã para que o tempo não escasseasse ás alegrias do povo.

Domingos Leite, escutando a resonancia estridula dos clarins e o tanger festivo dos sinos, foi ao passado buscar memorias da sua alma despedaçada, e todas viu em um relance afflictivo de olhos. Tambem elle tinha acordado alegre ao ruido d'aquellas musicas quando era moço e rico, feliz e amado. Tambem elle n'aquellas manhãs de luz e flores folgava de madrugar, e passeiar as ruas de Lisboa, respirando o acre das espadanas e rosmaninho que verdejava o transito, por debaixo dos doceis e grinaldas. Ainda no anno anterior, sahira elle áquella hora, depois de uma noite mal-dormida, com a filhinha pela mão, e entrara na basilica, ensinando a creança a pedir a Deus por si e por elle.

Quanto mudado, ó desventura! Que voragem entre o secretario do marquez de Gouvêa e o determinado assassino de D. João IV! Como elle se contemplava na escuridade profunda de sua alma ao reflexo do gentil, do invejado mancebo que fôra! Que horrendissimo doer não seria o do seu espirito, quando a cabeça lhe cahia para o peito, e as mãos enclavinadas e tremulas comprimiam o pescoço, como se quizesse impedir que aos ouvidos lhe chegasse o regosijo d'aquellas toadas!

E áquella mesma hora, Maria Isabel, despertada pelos repiques do mosteiro do Calvario, saltava alegremente d'entre as cortinas adamascadas do leito, chamava a aia que a penteasse, e ordenava que lhe vestissem Angela.

—Então d'onde vai ver a procissão, sr.^a D. Maria Isabel?—perguntou a aia com a confiança de criada antiga e quinhoeira dos segredos da ama.

—Vou para o palacio do Galvão, no Rocio, ou para casa do senhor da Trofa, na Rua dos Torneiros: ainda não sei.

—No Rocio é mais bonito...—volveu a aia.

—Mas eu prefiro a Rua dos Torneiros.

—Eu bem sei porque, minha senhora...

—Ah! sabes? és muito esperta!... Ora dize lá...

—É porque el-rei passa mais chegadoinho á caza do senhor de Trofa que á do Galvão... Adivinhei?

—Parece-me que sim...—assentiu Maria Isabel com uma despejada denguiçe—Tenho passado estes dias tão aborrecida...

—Pois, sim, sim... Não sahe de caza a minha senhora... passa as noutes sósinha... Quando se vai embora a rainha para Lisboa?

—No principio do inverno.

—Que praga!.. E a sr.^a D. Maria Isabel, por amor d'ella, nem ás janellas vai! Tambem não sei por que razão el-rei tem medo que a rainha desconfie... Sempre ouvi dizer que o rei se lhe dava pouco dos ciumes d'ella. Acho que o sr. D. João IV o que receia é que a vejam os fidalgos que se ajuntam em Alcantara emquanto sua magestade cá está... Se alguem tem ciumes, não é a rainha, é o rei...

Sorriu-se lisongeadá Maria Isabel, e murmurou:

—És tola, és tola... Quem trocaria eu n'este mundo por el-rei?

—Isso lá, minha senhora—replicou a aia—tem-se visto d'essas trocas... Bem podia V. S.^a gostar mais dos condes que eu por ahi vejo a passear no largo do que de el-rei; apesar de que sua magestade está ainda muito fresco, e parece um mancebo... Como vai V. S.^a vestida á procissão?

—Levo saia de seda verde com barras pretas de velludo; gibão de tafeté azul, com cossoletes de ouro.

—E que manto leva?

—O de seda verde.

—O branco vai-lhe melhor sobre o gibão azul.

—Vai? pois levarei o branco.

—E chapins? os azues com rubis?

—Não; os verdes com diamantes.

—Eu acho os outros tão lindos!.. Ainda me lembra o contentamento com que V. S.^a calçou outros da mesma côr, faz agora dois annos, quando foi a esta mesma procissão com seu marido... Lembra-se?

Maria Isabel não lhe respondeu. A aia, affeita a lidar com os caprichos da senhora, absteve-se de repizar no assumpto desagradavel, posto que Maria Isabel, algumas vezes, ouvisse fallar indifferentemente do marido.

—A que hora vai a senhora para a rua dos Torneiros?

—A cadeirinha hade estar prompta ás nove horas.

—Por que não vai no coche do ministro Cavide, que lh'o offereceu?

—Não me appetece andar em côches alheios. Heide comprar um quando me parecer.

—Faz V. S.^a muito bem... não sei como el-rei lh'o não tem dado...

—Não quero. Sou bastante rica. Posso ter côche sem dever favores ao rei.

A conversação foi cortada pela vinda de Angela, que já estava vestida e encantadoramente galante com o seu gibão escarlata de passamanes de prata, saia de trez barras com debruns de lhama de ouro, chapins altos de setim branco e tacão escarlata, volante de rendas na cabeça, ondeando por sobre as espiraes de tranças louras que lhe deslizavam nas espaldas meio nuas.

Ás 9 horas entraram Maria Isabel e a filha na cadeirinha. Pouco depois, sahia D. João IV do palacio de Alcantara, em côche, com o manto de grão-mestre da ordem de Christo, precedido dos reis d'armas, e seguido do principe D. Theodosio, e cento e cincoenta cavalleiros das ordens militares, em cavallo pomposamente ajaesados.

El-rei ia só e melancolico; mas, no rosto carregado, relampedejou-lhe um clarão de alegria,

quando, ao passar pela cadeirinha que ao longe conhecera, viu aquella formosa face cujo primeiro verniz de pudor se desbotára nos beijos do padre Luiz da Silveira.

A melancolia de el-rei quer o meu manuscripto legitimal-a com estes catholicos dizeres: «No oratorio da quinta de Alcantara tinha sua magestade commungado, esteve em oração mais do que costumava, e sahindo, disse á rainha, nossa senhora: Eu vou com grande trabalho. E dizem que, havia tempos, lhe tinham dito que em uma procissão do corpo de Deus o haviam de matar; e el-rei respondêra que junto ao sanctissimo sacramento lhe não podia succeder mal.» Ainda bem!

Se estes pios casos de commungar, e sahir mal disposto, e meditativo no sinistro vaticinio, assombraram o real semblante, ainda bem que o langoroso olhar da Traga-malhas espancou o profeta de máo agouro, e abriu nos labios do rei commungado um sorriso que radiou nas bochechas dos seus vassallos.

Por volta das onze horas, Domingos Leite, espreitando o concurso de povo, que já tomava os lados das ruas, notou que a seteira baixa que abrira para o lado da Fancaria era a melhormente azada para desfechar sobre o rei, visto que alli a multidão, abrindo uma especie de clareira, obrigada pelo aperto do cunhal das duas ruas confluentes, deixava a descoberto o palio, ao qual devia seguir-se a familia real. Regeitou, portanto, o plano traçado de dísparar pela seteira alta, que dava sobre a rua dos Torneiros, parecendo-lhe quasi impossivel de ponto elevado, por mais firme que pozesse o fito, acertar no rei.

Assim, pois, que os atabales estrondearam no topo da Fancaria, Domingos Leite pegou da cravina, e foi ajoelhar rente com a seteira baixa. O dia era ardentissimo; e, elle, sentindo as mãos geladas, friccionava uma na outra receando que o dêdo do gatilho fizesse tremer a escopeta, e desviar o tiro. Era o frio do terror; era a honra convencional dos homens subjugada pelo ingenito respeito á vida humana.

Entreviu a passagem dos cavallos á destra, cobertos de telizes de velludo escarlate com as armas de Bragança em relevo de ouro, levados de redea por lacaios com a libré real. Passou S. Jorje, cabeceando a sua plumagem do murrião, cavalgado sobre o cavallo que resfolegava involto no cairel cravejado de diamantes e variada pedraria. Seguia-se o pagem do sancto general, a disputar com o amo a posse das riquezas do oriente e das concavidades do oceano em perolas e rubis e esmeraldas. Deslizaram os trinta e sete estandartes dos officios com as insignias de cada um; e logo as cento e cincoenta cruces das confrarias com variegadas roupetas. Depois, as bandeiras das parochias. Em seguida, as irmandades do SS. Sacramento, que eram trinta e oito com opas escarlates. Principiavam agora as comunidades religiosas, que eram quarenta, psalmeando alternadamente uns cantares como responsorios funeraes nos ouvidos de Domingos Leite. Succediam as congregações de clerigos regulares; os tribunaes com os seus presidentes de catadura sombria, os magistrados de toga, os cavalleiros de Christo, de S. Thiago e S. Bento de Avis com os mantos capitulares. Depois a cleresia e o cabido. Agora os coros da musica dilecta do rei; depois os bispos mitrados, e os turiferarios bamboando as nuvens fumosas dos incensos.

N'este ponto, Domingos Leite encostou a face á parêde para descobrir do esconso o palio. Avistou-lhe as franjas de ouro do sobre-ceo atravez da nebrina dos perfumes; e por entre as varas, e por sobre a espadua do arcebispo eleito, viu a frente de D. João IV.

Elle temia e tremia do quebranto de sua alma, chegado aquelle indeclinavel trance; mas a presença altiva do tyranno que lhe tirava o pão, a patria, e a filha, engolphando-lhe tudo na devassidão da esposa, sarjou-lhe o coração, repuchou-lhe o sangue em jactos ardentes ao cerebro, queimou-o em sedes de fera, deu-lhe as facinorosas deleitações do sclerado.

Estava já o palio a dez passos de distancia da caza. Domingos Leite afastara-se para apoiar a extremidade da caravina no envasamento inferior da seteira. Desconfiára do tremor do pulso e da vertigem dos olhos. Ajoelhou, levantou o feixo, e ajustou o dedo ao gatilho. Já o rei, desviado apenas dous passos do palio, se mostrava a descoberto... Mas, no mesmo instante, Domingos Leite viu duas damas que encobriam o rei. É que D. Maria de Arrayolos e a camareira-mór, curvando-se para levantarem do chão um panno de seda que cahira da mão ao principe D. Theodosio, quando enxugava o suor, ficaram, por momentos, quasi á frente do rei, forçadas pela deslocação de alguns fidalgos que, ao mesmo tempo, tentaram, abaixando-se, evitar ás duas senhoras a cortezia de levantar o panno. Ainda Domingos Leite, tenteando pontaria, esperou clareira por onde coubesse uma bala; teve-a n'um relance; mas a certeza de cravar algum dos doze quartos nas senhoras que ladeavam D. João, paralisou-lhe o dedo do gatilho.

Restava ferir-o pelas costas, ao desandar para a rua dos Torneiros. Subiu acceleradamente ao sobrado de cima, onde abrira duas seteiras na sacada angular, que olhava para duas ruas.

Apenas entrou no sobrado e correu a mirar a volta que a procissão ia rodando da Fancaria para a Rua dos Torneiros, antes de descer os olhos sobre a rua, pol-os maquinalmente nas balaustradas de uma caza fronteira, e viu Maria Isabel, e ao lado d'ella uma creança, uma visão da alma ingolphada em Deus... Era Angela, a sua filha!

E, cravando n'ella os olhos, e arquejando em angustia que o lacerava com delicias, e ouvindo o coração que chamava por Angela, sentiu-se cahir, largar a arma, dobrar os joelhos, ajoelhar, ajoelhar de mãos postas, cobrir-se de lagrimas, e ouvir como dos labios de um estranho: «Salva-me, ó filha, salva-me!»

E D. João IV passou, olhando de soslaio para Maria Isabel, que ajoelhára, e encostára a fronte ás mãos, formando graciosamente um docel para resguardo do sorriso que as outras damas devassavam, e que ella muito se rejubilava que lh'o vissem....

.....

Ás duas horas, Domingos Leite, com o disfarce que tinha vestido, chegou ao postigo da Graça.

Roque da Cunha, avistando-o de longe, foi desprender os cavallos que escarvavam impacientes em uma barroca socavada entre dois combros de piteiras, e sahiu com elles á estrada chã.

—Morreu?—perguntou Roque.

—Não.

—Não?... Que me dizes?... Feriste-o? Não acertaste?..

—Não lhe atirei.

—Oh!..—exclamou Roque da Cunha—Que diabo fizeste então?..

—Nada... Vamos embora, se te não escandaliza um covarde na tua companhia...

—Eu ia agora perguntar-te se lhe não atiraras por covarde... Porque me não deixaste estar contigo, Domingos Leite!.. Com que cara entraremos em Madrid!...

—Pois vai só, e deixa-me...—replicou Domingos Leite.

—Fazes-me uma grande compaixão!... Que lagrimas são essas...

—São umas lagrimas que eu ainda tinha no coração, e só podia choral-as, vendo minha filha!... Foi minha filha que salvou o rei...

—Vamos, que eu ouço tropel de cavallos na calçada da Graça...—disse Roque da Cunha—Conhecer-te-hiam?..

—É impossivel...

Cavalgaram, e deram de esporas. Na assomada de um dos outeiros de Alvalade pararam, e olharam na direcção de Lisboa. Ninguem os seguia. Era uma cavalhada de campinos, que voltavam da procissão do Triumpho, e recolhiam aos seus cazaes.

XX

Diogo Soares, previsto e diligentissimo em proporcionar aos assassinos enviados os meios de facil fugida, mandara uma chalupa do porto do Ferrol para os receber na barra de Lisboa; mas o portador, que por terra trouxera o aviso ao mercador Simão Serges, não o encontrando no dia 19 de junho, segundo as ordens que trazia, foi na noite de 20 a Passo d'Arcos fazer signal de erguerem ancora aos da chalupa. Simão Serges, áquella hora em que o buscavam, temeroso do resultado da tentativa, passara o Tejo, e esperava em Aldeia Gallega a noticia das occorrencias. O manuscrito, que nos esclarece as escuridades da historia, diz a tal respeito: «N'este tempo estava Roque da Cunha com os cavallos esperando-o ao Postigo da Graça, onde foi ter com elle Domingos Leite, e que lhe contou o que passára; e é de saber que na mesma tarde foi visto em Passo d'Arcos um barco longo de Castella, e que havendo descuido em ir a elle de noute, fugiu este, e desapareceu, e os dois foram por terra.»

Ao mesmo tempo, Bernardo, que passára a noite e o dia em oração, quando viu terminadas as festas do Triumpho, e nenhum caso extraordinario se contava em Lisboa, nem voz humana proferia o nome de seu amo, deu fervorosas graças ao Senhor, porque attendera ás suas preces.

O apparecimento de Roque e Domingos Leite em Madrid foi acolhido com frieza dos fidalgos portuguezes e dos ministros de Philippe IV. Diogo Soares, rindo da historia pueril da visão da menina que paralisára o braço do pai, disse que os covardes, antes de se affrontarem com empezas grandes, deviam medir a sua altura pela das meninas que lhes podessem apparecer na hora da prova. Roque da Cunha transmittiu a phrase, qual a recebêra, a Domingos Leite.

O frustrado regicida volvêra-se á vida solitaria com a sua dôr exacerbada pela nota de covarde e digno marido da meretriz Traga-malhas. Quem mais lhe carregava a mão no peccado da mulher era D. Vicencia, filha da Barbara da rua dos Cabides. Insidiosamente lhe escreviam satyras celebrando-lhe a façanhosa jornada a Lisboa, e offerecendo-lhe outra commenda para se ir a Pariz matar Luiz XIV, e duas commendas para ir ao inferno matar o diabo.

Na correnteza d'estas coisas, fallecêra em Madrid um padre da companhia de Jesus, a quem D. João IV estipendiara grandiosamente na espionagem dos planos de guerra. Esta pêrda

contrariava o rei, e mais ainda o impedimento de substituir sem dilação a sagacidade do jesuita, que sahira bem amestrado do gyneceu de padre Antonio Vieira.

Arrolando os portuguezes mais infamados que demoravam em Hespanha, D. João lembrou-se de Roque da Cunha. Conhecia-o pela falsa delação de Mathias de Albuquerque, e por homicídios que a obscuridade protegera, como o do pai de Miguel de Vasconcellos, divulgado em 1640, e indultado pela politica. E, bem que soubesse da sua parceria com Domingos Leite no assassinio do padre Luiz, intendêra o rei que o sicario, vendido ao marido de Maria Isabel, estava em almoeda para quem o quizesse comprar.

No proposito de chatinal-o, enviou Gaspar de Faria Severim a Madrid pessoa idonea, e conhecida de Roque da Cunha. Era quasi sempre um clerigo ou frade de inculcada virtude e erudição theologica, por parte das duas nações irreconciliaveis, o espia ou o cathequista d'essas personagens indispensaveis na diplomacia d'aquelles tempos, assim como o algoz era o artigo fundamental da arte de reinar. Apenas restaurado o reino, fôra fr. Diogo Seyner espião de Castella em Portugal, e tambem um padre Azevedo, que acabou envenenado em Angola. Em compensação, as denuncias mais importantes que vinham de Hespanha, quanto ás intenções de invasão, procediam da companhia de Jesus, pois que os Philippes, com quanto patricios do sancto fundador da ordem, nunca se avençaram politicamente com a theocracia da omnipotente roupêta. Ainda n'aquelle anno de 1647, a Hespanha festejava a perfida passagem do jesuita flamengo, o padre Cosmander, que vestiu as insignias de sargento-mór de batalha, depois de as ter já usado no exercito portuguez. Este sacerdote, que timbrava de engenheiro, viria outra vez ajudar os nossos a repellir os estrangeiros, se não morresse debaixo das baterias portuguezas; no entanto, enquanto viveu, deu de si boa conta, espiando as duas nações, visto que nenhuma era sua.

Com este se intendêra o padre portuguez, e ambos com Roque da Cunha.

A proposta era em termos de seduzir um aventureiro com dous terços menos da perversidade de Roque. D. João IV enviava-lhe o perdão do crime de homicidio na pessoa do padre Luiz, aproveitavel quando a sua continuação em Castella fosse desnecessaria, e elle quizesse voltar ao reino. Enviava-lhe como comêço de gratificação trez mil cruzados, e promessa de ao diante o ir premiando com dinheiro á medida dos seus serviços e habilidade nas pesquisas. Quanto ao futuro, quando Roque se repatriasse perdoado, despachal-o-hia em pingue emprego na caza da India e Mina.

Seduziram-no; jactavam-se os dois jesuitas de o terem seduzido; mas a verdade é que o infame não deu ansa a que os seductores provassem os dotes de corrupção: rendeu-se logo.

Dias depois, Roque da Cunha, ao despedir-se do agente portuguez, disse-lhe com mysterioso recato:

—Diga V. Reverencia a el-rei nosso Senhor que eu só entrarei em Portugal, quando lá fôr para o salvar da morte.

O padre não obteve illucidações d'estas vagas palavras.

Assim as revelou a D. João IV, que lhes deu a maxima ponderação, sem todavia suspeitar de qual dos fidalgos homisiados poderia proceder a tentativa, se dos Mascarenhas, se dos Lencastres, se do conde de Miranda, se do conde de Figueiró, se dos Tavoras, se dos Taroucas, se de todos. De Domingos Leite Pereira não se lembrou, ou apenas se lembrava quando Maria Isabel lhe dizia:

—Vossa magestade, mais dia menos dia, acha-me assassinada por elle...

O *elle* substituia a palavra que tanto repugnava ao rei como á princeza do seu economico serralho.

Sorria-se el-rei; e por delicadeza com a dama lhe não replicava que o expatriado lhe havia dado provas de se prezar mais a si no seu orgulho do que a ella na sua belleza.

Quando Roque enviou o recado a D. João, já sabia que Domingos Leite deliberára voltar a Lisboa se não renovar a tentativa. Flagelavam-no os apodos e zombarias que secretamente lhe iam em cartas anonymas, e as censuras de Roque da Cunha, não á covardia de homem, mas á pusillanimidade de pai.

Houve horas em que o desgraçado acariciou a ideia do suicidio; porém, lá vinha a imagem da filha arrancar-lhe o veneno como lhe arrancara a cravina. N'esta reluctancia atroz, obsediou-o o pensamento de passar a Lisboa, esconder-se em caza de Bernardo, espiar a hora em que Maria Isabel estivesse com o amante, entrar de sobresalto na caza d'ella, fugir com a filha para Castella, passar-se a Amsterdão, buscando o amparo de Francisco Mendes Nobre.

Revelou o alvitre a Roque da Cunha, que lhe respondeu:

—A final, vejo que não és marido, nem homem: és pai.

—Queres dizer que não sou honrado? —acudiu Domingos Leite.

—Não... mas ha quem duvide que o sejas...

—Se o duvidas tu, dize-o que eu a ti provarei que sou homem; e, se ha covardes que façam de ti pelourinho de injurias, que venham depois de ti ou junctamente.

—Os meus cincoenta annos perdoam os teus vinte e seis—disse serenamente Roque—Entretanto bom é que saibas, amigo Leite, que nenhum homem, antes de ti, me insultou assim, nem depois de ti receio que me insulte. Se não estivéssemos sós, dar-me-hías uma satisfação. Assim... ninguem irá dizer que o matador do amante de certa dama ouviu tamanha vilta do marido de Maria Isabel. Estás perdoado, porque és fraco, fraco do coração onde tens muitas lagrimas e pouco sangue. Pagas mal a quem duas vezes expoz por ti a vida, e não se esquivava de a expor terceira vez.

—Não exporás, Roque. Não ha para quê. O meu intento já sabes que não é matar o rei; é resgatar minha filha.

—E, se te descobrirem, se te agarrarem...

—Serei julgado como assassino, sentenciado á morte, e morrerei, sem denunciar que o matador foste tu.

—Mercês... A justiça sabe quem matou, provavelmente... A minha questão é outra, Domingos Leite. Eu preciso tanto como tu sahir de Hespanha. A nodoa de covardia tanto innegrece a tua reputação como a minha. Os enviados a matar D. João fomos dois: o covarde não póde ser só um. Se vaes a Lisboa, irei contigo: dar-me-has agazalho no teu escondedouro, e eu te ensinarei modo de passarmos a Hollanda, com tua filha, sem tornarmos a Castella, onde o desprezo pode ter as consequencias do odio, e o veneno que estava para hervar a bala do duque de Bragança servir para nós. Se queres roubar a pequena á mãe, eu te ajudarei. Os estorvos que t'o empecerem, derrubal-os-hei. Se quizeres que eu estrangule os gritos no pescoço de Maria Isabel em quanto foges com tua filha, ninguem lhe ouvirá um soluço. Se nada quizeres de mim, ao menos dá-me em Lisboa um valhaoito d'onde eu possa arranjar passagem para onde quer que seja. Que mal te faz que eu vá contigo?

—Vem, meu amigo, que eu estou tão longe de t'o impedir, que t'o agradeço—respondeu Domingos Leite abraçando-o extremosamente.

Accordaram na partida para 18 de julho.

Communicou Roque á Junta dos fidalgos, que Domingos Leite resolvêra voltar a Lisboa e matar o rei, face a face, ou á traição, consoante se lhe occasionasse o ensejo; mas tirou a partido que ninguem se intenderia com elle sobre tal determinação, porque a sua honra se queria desligada de compromissos politicos, visto que se desaffrontava a si e não a Filippe IV nem aos fidalgos de sua parcialidade.

Riram da honra do plebeu nobilitado com a commenda de Castella; mas acceitaram a clausula como coisa de todo o ponto indifferente. A Juncta chamada da Inconfidencia deu dois mil cruzados ao interprete de Domingos Leite e renovou as ordens ao marquez de Molinguen. O pai de Angela nem d'esta feita nem da outra soubera que Roque da Cunha recebêra dinheiro; e, por que lh'o via em abundancia, suppunha-lh'o de seus salarios e liberalidades de D. Vicencia.

No dia 18 de julho sahiram de Madrid, caminho da fronteira.

Escutemos o chronista-mór do reino, fr. Francisco Brandão: «Ha muito para reparar na força do destino que chamava Domingos Leite... Depois que sahiu de Madrid entrou logo em desconfiança do companheiro, presumindo que o havia de entregar, como por vezes lhe disse no caminho, declarando que sonhára uma d'aquellas noites que elle o entregava, e se via mandar fazer em quartos; e chegou a tanto a suspeita que tinha que, uma das vezes, se poz de joelhos diante de Roque da Cunha, e, abraçando-o pelos pés, lhe rogou encarecidamente o não quizesse entregar á justiça. Estando em Badajoz na estalagem, entrou uma menina de pouca idade, e pondo os olhos em ambos, lhes disse: *Uno de vos outros és traidor*. E apontando em particular para o Cunha, disse: *Tu tienes ojos de traidor!*... Reparou logo o Leite, nas palavras, e com o annuncio d'ella renovou ao companheiro a presumpção que d'elle trazia, e continuou com a supplica de que lhe fosse fiel. Grande cegueira—prosegue Brandão—que, tendo as presumpções tão vivas, não melhorasse partido, sendo-lhe facil!..»¹⁰

Se prestamos mediana fé á perspicacia da mocinha de Badajoz que lia a traição nos olhos de Roque da Cunha, facilmente cremos que o traidor, a relanços, se temeu das suspeitas de Domingos Leite, em termos de velar as noites com medo do punhal e da cravina que o companheiro cuidadosamente aconchegava do leito.

Ás vezes era Roque da Cunha quem se prostrava aos pés da victima exorando-lhe que não suspeitasse de sua lealdade, ou então o repulsasse de si como ao mais abjecto scelerado. «Grandes foram as cautelas de Cunha—confirma fr. Francisco Brandão—para assegurar bom animo ao companheiro, receando que lhe fugisse a preza, e não quizesse entrar em Portugal, ou depois de entrado, se voltasse para Castella sem passar a Lisboa; e não foram de menos consideração as cautelas que teve para se assegurar d'elle, receoso de que o matasse com as

Á quem de Badajoz sahiram da estrada real; e por veredas desfrequentadas e conhecidas de Roque, venceram grande espaço, para se desencontrarem das tropas portuguezas, em um dia e noite. No termo da violenta jornada de oitenta e cinco leguas em dez dias, o cavallo de Domingos Leite abriu dos peitos, e na aldeia, onde se albergaram, não houve modo de allugar cavalgadura. Notou Roque da Cunha ao companheiro que o presistirem alli, sem esperanças de remedio, era perder tempo, e talvez perigoso; que elle iria adiante agenciar cavallo nos Pegoens, e lh'o enviaria, a não querer o seu amigo ir n'essa diligencia, e enviar-lh'o.

—E para que vá mais leve, e menos sugeito a que me roubem, fica tu com os meus alforges, onde estão quatro mil cruzados...—ajuntou Roque.

—Oh!—exclamou Domingos Leite gracejando—Ninguem dirá que vaes do desterro! Parece que chegas de governar a India! Quatro mil cruzados!...

—Ahi t'os deixo como refens...

—Mal de mim se este dinheiro fosse o abono da tua lealdade, Roque! Se tens tenção de me atraçoar, leva-o, e atraçoame, para que me não taxem de ladrão quando me prenderem.

Roque fez um esgar de fingida magoa ou de terror de sua mesma ignominia. Domingos Leite interpretou a primeira supposição, e emendou as palavras duras com tocar-lhe amavelmente no rosto, dizendo-lhe:

—É brincadeira, meu homem! Vai, leva ou deixa o dinheiro, como quizeres; manda-me o cavallo, e espera por mim na Povia de S. Martinho, d'aqui cinco leguas. Levas-me de avanço apenas algumas horas, se amanhã cedo me mandares o cavallo, e elle não fôr alejado. Devo lá chegar por noite, se a estrada real estiver desembaraçada de tropa; senão terei de dar grandes voltas.

Roque abriu o alforge, contou cem mil reis e disse:

—Levo commigo este dinheiro, porque talvez tenha de comprar o teu cavallo, se m'o não quizerem alugar; e quem sabe se o meu tambem vai a terra, que hontem já o não sentia entre os acicates...

—Não deixes o dinheiro!—instou Leite Pereira.

—Já te disse que receio ser roubado. Que me faz deixal-o ou leval-o? Adeus, até amanhã.

Abraçaram-se. Domingos Leite olhou-o muito de fito, e disse-lhe:

—Não me vendas... visto que estás rico!

Roque sahiu de arremesso, cavalgou, e esporeou a desapoderado galope, caminho dos Pegoens. «Não me vendas...» dissera o desgraçado. Assizadamente escrevia depois o frade: *Ha muito para reparar na força do destino que o chamava...*

XXI

Decorrêra o restante d'aquelle dia 28 de julho, e parte do seguinte sem novas de Roque da Cunha. Cerca do meio dia, chegou um guia, portador de um bilhete para Domingos Leite. Dizia-lhe o fementido que, não encontrando cavallo que comprasse ou alugasse em Gaifões, passara a Rilvas, onde achara um sendeiro estropiado, que alugou para si, e lhe enviava a elle o cavallo para que a jornada lhe fosse menos enfadonha.

Domingos Leite sentiu-se captivo d'esta deferencia; mas, apenas montou, conheceu que o cavallo estava por tanta maneira escalavrado que só muito a passo alcançaria vencer as seis leguas, que o distanciavam da Povia de D. Martinho, até á noute do dia seguinte. O arrieiro que o guiava recommendou-lhe pouca espora, se queria chegar com o cavallo vivo á Povia.

—Não havia em Rilvas uma besta que se vendesse?—perguntou Domingos Leite.

—Havia um cavallo de comer tres leguas por hora, que se vendia por trinta cruzados.

—Porque o não disseste á pessoa que te mandou com este?

—Quem me mandou foi o estalajadeiro, e nada mais sei, nem fallei com essa pessoa que vossemecê diz.

O cavallo elogiado pelo arrieiro comprara-o Roque da Cunha, e n'elle cavalgára caminho de

Lisboa, deixando tractada com o estalajadeiro a remessa do seu e o bilhete á aldeia onde ficára o seu companheiro.

Dizendo Domingos Leite ao criado que talvez comprasse em Rilvas a cavalgadura, observou-lhe o arriero que tinha ordem de o guiar por fora dos povoados, sem saber a razão porquê.

—Andam soldados na estrada real?—perguntou Leite.

—Que eu saiba, não, senhor.

Reparou na precaução o cavalleiro; e não viu a voragem. Cada vez nos encostamos com melhor juizo ao dizer de fr. Francisco Brandão: *Ha muito para reparar na força do destino que o chamava.*

Suggeriu-se-lhe de novo o pensamento da perfidia; quedou-se alguns segundos luctando com o palpite de retroceder; nada obstante, seguiu avante, dizendo entre si:

—Que pensaria de mim Roque da Cunha se está innocente nas minhas suspeitas, e eu me voltasse a Hespanha com o seu dinheiro!...

Quando elle assim lidava em conjecturas que se destruiam, já Roque da Cunha estava em Lisboa, e no Paço da Ribeira. Pediu ao corregedor Pero Fernandes Monteiro, que sahia da corte, o apresentasse a el-rei para negocio da maior urgencia. D. João IV, ouvindo o nome do seu recente espia em Madrid, e recordando o recado de Roque da Cunha, transmittido pelo jesuita, quanto a salvar-lhe a vida, teve grande alvoroço com a nova, e mandou-o entrar. Poz-se em joelhos o delactor, começando por implorar o perdão de seus delictos, e confessando que tivera parte em uma tentativa contra a vida de sua magestade; porém, accrescentava que se el-rei, seu senhor, lhe não perdoasse, morreria contente, levando a Deus sua alma purificada de remorsos.

Sorriu D. João IV dos remorsos de Roque da Cunha, e disse gravemente:

—Estás perdoado. Dize o que tens a dizer, e levanta-te.

Referiu Roque a tentativa de regicidio em 20 de junho, com os pormenores sabidos do leitor, e aggravou o crime de Domingos Leite com a reincidencia no intento que o trazia a Portugal.

Escutou-o D. João com torvo aspecto. Turturava-o a situação de Maria Isabel. Passou-lhe talvez no espirito o pensamento de encarregar o infame delactor de matar, em segredo, Domingos Leite, e salvar assim a viuva e a filha da ignominia que do alto da força baixaria sobre ellas. Mas não era Roque o homem amoldado á observancia do mysterio que tal acto requeria.

Mandou recolher o espia a um quarto baixo do paço, e ordenou que viessem á sua presença o fidalgo mais possante de sua côrte, Luiz da Silva Telles, e outro não menos destemido D. Francisco de Faro e Noronha, conde de Odemira. Contou-lhes o que passára com Roque da Cunha, e enviou-os a prender Domingos Leite Pereira onde o denunciante os conduzisse.

Ao mesmo tempo, ordenava a Antonio Cavide que sem perda de tempo fizesse entrar em uma caleça Maria Isabel e sua filha, e elle mesmo as conduzisse a um mosteiro de Tras-os-Montes, á escolha do seu secretario; que nem palavra lhes dissesse a respeito de Domingos Leite, e se desculpasse com a ignorancia dos motivos que el-rei tivera para dar semelhante ordem.

Maria Isabel e Angela colhiam, ao empardecer do dia, nos canteiros do seu jardim de Alcantara, um ramilhete de flores, quando o escudeiro annunciou a chegada do secretario de estado, e a recommendação de se apressar S. Senhoria a recebê-lo.

Assustou-se a dama. Sempre que este homem a procurava soavam-lhe rebates de medo no inquieto coração. Tinham-lhe dito que Cavide lisongeava o rei, alcofando-lhe novas amantes quando o sentia fatigado das antigas. Esta seria a causa da repugnancia. Angela, essa então odiava-o de instincto, sem saber precisar aquelle rancor tão desnatural em sua idade.

O estranho aspecto de Cavide incutia maior temor em Maria Isabel.

—Minha senhora—disse elle entre melancolico e solemne—ordena el-rei, meu amo e senhor, que vossa senhoria e sua filha se aprestem activamente para ao romper da manhã sahirem de Lisboa...

—Para onde?!—interrompeu Maria Isabel.

—Para um mosteiro na provincia de Traz-os-Montes.

—Mosteiro!...

—Sim, senhora minha.

—Não quero!—bradou a dama.

Sorriu-se o fidalgo, e disse:

—Quer el-rei, nosso senhor.

—Mas que fiz eu? por que me manda el-rei para um convento?

—Ignoro. Segredos de sua magestade. Não discutamos inutilmente: é sacrilegio duvidar da prudencia de sua magestade nas ordens que se dignou transmittir-lhe. Senhora D. Maria Isabel, ás tres horas da manhã está o meu coche á porta de vossa senhoria, e fora de portas estará a caleça que nos hade levar onde el-rei ordena. Não posso deter-me, salvo se tem ordens a dar-me...

A esposa de Domingos Leite abraçou-se na filha em pranto desfeito, ao passo que o secretario se retirava a passo magestoso, dignando-se saudar d'entre o reposteiro a senhora que não o via.

Quando ella ás onze horas d'aquella noite de 30 de julho enfardelava com as lacrimosas criadas os seus fatos e de sua filha nos bahús, entrava Domingos Leite Pereira na Povia de S. Martinho, áquem do Tejo, trez leguas distante de Lisboa.

Conforme a senha concertada, deu trez pancadas na porta da estalagem com a coronha da cravina. Desceu Roque da Cunha embrulhado em um gibão e em menores, affectando sahir da cama. Abriu a porta mansamente, e disse:

—Eu já não te esperava...

—Tambem eu cuidei que não chegaria hoje... O teu cavallo vai fazer companhia ao meu na immortalidade das cavalgadas heroicas e pôdres... Quem está por aqui na locanda?

—Ninguem afora um ou dois vilões desconhecidos. Dá cá as redeas, que eu recolho o cavallo.

E dizendo, tirou pela besta, afim de distancear o coldre das pistolas do alcance de Domingos Leite, e servir-se d'ellas em conjuntura apertada.

Seguia Domingos Leite o cavallo; e, no momento de entrar na cavallariça, frouxamente allumiada, sentiu-se agarrado de sobresalto. Eram os braços de ferro de Luiz Telles que o cingiam do peito ás costas, emquanto o conde de Odemira lhe arrancava das mãos a caravina.

Leite nem levemente escabujou nas garras dos dois fidalgos. Cravou os olhos no rosto de Roque da Cunha, e disse:

—Agradeço-te esta morte, ó infame. Todo o infeliz que chegou a conhecer n'este mundo um homem como tu, deve desejar morrer. Podem largar-me, que eu não lhes fujo nem lhes resisto, sr. Luiz Telles e sr. conde.

D'ahi a momentos, á porta da estalagem chegava uma escolta de paisanos armados. Domingos Leite foi conduzido ao centro da escolta pelo conde de Odemira, que, voltado ao preso, disse:

—Se tentar fugir, sr. Leite, é espingardeado.

E com grande silencio o levaram a Lisboa, diz o manuscrito.

Silencio comprehensivel! Os dois fidalgos que, por ordem de el-rei, o apertaram nas roscas de aço dos seus musculos, sabiam que a mulher d'aquelle homem, inevitavelmente levado ao patibulo, era amante de D. João IV. A sua abjecta mensagem de esbirros ainda lhes consentia que sentissem o opprobrio d'ella. Roque, na saga da escolta, não podemos, não poderá ninguem esgaravatar que herpes lhe mordiam a consciencia. Homens assim nem o Creador sabe decifrar o enigma que elles são. Querem que Deus deva saber o que fez. Saberá.

Domingos Leite era o unico do prestito sinistro que levava o rosto nobremente erguido, e parecia olhar para o ceo pedindo ás estrellas a luz da fé, para que na morte lhe não faltasse a esperanza de outra existencia.

Entrou em Lisboa na madrugada de 31 de julho. Levaram-no ao palacio do conde de Odemira, onde respondeu ao primeiro interrogatorio com a altivez nunca vista em reo. Confessou tudo, sem nunca balbuciar o nome da mulher. Matava el-rei, disse elle, em desaggravo da sua honra.

Nem um instante de quebranto, de pavor ou de supplica! *Entrou na casa do conde de Odemira, diz o doutor fr. Francisco Brandão no opusculo referido, com um desafogo tal que parecia mais alvitrista dos contrabandos d'el-rei D. João que cumplice dos maiores servidores do rei de Castella. Com esta mesma segurança de animo se portou em todos os mais lanços em que foi examinado; tendo só de bem confirmar sempre na confissão com o companheiro que o deu á prisão, e com a primeira confissão que uma vez lhe ouviram; de maneira que correndo por todo o exame e rigor das interrogações que o direito dispõe não faltou nunca na mesma rectificação de quanto sem as maiores violencias havia confessado; imperfeita virtude no maior defeito!*

Em um d'esses interrogatorios, *sem as maiores violencias* (quer dizer que a tortura não foi das mais requintadas) fizeram-lhe esta pergunta:

—Porque não atiraste a el-rei, tendo a escupeta apontada sobre o sagrado corpo de sua magestade?

—Porque tive uma visão santíssima: foi a mão de um anjo do ceo, que me levou para si os olhos e a alma.

D'esta resposta formaram os fantasistas da historia uma parvoçada de aureolas luzentissimas que esconderam aos olhos do regicida o etherio corpo de D. João de Bragança.

Transferido da caza do conde para o segredo do Limoeiro, divulgou-se em Lisboa a noticia.

As turbas correram á porta do carcere pedindo que lhe entregassem Domingos Leite Pereira para o espedaçarem. Acudiram os ministros, clamando ao povo que o prezo era apenas reo de morte na pessoa do padre Luiz da Silveira, e conseguiram debandar a chusma dos carrascos voluntarios, ebrios de civismo.

Bernardo, quando soube da captura de seu amo, abordou-se ao cajado de peregrino, e foi caminho de Guimarães dizer a Antonio Leite que seu filho morria em desaffronta de sua honra.

Ao fim de 16 dias de prisão, Domingos Leite foi sentenciado.

Eis a sentença integralmente trasladada da original, e publicada em 1833 pelo desembargador Gouvêa Pinto:¹²

SENTENÇA

Que se proferiu contra Domingos Leite Pereira Escrivão da Correição do Cível da Côrte, por querer atreçoadamente matar a El-Rei o Senhor D. João o IV.

Acordam em Relação etc. Visto estes Autos, que pela qualidade, e detestação do caso, prova d'elle se fizeram summarios.

Mostra-se que o Reo *Domingos Leite Pereira*, sendo natural d'este Reino, e Proprietario do Officio de Escrivão do Cível da Corte, se passou d'elle para o de Castella no anno passado, a titulo de um seu homezio, e estando em Madrid, foi n'elle despachado com o Habito de Christo, e outras mercêz, e d'aly com ordem de certos Ministros de El-Rei de Castella foi mandado a este Reino para matar a El-Rei Nosso Senhor, dando-lhe para este effeito quatrocentos escudos e uma espingarda com quartos, e um pelouro e dous vasos de peçonha para os poder ervar, e Cartas do mesmo Rei de Castella para o Marquez de Molenguem, Governador das Armas da Cidade de Badajoz, o deixar passar livremente.

Mostra-se que vindo o Reo com animo de efectuar o sobredito, chegou a esta Cidade com outro companheiro em seis do Mez de Maio do anno prezente aonde andou escondido té os vinte dias do Mez de Junho, dia da Procissão geral do *Corpo de Deus*, em que determinava dar á execução o seu damnado, e abominado intento, para cujo effeito, por meio do dito seu companheiro alugou tres moradas de cazas no principio da Rua dos Torneiros, por onde havia de passar a dita Procissão, e n'ella acompanhando o dito Senhor, na forma do costumado pelos Senhores Reis d'este Reino, com tal apercebimento que uma das ditas casas ficassem com a dita porta para outra rua diferente por onde facilmente, depois do caso feito podesse escapar sem ser tomado, rompendo com uma alavanca de ferro as ditas trez moradas de cazas, para mais facil expedição da sua fugida.

Mostra-se, que no dito dia da Procissão ao tempo que o dito Senhor chegou á dita rua, e casas, e o Reo com a mesma rezolução, e deliberação do animo, o estava esperando em um buraco, que para o mesmo effeito abriu nas ditas cazas, com a dita espingarda nas mãos carregada dos ditos doze quartos, e um pelouro ervado com a dita peçonha, e tanto que a Real Pessoa do dito Senhor, elle mesmo confessa, que se lhe representou uma *Superior Magestade do Ceo*, que lhe fez cahir das mãos a dita espingarda sem poder executar o intento, que de antes tinha, e no mesmo dia se sahiu desfarçado das ditas cazas, deixando n'ellas a dita espingarda, e alavanca, e vasos de peçonha; e se foi ao postigo de Nossa Senhora da Graça aonde o dito seu companheiro o estava aguardando com dous cavallos, que já alli tinha preparados para sua fugida, e n'elles se tornaram ambos para Madrid.

Mostra-se, que ahi se tornou o Reo a vêr com os mesmos Ministros de Castella, que o haviam mandado dando-lhe outras desculpas de não effectuar o prometido por sua parte, e elles acceitando-lhas o tornaram a mandar ao mesmo effeito, com os mesmos passaportes, e promessas de aventejadas mercêz, dando-lhe mais dous mil cruzados em dinheiro; e partindo o Reo com o mesmo intento, e deliberação, e o dito seu companheiro, o mandou diante a esta Cidade a buscar cazas aonde se podessem agazalhar, e que o fosse esperar ao Lugar da Povia de D. Martinho, para que ambos podessem entrar mais escondidos na Cidade.

Mostra-se, que o companheiro do dito Reo, uzando de melhor concelho *revelou tudo aos sobreditos Ministros da Justiça*, do dito Senhor em os trinta e um dias do Mez de Julho, em que o Reo chegou ao dito logar da Povia, o entregou n'ella á prizão, e o Reo no mesmo dia fez inteira e plenaria confissão do seu damnado e deliberado intento, contestando em tudo o acima referido; e que fazendo-se diligencia, e visturia nas ditas cazas se acharam furadas, na forma referida, e n'ellas os dois vasos de peçonha, escondidos no proprio lugar, que o Reo declarou, um d'elles ainda cheio, outro já diminuto, pelo que elle havia tirado, para ervar os ditos quartos e pelouro.

Não mostra o Reo por sua parte descarga alguma em sua defeza, sendo-lhe dado vista, e Procurador para allegar de sua justiça e direito.

O que tudo Visto, e o mais dos Autos, disposição de direito em tal caso, declaram ao dito Reo, por traidor aleivoso, parrecida, assassino, e haver incorrido no detestavel crime de Leza Magestade de primeira cabeça, e como a tal o condemnam, e mandam, que com baraço, e pregão pelas ruas publicas, e costumadas seja levado á rasto á forca, aonde sendo-lhe primeiro decepadas as mãos no Pelourinho morra enforcado de morte cruel, e o seu corpo seja posto em uma fogueira e n'ella feito em pó, e em cinza, para que d'elle não fique memoria; e o condemnam outro sim em perdimento de seus bens para o Fisco, e Camara Real, e que seus descendentes hájam as penas, que por direito lhes são impostas: e esta Sentença se não publicará sem primeiro se dar conta ao dito Senhor, na fórma de suas ordens: e pague o R. os Autos. Lisboa 12 de Agosto de 1647.—Marcham, Monteiro, Beja, Marz.^o, Stacio, Porto.

Ao alvorejar da manhã de 21 de Agosto de 1647, sahiu o regicida do oratorio, onde permaneceu tranquillo, já orando, já conversando affectuosa e christãmente com o sacerdote. Se algumas vezes orava com fervor de lagrimas, e o padre lhe asseverava que nosso Senhor Jesus Christo, pai de misericordias, lhe perdoava, o padecente respondia que estava pedindo a Deus lhe tirasse d'este mundo uma filha que tinha, e cá ficava sob o pezo da ignominia de seu pai.

Apontava o sol, quando os algozes entravam no recinto a tosquiar-lhe a cabeça, a vestir-lhe a alva, e enroscar-lhe no pescoço e cintura a corda por onde haviam arrastal-o. Levado, á beira do padre, até ao atrio do Limoeiro, ahi mandaram-o estender-se sobre um esteirão, ao qual aprezilharam as cordas da garganta e da cinta, de geito que, ao repuxal-as, o não molestassem de modo que a vida perigasse.

As ruas desbordavam de povo que ululava gritos de colera, e premia os flancos da escolta.

Chegado ao Pelourinho, mandaram-no erguer, conduziram-no pela corda a um patamar de taboado, no centro do qual estava um cepo de madeira escura pintalgado ainda do sangue dos conjurados de 1641 e de Francisco de Lucena. Domingos Leite estendeu os braços no cepo, e o carrasco decepou-lhe as mãos de dois golpes. A forca da Ribeira hasteava-se a distancia de duzentos passos. Do Pelourinho ao patibulo o suppliciado revelou enormes dores nos estorcimentos dos braços que jorravam sangue em jactos fumegantes. O frade da agonia, lavado em lagrimas, murmurava-lhe tudo que o homem pode dizer em honra de Deus e esperanças do ceo.

Chegou o instante da piedade humana: o carrasco, balouçando-se-lhe nas espaduas, quando o corpo se inteiriçava pendente do triangulo, fez um gesto significativo de ter cumprido a justiça d'el-rei D. João IV.

Faltava ainda o complemento da sentença.

O verdugo cortou a corda. O cadaver baqueou no tablado. E logo dois ajudantes do executor o esquartejaram em quatro partes que encravaram com cavilhas de ferro em uns altos postes arvorados em quatro pontos da cidade, os quaes ahi estiveram expostos até que a podridão aconselhou o queimal-os, e arrojál-os ao Tejo.

Assim acabou Domingos Leite Pereira, o mancebo ardente que se devotára ao duque de Bragança com patriotico desprezo da vida, e o marido brioso, que respeitára em si o esposo trahido, e odiára no rei o adultero infamador de sua honra.

CONCLUSÃO

Pelo que é de Domingos Leite Pereira está tudo concluido.

Mas a narrativa não pode parar aqui.

Ficam-lhe no mundo a filha, a esposa, o pai... e o traidor.

Oh! Roque da Cunha viu aquella tragedia, viu a cabeça esqualida no poste da rua dos Torneiros, e ficou debaixo do ceo, para onde o frade apontava com o Christo, quando o padecente tiritava nas horrentes dores da mutilação!..

Vamos rastrear os destinos de Angela, visto que a Providencia a não levou d'esta vida, quando o padecente lh'o rogava no oratorio. E, se no rastro escuro ou luminoso da amada e innocente creatura, resvalarmos aos lodaçoes, pode ser que lá topemos os personagens repugnantes de cujo destino o leitor nos pede conta.

O livro hade chamar-se A FILHA DO REGICIDA. (*Nota final.*)

FIM

NOTAS

NOTA 1.^a

Diogo de Alvarado foi grande tangedor de *tecla*, que é o mesmo que de *orgão*. Viveu longa vida e conservou sempre a mesma destreza e agilidade no tanger d'aquelle instrumento. Quarenta e trez annos exerceu o officio na capella real no tempo dos Philippes, e ainda trez no reinado de D. João IV. Está sepultado na igreja de Nossa Senhora dos Martyres, onde tem este epitaphio: *Sepultura de Diogo de Alvarado tangedor de tecla na capella real 43 annos, e de sua mulher, o qual falleceu em 12 de fevereiro de 1643.* «Memorias (ineditas) de Diogo de Paiva de Andrade.» Estas *Memorias* referem-se á antiga igreja arrazada pelo terremoto de 1755. D'este musico não encontramos outra noticia, nem d'elle a teve o cardeal patriarcha D. Frei Francisco de S. Luiz na *Lista de alguns artistas portuguezes*. (Lisboa, 1839).

A referencia que acima se faz a >*Guerreiro*, intende com o padre portuguez Francisco Guerreiro, mestre da capella da Sancta Igreja de Sevilha, o qual, como elle mesmo refere no seu *Itinerario da Terra Sancta*, estando em Veneza por agosto de 1588, ahí mandara imprimir os seus livros de musica.

NOTA 2.^a

Esta novidade da morte de Bernardim Ribeiro Pacheco, a tiro, na rua Nova, deparou-n'ol-a um manuscripto que possuímos intitulado MEMORIAS COLLIGIDAS POR DIOGO DE PAIVA DE ANDRADE. D'estes nomes e appellidos houve tio e sobrinho. O primeiro foi grande theologo e mui sizado padre que decerto não ferragearia os escandalos que enxameam nas MEMORIAS. O sobrinho, mais mundanal, e auctor do *Casamento perfeito*, seria o collector de biographias, um tanto airadas, entre as quaes está a do amador da infanta Beatriz. Diogo de Paiva nasceu em 1576 e morreu em 1660.

NOTA 3.^a

Memorias citadas. Concordam com a supposição de Manuel Faria e Sousa nos *Commentarios ás rimas* de Luiz de Camões, e nomeadamente á *CançãoVII* e ao *Soneto LXXVII*.

NOTA 4.^a

O fidalgo, que assim ameaçou brutalmente uma senhora, foi D. Carlos de Noronha. Este sujeito havia sido estrenuo cortezão da côrte de Madrid, e recompensado por Philippe III largamente; porém, como pedisse uma graça que o rei lhe não concedeu, voltou aggravado para Portugal, e inscreveu-se entre os conjurados com arrebatado patriotismo. Como a cobiça fosse o estímulo mais energico dos seus actos, curou de se enriquecer, litigando a posse dos bens a quem os tinha. Questionou a casa de Linhares a D. Miguel de Noronha, e perdeu a demanda. (Veja-se a *Historia Genealogica da Casa Real*, T. 5.^o, pagina 270). Em seguida, como o marquez de Villa Real fosse degolado, demandou a corôa sobre a successão da casa do sentenciado: perdeu a demanda. (Veja-se a *Historia Genealogica da Casa Real*, T. 2.^o, livro 3.^o pagina 521). Como lhe não rendesse nada o vampirisar nos cadaveres dos justicados, fez uns *Estatutos da Ordem de Avisem* que constituiu visitador geral das ordens militares de Portugal o presidente da Mesa da Consciencia. Ora, como elle foi toda a sua vida presidente da referida Mesa, e pelo consequente visitador vitalicio, arranjou por este engenhoso meio traças de se locupletar, pondo em almoeada as suas concessões. Eis aqui um dos noventa heroes de 1640! Quem os quizer contar leia a *Historia da Acclamaçãoetc.*, por Roque Pereira Lobo.

NOTA 5.^a

Pedro Barbosa foi assassinado em 1621, quando recolhia da Relação para sua casa, que era um palacio na Ribeira. Este palacio, depois de 1640, passou a um dos conjurados, de appellido *Noronha*, e era dos marquezes de Angeja, quando o terremoto de 1755 o alluiu. Pedro Barbosa de Luna era de Vianna do Minho.

NOTA 6.^a

O receio de que nos arguam de injusto n'esta apreciação do fundador da dynastia bragantina, obriga-nos a dar cópia exacta de um autographo, que possuímos, de D. João IV: são os apontamentos que o rei deu a Pedro Vieira da Silva como bazes do seu testamento. Quem leu o *Testamento delRey D. João IV* no tomo IV das *Provas da Historia Genealogica da casa real* por D. Antonio Caetano de Sousa, pagina 764 e seguintes, e o reputou da lavra do monarcha, tem rasão, se formar bom conceito da intelligencia do testador; quem porém vir os traços fundamentaes d'esse documento, duvidará que elle haja sido o auctor do livro de musica. Aqui está o traslado textual do testamento escripto do punho de D. João IV:

«Jesus Maria a quem emcomendo minha alma, nomeio primeiramente por herdeiro de meus Reynos, e Senhorios ao Principe D. Afonso meu filho como a quem directamente pertensem e por que elle se acha em menor idade declaro por Regente de meos Reynos e tutora de meos filhos a Raynha minha sobre todas prezada mulher; e por que ella pode morrer ainda durante amenor idade de meu filho em tal cazo podera nomear os Tutores ou Tutor Governador ou governadores para meus filhos e estes Reynos e Senhorios pello conhecimento que tem delles e de meus vaçalos e porquanto fio dela e de sua prudencia e do amor que me tem que detudo o que aentregar fara o que eu fizera por ella a nomeio por minha testamenteira e que faça pella minha alma tudo quanto a ella lhe parecer que me convém.

«Ordeno que meu corpo seja enterrado no convento de S. Vicente defora para onde se tresladarão os ossos de meu filho o Principe D. Theodozio e os de minha filha a Infanta D. Joanna para o que se faram sepulturas decentes e no dito convento se diram coatro missas cotudianas duas pella minha alma e duas pello Principe e Infanta.

«Deixo que os meus bens livres serepartão por meus filhos conforme a cada hum tocar e peço ao Principe lhe conserve as doaçoens que tenho feito, e espero delle o faça e lhe acrecente outras visto que eu por não defraudar o patrimonio Real lhas dei tão limitadas. Deixo aminha terça ao Principe mui sobre todos prezado filho e que della setirem vinte mil cruzados que a Rainha minha testamenteira repartirá em obras pias cazando orfas e donzellas e dando esmollas a viuvas e pobres e porque destes ha muitos que são meus criados mando que seião (sejam) preferidos, e porque Antonio Cabide tem de todos inteiro conhecimento a Rainha se informara delle para saber quaes são os mais benemeritos e trez nomeadamente cujos nomes dira o meu confesçor.

«De Antonio cabide tenho inteira satisfação pello modo e zello com que sempre mecervio e asim peço a Rainha sequeira servir delle no mesmo modo com que eu me cervia por que fio delle o fara com toda a satisfação, e por que muitos tempos correu com toda a minha fazenda e medeu dela inteira conta o dou por quite e livre e que este lhe cirva de quitação. Declaro que tenho huma filha por nome D. Maria de huma mulher Limpa que esta no convento de Carnide a quem deixo a comenda mayor de santhiago para a formatura da qual tenho passado decretos a mesa da consciencia e ordens e se impetrarão do Papa os breves necessarios e asim mais as villas de Torres vedras colares, e os lugares de Azinhaga, e cartaxo, que logo os faço villas com jurisdicção a parte com todas suas doaçõens de juro, e herdade sempre sojeitas a Ley mental, e porque nestas doaçõens pode aver ao diante duvida algua mando ao Príncipe meu filho lhas satisfação emquanto equivalente, e sincoenta mil cruzados para por sua casa. E porque no modo e Estado que ella ouver de tomar tive alguns intentos de que tudo sabe Antonio Cabide pesso a Raynha informada delle siga minha mesma vontade.¹³ Tenho tratado casar minha filha D. Catherina com El Rey de Franca por asim mo averem pedido Menistros daquella coroa e por que de todos estes negocios sabe a Raynha lhe pesso siga nelles meus proprios intentos.

«A Antonio Cabide dava todos os annos atitulo decerto cerviço meu das Rendas da casa de Bragança dous mil cruzados, a D. Maria minha filha mando se lhe dem na mesma forma athe tomar estado.

«Tenho satisfeito os testamentos de meus Avos principalmente tudo o que meu Senhor e Pay mandou e por que ao Morgado da Cruz conforme sua mesma instituição devo acrecentar Vinte mil cruzados de renda mando que dos meus bens se acrecentem.

«Os Reys mais que os outros homens devem dar ao mundo razão de suas acçõens. E asim digo que me restituih a estes Reynos, e Senhorios por entender o devia fazer em conceencia por livrar a meus vaçalos do dominio, e violencia estrangeira e esta razam me obrigou a fazer huma couza que poderia ser contra meu natural. A Justiça e a observancia della conserva as Monarchias máis que as armas e asim encomendo ao Príncipe meu filho siga nesta materia inviolavelmente esta acção.

«De todos meus criados tenho inteira satisfacam por me averem servido com lialdade zelo, e trabalho principalmente os officaes de minha caza, Mordo mor (Mordomo-mor) Estrebeiro mor, cappelão mor, Porteiro mor, e os mais, que aqui hei por expreços, e declarados, e peço ao Príncipe meu filho se sirva delles porque o faram como eu sempre experementey. O conde Camareiro mor do meu concelho de Estado me tem servido nesta doença como nas mais comtodo cuidado e trabalho asim mando ao Príncipe meu filho lhe faca toda a honra e Estimação que mereceo e mando se lhe entregue mil cruzados para repartir com os Mocos da camara que me cervirão nesta doença. Declaro que governei este Reyno com toda a Justiça conforme entendi e se herrei em alguma de minhas acçoens como homem foi sempre cuidadoso qual hera o melhor que se devia obrar.

«Tenho declarado a Raynha hum pessoa para Ayo do Principe que ella nomeará quando lhe parecer.

«Tenho muitos papeis tocantes ao governo d'este Reyno, e conhesimento de meus vasalos que podem servir á Raynha e ao Principe e porque da publicação delles pode rezultar perjuizo amuitas pessoas mando que o Bispo meu confessor e Antonio Cabide fassão inventario delles, e os entreguem a Rainha.

«Fuy muito corioso da minha livraria da muzica, e asim para que se conserve lhe deixo corenta mil reis todos os annos para fabrica, e mando que esteja sempre na caza em que está, e que se empetre hum breve do Papa com excumunhão reservada para que senão trezlade digo tire d'ella Livro nem papel nem se trezlade, e nomeio para Bibliotecario della a Antonio Barbosa com ceenta mil reis de ordenado, e por Ajudante a Domingos do Vale seu irmão, e faltando estas pessoas se hirão nomeando outras para sempre estes cento e corenta mil reis (que) fara a Rainha logo assentar no melhor parado da minha fazenda declarando se não tire nunca das rendas da capella.

«A minha capella mando se acabe do mesmo modo que eu tinha ordenado com Santuario Retabulo e çacrario e porque Antonio Cabide sabe o modo com que eu queria isto o deixo por superintendente desta obra.

«Tenho mandado a Holanda empremir as obras de João Soares Rabello da qual Impresão lhe faço merce rezervando para aminha Livraria vinte Livros e os outros espalhara por Italia e Castela.¹⁴

«E como na observancia da Justiça consiste a conservação do Reyno declaro que os Governadores das armas não terão nas Justiças mais jurisdicção que a que tem os capitaens de Africa. *Fim do testamento.*»

Quem estiver de pachorra confronte este modelo de supina ignorancia dos rudimentos da arte de escrever, com o estylo garrafal e engalanado do secretario de estado Pedro Vieira da Silva. E depois, se poder, acredite em D. Antonio Caetano de Sousa (*Hist. Genealog. da Casa Real*, tomo VII, pag. 240) quando lhe diz que D. João IV ditara a Antonio Cavide a maior parte ou todas as *Relaçõens* anonymas das campanhas entre Hespanha e Portugal, impressas entre 1641 e 1643, com o fim de *ter contentes os animos dos seus vassallos, e satisfeitos com os bons successos de suas armas*. O linhagista da casa de Bragança não satisfiz o seu encarcimento servil com menos de inventar um litterato no fragueiro monteador de veados em Villa Viçosa.

Convem notar que o redactor do testamento procedeu sensatamente expungindo dos regios apontamentos a clauzula de impetrar do Papa excommunhão para quem trasladasse algum livro da Bibliotheca da musica. Villão espirito e rancorosa alma que ainda almejavam sobreviver-se no2 tumulo! D'essa estupenda biblioteca, no dia 1 de novembro de 1755, não deixou o terremoto sequer um livro!

O autographo de D. João IV, aqui trasladado, pertenceu á livraria do ministro de estado Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas.

NOTA 7.^a

Remechendo com infatigavel curiosidade o archivo das memorias que ha vinte annos vamos collegindo ácêrca de filhas de bispos e outros coitos damnados, encontramos um apontamento que dillucida a obscuridade do manuscrito, e nos declara a ascendencia da menina regeitada por Domingos Leite Pereira. É o seguinte caso, salva melhor interpretação:

O infante D. Fernando, pai de el-rei D. Manuel, teve uma filha bastarda que se chamou Leonor. A rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e meia irmã d'aquella menina, levou-a para o paço, e educou-a com esmero e carinho de irmã. Sahiu a dama muito namoradeira e desatinada, com immenso dissabor da rainha, que a reprehendeu repetidas vezes inutilmente. Até que um dia, estando a cõrte em Santarem, a irmã colheu a bastarda de sobresalto galanteando da janella para a rua um cavalleiro que deu de esporas ao presentir a rainha. Travou-se altercação rija entre as duas Leonores, rompendo a bastarda no excesso de reguingar que havia de casar-se com quem muito lhe quadrasse. «Isso

não!—replicou a mulher de D. João II—hasde casar com quem eu muito bem quizer; e hade ser com o primeiro homem que passar na rua, se fôr solteiro.» N'este lance, apontou na extrema da rua um homem ordinario, de nome Alvaro Fernandes, correeiro de officio. Chamou-o a rainha, deu-lhe um dote, e ordenou ao capellão que os cazasse. Tiveram filhos. O padre Jeronymo Fernandes, de Santarem, era bisneto da tal casquilha, filha do infante D. Fernando, e irmã d'el-rei D. Manuel e tambem por tanto bisneto do tal Fernandes correeiro. O padre allegou e provou a Philippe II que era terceiro neto do infante D. Fernando, e obteve a mitra do Funchal. Este devia ser avô da noiva regeitada.

NOTA 8.^a

A rua dos Tanoeiros ou Tanoaria principiava ao pé do Paço da Côrte Real, e seguia até ao Arco do Ouro junto ao Terreiro do Paço. N'esta rua se arruavam os tanoeiros em 1318, em numero de quinze. Quanto ao *Sancto Antonio de frei Bartholomeu dos Martyres*, sabe-se o seguinte para explicar o texto: em casa humilde nasceu n'esta rua o veneravel arcebispo de Braga frei Bartholomeu dos Martyres; e na fachada da casa onde nasceu, ainda antes de 1755 havia um nicho com a imagem de Santo Antonio que o arcebispo, quando estudantinho, fizera com um canivete. Este Santo Antonio era festejado todos os annos á custa dos devotos da rua, e conservou sempre lampadario acceso, de noite e dia, porque toda a freguezia dos Martyres se apegava com o milagroso Sancto nas suas necessidades.

NOTA 9.^a

É notavel este factio omissio pelos historiadores, esquecido na tradição, e consignado nas *Memorias* colligidas por *Diogo de Paiva de Andrade*. «D. Rodrigo da Camara, terceiro conde de Villa Franca, foi preso por culpas de sedomia na inquisição de Lisboa, sendo inquisidor geral o bispo da Guarda D. Francisco de Castro. Não faltou quem dissesse que a soberba de um ministro d'aquelle tribunal o culpára ao conde sem causa; porque tratando o conde de amores uma parenta do dito ministro, este o avisára que cazasse com ella; e, tendo em resposta que só para amiga lhe podia servir, lhe castigára o dito com um testemunho. Houve votos de que sahisse publicamente na procissão do *Auto da fé*; porém, o principe D. Theodosio embaraçou isto dizendo a D. Francisco de Castro que, se não mudasse de proposito, deitaria fogo á Inquisição; do que, sentido o bispo, se travaram de razões, e estas se atearam por maneira que o principe lhe deu de bofetadas. O certo é que o conde não veiu a publico, e sahiu em acto particular na sala da Inquisição. Disse-se que o principe era muito avesso ás baixas manhas do inquisidor, e não aprovava que el-rei seu pae honrasse com a prelazia o denunciador dos máus portuguezes que padeceram em 1641.»

D'este principe D. Theodosio que dava bofetadas no Inquisidor-geral formou o nosso amigo Pinheiro Chagas, na sua valiosissima *Historia de Portugal* (tomo VI, pagina 110) conceito muito mais ameno, quando escreveu: «mancebo asctico, melancolico e fanatico... dirigindo os seus estudos em sentido mystico, etc.». Se Diogo de Paiva não desfazia no genio pacifico do primogenito de D. João IV, a cara do inquisidor-geral, bispo da Guarda, protesta contra o asctico fanatismo do principe; e já o arcebispo de Lisboa protestaria tambem quando o futuro rei lhe fez chacota da magreza, dizendo-lhe que *só um embalsamado podia trazer-lhe a noticia de que elle seria principe do outro mundo*, referindo-se ao Brazil. Era mais *calemburista* que asceta o irmão de Affonso VI, quer-nos parecer.

NOTA 10.^a

O palacio dos duques de Aveiro que tambem foram depois marqueses de Gouveia, foi mandado em 1758 arrazar em Belem, em seguimento ao supplicio de D. José Mascarenhas. O marquez D. Manrique da Silva, cujo secretario foi Domingos Leite, era quarto avô do ultimo duque de Aveiro, e habitou o palacio de Pedroços, no local onde ainda hoje se vê afogado em cazinholas um padrão commemorativo do delicto.

NOTA 11.^a

«D. Maria de Castello Branco, filha de D. João de Castello Branco, alcaide-mór da villa de seu appellido, cazou com Fernão Cabral, alcaide-mór de Belmonte. Apaixonou-se esta dama por um clerigo com tanta loucura, que trocou em odio o amor conjugal, e persuadiu o dito clerigo que lhe matasse o marido. Descobriu-se o crime e a aleivosia, e por elle foi sentenciada a morrer morte natural por justiça sem lhe valer a grandeza do nascimento, nem a valia de seus muitos e illustres parentes». *Memorias de Diogo de Paiva de Andrade*.

Não marca Diogo de Paiva o tempo d'este successo; mas conjecturamol-o no meado do seculo XV, reinando D. João II. Este Fernão Cabral, que levou a mulher ao patibulo, era quinto neto de Alvaro Gil Cabral, que el-rei D. João I fizera alcaide-mór de Azurara. Computando o lapso das gerações poderão os curiosos, favorecidos por algum linhagista menos indulgente, determinar a época da tragedia. D. Maria era neta do almirante Nuno Vaz Castello Branco, e bisneta por sua avô paterna de Micer Antão Peçanha, almirante, que viveu no começo do reinado de D. Affonso V. De um dos filhos d'esta senhora decapitada procedeu Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil.

NOTA 12.^a

Estas miudesas do meu *M. S.* são corroboradas com a seguinte noticia extractada das *Memorias de Diogo de Paiva de Andrade*: «Vicencia Correia, chamada depois *Dona* Vicencia, foi filha de uma grande alcayota e bebedea, chamada Barbara, que morou na rua dos Cabides em Lisboa, reinando el-rei D. Sebastião, e tão perita no seu officio que o exercitava com destreza esquisita. Os seus primeiros annos passou bem divertida por industria da mãe e habilidade propria, e vivendo de mancebia com um fulano Cunha, teve d'elle um filho chamado Roque, e d'outro fulano Pereira teve uma filha chamada Marianna. Mudou depois de amorios com Francisco Leitão, com o qual casou; e este fazia tanta estimação da sogra, da mulher e da enteada, que todos viviam junctos, comiam á mesma mesa; e morrendo a enteada, que quiz casar com o porteiro que então era do Juizo de India e Mina e elle não quiz, tomou lucto publico. Servia n'este tempo Francisco Leitão de Juiz de India e Mina. Foi depois (por valias, e não por merecimentos, por ser homem de poucas letras, falto de honra e atraído) fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, desembargador do Paço, do conselho de Portugal em Madrid, e lá teve grandes estimações, e a mulher, que era visitada dos grandes e senhores da corte. E da mesma sorte o foi n'este reino, onde o nosso D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, bem conhecido pela sua litteratura, visitava D. Vicencia, e a presenteava.»

Acho noticia d'este marido de D. Vicencia em um dos papeis que appareceram em Madrid, por 1637, assignados pelo *Manuelinho de Evora*, que symbolisava o espirito revolucionario de Portugal. Como peça desconhecida, extrahimos o mais curioso d'ella. É uma satyra intitulada *Quadras que se mandaram a Sua Magestade para uma sala de bom retiro*. Figuram Philippe IV, as damas da corte, Diogo Soares, Miguel de Vasconcellos, Francisco Leitão,¹⁵ o conde do Prado e Thomaz Dibio, o marquez de la Puebla, D. Jorge Mascarenhas, D. Antonio de Athaide, Mathias de Albuquerque e o conde da Vidigueira. Aqui se deparam ao leitor alguns nomes e appellidos que, rodados poucos annos, realçam em

Portugal pela sua dedicação.

Diogo Soares tem um livro na mão com esta letra:

*Este livro ensina os modos
De roubar os povos todos.*

Miguel de Vasconcellos revê-se em uma taça de vinho com esta letra:

*Nos bofes fel e vergonha;
E em ser ladrão atrevido
Sahi a meu pai cuspido.*

Vai Francisco Leitão com esta letra:

*Nasci de quem nasci,
Cazei com quem cazei,
E o prazo renovei*

E á margem: *Filius meretricis.*

Vae o conde do Prado e diz este mote:

*A missa ouço em S. Roque,
Beijo o chão antes que acabe,
A tenção só Deus a sabe.*

Thomaz Dibio glosa-lhe o mote:

*As palavras são de um sancto;
Mas as obras joeiradas
São malicias refinadas.*

O marquez de la Puebla é pintado a espreitar por uma porta com este mote:

*Desterrado y ocioso,
Miro solo la destresa
Con que hurta su Altesa.*

E diz D. Jorge de Mascarenhas:

*Com capa de zelo vosso
Muito dinheiro ajuntei,
Sem elle e sem vós fiquei*

Mathias de Albuquerque, Jorge de Athaide, e o conde da Vidigueira, em camisa com uma vela na mão, tem esta letra de D. Antonio:

*Mentir, calar, e fingir
Verbos de que tenho usado
Me pozeram n'este estado.*

O mote de Mathias de Albuquerque diz:

*Sem tiro e golpe de espada
A Pernambuco larguei,
São e rico me fiquei.*

Mote do conde da Vidigueira:

*Estes como eu fugiram,
E escaparam por taes modos,
Que eu vim a pagar por todos.*

Diz o bispo do Porto:

*Sou de geração humilde;
Mas mui sagaz e astuto
Com duas pedras de p...*

Tem ementa á margem da trova, cuja ultima palavra é um *calemburgo* que finge estar no tempo presente, modo indicativo do verbo *deputar*. Diz a glossa: *Este bispo, n'este anno, fez tudo aquillo que quiz, pondo e dispondo á sua vontade.*

Em livro mais de molde a demoradas exumações historicas, darei ao leitor curiosa e ampliada noticia d'este prelado, definido pelo *Manuelinho de Evora*.

A nota, que já se vae delongando, não é despecienda como amostra do genero tão fallado como desconhecido que usaram os fermentadores da restauração, a despeito da espionagem que rastreava os audacissimos secretarios do *Manuelinho*.

NOTA 18.^a

Provavelmente, n'este anno de 1647, já Philippe IV e os seus ministros conheciam o timido animo do rei de Portugal, que mais covardemente se manifestou em 1650, depois da paz de Westphalia. N'este anno, pois, encarregou D. João IV o padre Antonio Vieira de negociar desde Roma o casamento do principe D. Theodosio com a infanta de Hespanha, dando esse enlace como caução unica e segura á fuzão iberica; por quanto, não tendo Philippe IV filho varão, áquelle tempo, succediam no throno de Portugal o principe portuguez e a princeza hespanhola; acontecendo, porém, a superveniencia de filho varão, reinariam em distinctos reinos, com alliança offensiva e defensiva. Além d'isso, dado que o rei de Hespanha teimasse em negar a legitimidade de D. João IV, este abdicaria no filho e na infanta. O padre Vieira

tractou o negocio com os jesuitas castelhanos, em Roma, resalvando que Lisboa se constituísse a capital dos dois reinos fundidos em uma monarchia grandiosa. A proposta abjecta foi desprezada em Madrid. D. João IV, dando assim o pulso ao exame do poderoso inimigo, revelava quão depauperado lhe girava o sangue nas veias. E pelo que respeitava ao jesuita medianeiro de tamanha protervia, teve de fugir de Roma onde o espiavam os sicarios do embaixador hespanhol. Judiciosamente escreve o sr. Manuel Pinheiro Chagas, relatando os pormenores d'este vilipendio: «Lembraremos ao leitor que n'isto se prova que se, depois da restauração de Portugal, houve algum traidor que, por interesses pessoais ou de familia, projectasse vender á Hespanha a independencia da patria, esse traidor foi... D. João IV.» *Historia de Portugal*, tomo 6, pagina 106 e seguintes.

NOTA 19.^a

Narra fr. Claudio da Conceição, nomeando os filhos de D. João IV: «Teve fóra do matrimonio a senhora D. Maria, nascida a 31 de abril de 1644, de uma senhora limpa de sangue, que entrando depois no convento de Chellas professou a vida religiosa. Educada em casa do secretario de Estado Antonio de Cavide, entrou a 25 de março de 1650 no Mosteiro de Sancta Thereza de Jesus, das Carmelitas Descalças de Carnide, por ordem de el-rei seu pae a receber as instrucções da Madre Michaela Margarida de Sancta Anna, filha do imperador Mathias, e parenta do mesmo senhor rei D. João IV,¹⁶ fundadora do dito mosteiro de Carnide em 1612, sendo vinte e dois annos successivos priora. Estimou el-rei muito esta filha, o que assás prova a seguinte carta que lhe escreveu antes de morrer: «*Minha filha, foi Deus servido que a primeira vez que tendes carta minha, seja despedindo-me de vós, dando-vos a minha benção acompanhada de Deus que fique convosco, e lembrai-vos sempre de mim como eu o fio de vós. Escripta em Lisboa a 4 de novembro de 1656. Vosso pai, que fica com grande sentimento de vos não vê.*» (Traslada os legados do rei á filha; segue uma carta de D. Pedro, regente, á irmã; e prosegue na edificante biographia da virtuosa senhora). «A rainha D. Maria Francisca a foi visitar a Carnide, e lhe fez grandes honras merendando no seu apozeno. A côrte lhe dava o tratamento de Alteza. Viveu sempre n'este mosteiro em habito de religiosa, ainda que era de materia mais fina. Propondo-se-lhe para esposo o duque de Cadaval com approvação regia, respondeu: que não sahiria da clausura senão em postas a tomar outro esposo, pois que já o tinha ha muito tempo»... Depois d'outros lanços assim piedosos, remata fr. Claudio: «Falleceu recebendo todos os sacramentos com summa edificação a 7 de fevereiro de 1693 quando contava quarenta e nove annos de idade» *Gabinete Historico, Tomo IV, pag. 214 e seg.* Da mãe de D. Maria não houve frade nem chronista que sequer nos contasse como lá se foi derretendo em lagrimas a vida da freira que o rei dera como esposa a Jesus, depois de se enfiar d'ella como barregan.

NOTA 20.^a

«O sr. rei D. João IV... vendo um dia meu pai que tinha a honra de ser seu trinchante mor com um Porpoint guarnecido com uma rendilha de prata, lhe disse: *vindes mui bizarro D. Antonio!; mas nunca fui tão rico que podesse ter outro similhante.* E assim era, porque sempre se vestiu de estamena... E mandou que nenhum (vassallo) viesse ao Paço com os seus cabellos, por que elle os não conservava, e todos se tosquiaram». *Carta de Luiz da Cunha ao Principe D. José.*

NOTA 21.^a

Esta allusão epigrammatica do christão novo requer illucidação necessaria aos leitores descuriosos de genealogias. No reinado d'el-rei D. Manoel veio a Portugal um rico mercador genovez, chamado João Francisco de Lafeta ou Lafeté. De amores com uma fidalga de nome Guiomar Freire, teve um filho illegitimo, e tambem teve uma cutilada legitima na cara, com que o brindou um parente da senhora namorada, e teve ainda outro filho de uma Judia fanqueira de Setubal, chamada Branca de Castro. É indeciso nos linhagistas se o successor de João Francisco era filho da fidalga, se da judia. É certo que o seu successor Agostinho de Lafeta administrou o vinculo que seu pai instituiria, foi trinchante de el-rei D. João III, e casou com D. Maria de Tavora, filha de Ruy Lourenço de Tavora. Deste matrimonio nasceram dois filhos: João e Cosme. O primeiro casou com D. Antonia de Mello filha de Ruy Gomes de Azevedo, alcaide mor de Alemquer; o segundo casou na India com a filha de um advogado que lá chamavam por alcunha o *conde da barba rapada*. Os filhos d'este assignaram-se Tavoras, e os do segundo Lafetas. Emquanto o pae, cazando segunda vez com uma filha de Manuel de Mello, eivava de judaismo e melhor sangue ostrogodo, um filho de João Lafeta cazava com D. Maria de Vilhena, filha de Henriques Jacques de Magalhães, e D. Violante de Vilhena. D'este consorcio, procederam Christovão de Lafeta, que casou com sua prima D. Brites da Silva, filha do primeiro visconde de Fonte Arcada, e D. Violante de Vilhena que casou com Gonçalo Garcez Palha. D'estas ultimas alianças por diante, o appellido Lafeta é absorvido nos mais illustres das raças historicas, por modo que, no dizer de um genealogico de inexoravel critica, apenas haverá em Portugal trez familias tradicionaes que não estejam inquinadas do judaismo dos Lafetas genovezes, e da Branca de Castro, fanqueira de Setubal. Que lhes preste.

NOTA 22.^a

«Bem poderia referir outras muitas precauções que este principe (D. João IV) tomava para não ser enganado pelos seus ministros; e comtudo, conhecendo elle a innocencia de Francisco de Lucena, seu secretario de estado, o deixou condemnar á morte, porque os fidalgos o fizeram passar por traidor, não podendo soffrer que elle lhe aconselhasse que lhes não devia alguma obrigação em lhe porem a côroa na cabeça, pois lhe era devida, afim de que se não julgassem credores de grandes recompensas. Os descendentes d'este ministro justificaram depois de muitos annos a sua innocencia, e sua magestade lhes veiu a restituir as honras e os bens, em que eu tive alguma parte estando em Madrid.» *Carta de D. Luiz da Cunha ao Principe D. José.* Esta carta muito notavel e pouco lida, publicou-a Antonio Lourenço Caminha em 1821, sob o titulo: *Obras ineditas do grande exemplar da sciencia do estado D. Luiz da Cunha, etc.* Observa avisadamente o erudito sr. Innocencio Francisco da Silva que *escaparam na edição numerosissimos erros que ás vezes transtornam o sentido e intelligencia dos periodos.* É exactissima a censura. Possui a mesma carta manuscripta, trasladada pelo academico Foyos, e que envergonha as incurias do editor da impressa.

O que raras pessoas terão visto sem lhe saberem a procedencia, é a peça explicativa do odio dos fidalgos, que acclamaram D. João IV, ao secretario de estado Francisco de Lucena. Encontrei-a entre os manuscriptos ineditos do chantre Manuel Severim de Faria (1583-1655). Intitula-se: *Carta de parabens, advertencias, avisos e conselhos que se suppõem e figura escrever do outro mundo o duque de Bragança D. Theodosio a seu filho o sr. D. João o Quarto, logo depois que pela lealdade da patria foi acclamado legitimo Senhor e Rey de Portugal.* É attribuida a Francisco de Lucena, e escripta em 1641. Trasladamos os conselhos do pae ao filho, ou antes do ministro ao principe: «...Resta que vos faças tambem temer e respeitar dos maiores fidalgos, que, como vos viram nascer vassallo, e elles, por portuguezes, são invejosos e soberbos, mais com rigor e medo se sujeitam que com amor e brandura; e assim a vossa affabilidade com que os trataes, a vossa facilidade com que os admittis e ouvis, a confiança com que de ordinario comeis perante elles, o trage inferior de que, por dardes exemplo, vos vestis, tudo isto os faz a elles peores, mais ousados, menos comedidos.

Filho, não é ainda tempo d'isto; virá ao diante, em que isto se vos estimará muito. Agora, o que n'este particular fazeis, tão fóra está de se vos gabar e estimar, que antes lhes serve de o motejarem uns com outros, attribuindo tudo a faltas naturaes, e que são avisos divinos, ao diante lhe virão assim a parecer.

«Até agora, filho, lidastes com vassallos que sempre foram vossos; agora lidaes com os que ha só dois mezes que o são. Não vos hajais com elles como se sempre o foram, comei raras vezes em publico para que se estime quando o fizerdes. Ouvi a todos que quizerem requerer deante de vós; mas não converseis com nenhum, para que, quando n'esta materia lhes fizerdes algum favor, o tenham por mercê.

«Olhai, Filho, que, como muitos d'esses fidalgos riram e folgaram comvosco sendo duque, com pouco azo que lhes deis, vos perderão o respeito devido como a Rey; e, se assim fôr, dai-vos por acabado, porque a principal guarda das coroas e sceptros é o respeito... A este fim vos digo que n'estes principios não soffrais nem dissimuleis aos fidalgos mais poderosos serem desmandados contra a vossa real pessoa, e contra a lealdade que vos devem: lembre-vos que o dissimular estes crimes é dar ousadia a maiores.

«Para os enfreades ponde ferro em fogo em quem o merecer, e com o castigo de dois se emendarão os mais, e com o dissimulardeis com elles todos se acabarão de damnar, porque os mais não vos hão de guardar e defender; e mais certo é que vos hão de vender e trahir, e, se poderem, matar».

Assim predispunha o secretario das mercês o animo do rei contra os conjurados de 1641; e relevantemente se mostrou servicial, collaborando com o carrasco, pois que emprestou para a degolgação dos fidalgos o cutello que trouxera de Madrid, por haver sido com elle decapitado D. Rodrigo Calderon.

NOTA 23.^a

Isto de ser agarrado pelas costas o duque de Vizeu, quando o Luiz XI portuguez o esfaqueou, não se vislumbra da historia, porque a historia dos governos monarchicos tem sempre sido escripta de joelhos sobre os estrados dos thronos. De feito, D. João II, quando resolveu matar o duque guarda-roupa das casas de Nuno da Cunha em Setubal, convidou trez homens *para testemunhas* do feito: Diogo de Azambuja, Lopo Mendes do Rio, e D. Pedro d'Eça, alcaide de Moura. Este ultimo era um dos mais valentes homens de Portugal. D'elle diz Diogo de Paiva de Andrade, nas suas *Memorias: foy um Fidalgo a quem a natureza dotou de muito animo e grandes forças, e por isto El-Rey D. João II o escolheu quando quiz matar a D. Diogo, Duque de Vizeu a quem abraçou por detraz*. Eis aqui a singular missão da *testemunha!*

E, como prova da coragem de D. Pedro d'Eça e dos medianos espiritos do covarde matador do duque, refere Diogo de Paiva um bonito lance: Acontecendo em Moura matarem um homem uns criados seus (do alcaide) foram-se dois irmãos do morto queixar a El-Rey, e disseram-lhe que D. Pedro lh'o mandára. Pelo que, El-Rey o mandou vir á côrte, e esteve n'ella mais de dois annos, posto que, tirada a devassa, o não acharam culpado. Enfadado D. Pedro, disse a El-Rey, que pois sua Alteza não queria crêr que elle não tinha culpa na morte do homem, e os que o accusavam eram dois, que lhe fizesse mercê de lhe mandar dar campo com ambos, para assim se purificar: do que, agastando-se El-Rey lhe disse: «que tomára elle ser um dos dois». E D. Pedro lhe respondeu: «Não fôra Vossa Alteza meu Rey, e fosse com elles o terceiro».

NOTA 24.^a

Não é impertinente a noticia do processo de empeçonhar as balas. Aceitemol-a do livro inedito de um Mestre de Campo do exercito de D. Pedro II: «Tomarão licotomum, que he outra casta de aconito ou de Rozalgar (não alteramos a orthographia do texto) e Napello, dos quais espremerão o sumo com hua empresa, que se receberá em hua vazilha de vidro, precatando-se de não lhe tocar com as mãos, a qual vazilha será exposta ao sol no mez de julho por espaço de 30 dias, recolhendo-a todas as tardes ao por do sol em hua cestinha coberta e guardada em logar calido, izento de todo cheiro forte, como de alhos ou cebollas, por os tais lhe embotarem a força; e ó outro dia ao sair do sol se torne a expor n'ella a vazilha até que o sumo se engrosse a modo de unguento que será pouco mais ou menos ao cabo do tempo dito; advertindo que na madrugada, antes que se tire a vazilha do cesto, para a expôr ao sol, hão de descobrir o sesto desviando-a d'elle, e o deixarão assim aberto por espaço de boa meia hora, antes de pegar na vazilha, e á tarde, antes de a arrecadar no sesto a cobriram com alguma cousa, o corpo mais desviado que poder ser. Despois tomaram trez ou quatro Rubetos que são sapos de sylvas grandes, e cheios de nodoas de varias côres, muito peçonhentos, e tanto mais o serão quando sejam apanhados em logares sombrios e frios como nos paues cheios de palha tabua. Estes serão metidos em uma vasilha de cobre de fundo redondo, capaz de os receber commodamente, com sua tapadoura que venha justamente com a boca da vazilha, que terá uma azêlha por cima pela qual poderá entrar a ponta de hua aste para delonge a poderem descobrir; ao lado da vazilha hum pouco por cima do seu fundo haverá huas cavas em forma de hua meia laranja, situado em modo de Bebedouros de Gayolas, e no meio do fundo da vazilha haverá hua fença ou abertura estreita que dará em hum segundo fundo, do mesmo metal, a modo de funil. As ditas covas a modo de Bebedouros, se encherão de oleo de Escorpião; feito o que, os sapos se meterão na vazilha que será bem e justamente coberta com sua tapadoura e assentada sobre hua trenpe, em modo que a ponta do funil do segundo fundo dê em a bocca de hua garrafa de vidro, assentada em hua tigella de agua fria, e a coisa assim desposta se fará hua cama em redondo de ladrilhos da altura da trempe que a cercará toda ao redor, na largura de dois palmos até dois palmos e meio, em cima da qual se accenderá um fogo de roda brando e moderado de carvoens afastados da vazilha um palmo, mediante o que a vazilha irá aquecendo pouco e pouco, dentro da qual os sapos sentindo a quentura não acostumada, de sequiosos e suados, arremetterão a beber o oleo de Escorpião dos Bebedouros, que lhes fará bomitar toda a peçonha que dentro em si tiverem, a qual, cahindo pela abertura do fundo da vazilha no segundo fundo do funil, e deste á garrafa, continuará o fogo, no mesmo estado por espaço de 4 a 5 horas, e assim o deixarão athe o outro dia, em o qual, querendo abrir a vazilha, terão em sentido virar as costas da parte do vento, e com hua vara ou aste hum pouco comprida, que passará pela azelha da tapadoura, desviando se o corpo da vazilha, o mais que poder, a destaparão e deixarão assim aberta por espaço de outras 4 ou 5 horas, ao cabo das quaes seguramente se poderão chegar á vazilha, e recolher o veneno da garrafa, ao qual se poderá ajuntar o sumo das ervas dos aconitos dantes exprimidos, e juntamente anemona, sicuta, meimendro, mendragora, malla insana, berengella, pés de ganços de todas as castas, ranunculos, erva Moura, arsenico branco, e cerebros de rato e de gato».

É de reccar que o leitor desconfie da capacidade d'este sugeito que mandava hervar as balas com succos de pés de ganço e miolos de gato e rato! Saiba, pois, que o auctor da receita foi um militar de elevada patente que exerceu em Portugal no reinado de D. Pedro II cargos importantissimos na guerra. Possui com grande estimação dois manuscriptos ineditos de Miguel de Lescolle, que assim se chamava o Mestre de Campo. Um, é este de que trasladamos o processo de hervar as balas, e intitula-se: Recopillação de alguns fogos artificiaes, para offensa e defesa de praças, e embarcações, e de alguns outros para as alegrias e recreaçoens feitos pelo Mestre de Campo Miguel de Lescolle. O outro

manuscripto, de primoroso calligrapho do começo do seculo XVIII, é: *Liçoens de Artelharia recopiladas e feitas por Miguel de Lescolle, Mestre de Campo intertenido na Provincia de Entre Douro e Minho, a cujo cargo está a conservação do trem de Artelharia, Armas e Muniçoens d'ella, e as fortificaçoens das Praças de sua fronteira por mandado do snr. Marquez das Minas, dos Conselhos de Sua Alteza, Mestre de Campo general, e Governador das Armas da mesma provincia.*

Um homem d'este vulto, se acreditava na peçonha dos pés de ganço e do cerebro dos ratos, é porque realmente, n'aquelles dias, a toxicologia era mais investigada que hoje.

NOTA FINAL

As pessoas lidas na historia patria estão affeitas a encontrar, n'este caso da tentativa de morte contra D. João IV, que houve um denunciante de Domingos Leite, chamado *Manoel da Cunha*, e não *Roque da Cunha*, como eu o denomino. Arguem-me pois de inventar nomes desnecessarios á novella com agravo da historia. É injustiça que me fazem. Todos os historiadores que o leitor conhece o enganaram involuntariamente ou por negligencia de quem fiou de mais nos seus antecessores e guias. Tenho presentes o conde da Ericeira, (*Portugal restaurado*) Fr. Claudio da Conceição, (*Gabinete historico*) D. Antonio Caetano de Sousa (*Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*), Roque Ferreira Lobo, (*Historia da aclamação de D. João IV*) Ferdinand Denis, (*Portugal Pittoresco*) João Baptista de Castro, (*Mappa de Portugal*) o sr. Viale, (*Resumo da historia de Portugal*) e melhor que todos o sr. Manuel Pinheiro Chagas, (*Historia de Portugal*). Dizem todos invariavelmente que o delactor de Domingos Leite era *Manuel Roque*, porque todos invariavelmente se guiaram pelo conde da Ericeira, que escrevia 32 annos depois do successo. O mais curial seria averiguar nos escriptores coevos, e nomeadamente as relações escriptas no mesmo anno de 1647. O investigador laborioso encontraria, ácerca d'este assumpto, afóra a citada noticia de *Fr. Francisco Brandão* impressa em 1647, duas mais do mesmo anno, uma de *Antonio de Sousa de Macedo*, e outra de *D. Francisco Manuel de Mello*. São duas peças declamatorias: rethorica em barda, e muita pobreza de particularidades. O documento mais precioso é do chronista-mór do reino. O conde da Ericeira não o leu; que farte revela ignorancia dos elementos que o deviam esclarecer. Diz que Domingos Leite Pereira era de Lisboa, e de familia distincta. Quanto a ser de Lisboa, claramente contradiz a affirmativa do escriptor coetaneo que o faz de Guimarães n'este trecho da sua relação: *Foi o executor da maquina... Domingos Leite Pereira indigno de haver nascido na nobre e leal villa de Guimarães, que sempre abominará tão monstruoso aborto*. E em outra passagem, já referida no texto, nos conta que Domingos Leite, da primeira vez que viera de Castella a Lisboa, fôra procurado em Guimarães. Pelo que respeita ao nome do traidor, em varios lanços o nomeia *Roque da Cunha*, e em um d'elles, por signál, a critica de Brandão desmerece grandemente dos creditos alcançados n'outros escriptos. Senão, vejam: *Dia de S. Roque, a 21 de agosto, se executou a sentença no delinquente, e o ser Roque da Cunha o companheiro que o entregou á justiça, faz crível que por ser este Sancto um dos tutelares do reino, escolhido pelo sr. rei D. João III, de que na capella real ha particular confraria, accudiu á vingança merecida contra os legitimos reis d'esta corôa*.

FIM DAS NOTAS

¹ O pai d'estes fidalgos, tão acceitos a D. João IV, foi D. João da Silva, conde de Portalegre parcialissimo de Philippe 2.^o de Hespanha, como filho que era de castelhano, contra D. Antonio Prior do Crato, e contra D. Catharina, duqueza de Bragança. É esse mesmo o auctor *Dell'unione del regno de Portogallo alla corona di Castiglia*, publicado com o pseudonimo de *Conestaggio*. Não admira que os filhos de tão faccioso castelhano se não bandeassem com os patriotas de 1640; espanta, porém, que D. João IV os chamasse ao seu despacho.

² Escuso dizer ao leitor que todas estas ruas e bêcos desappareceram no terremoto de 1755. Ha memoria d'ellas em João Baptista de Castro (*Mappa de Portugal*) e outros topographos de Lisboa.

³ O sr. M. Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, tomo 6, pag. 291, e o sr. A. José Viale no *Novo epitome da Historia de Portugal* pag. 158. Veja *Monstruosidades do tempo e da fortuna* por fr. Alexandre da Paixão, Ms. da Bibliotheca do Porto—e Vida de Affonso VI escripta no anno 1684, Porto, 1873.

⁴ *Port. Rest.* T. 2. pag. 906.

⁵ O tratamento de *senhoria* foi juridico para as donas, moças da camara e açafatas, por alvará de 17 de maio de 1777, quando já de antes a *excellencia* era o tratamento usual. Na côrte de D. João IV, a lisonja e a urbanidade não hesitariam tratar de senhoria as açafatas, e as amantes do rei em perspectiva.

⁶ Carta ao principe D. José.

⁷ Em *Nota* que hade ser posta como confirmação d'estas miudezas verá o leitor que não tem rasão para se maravilhar da omissão dos historiadores, salvo se lhe não é desconhecido um opusculo de fr. Francisco Brandão, chronista-mór do reino, opusculo publicado anonymamente em 1647, com este titulo: *Relação do assassinio intentado por Castella contra a Magestade d'el-rei D. João IV, nosso Senhor, e impedido miraculosamente*.

⁸ Os secretarios de estado tiveram *excellencia* de juri desde a lei de 29 de janeiro de 1739. Os mordomos-móres já recebiam *excellencia* no tempo de D. João IV. Em 1648 o padre Antonio Vieira tractava de *vossa-mercê* em cartas o secretario de estado Pedro Vieira da Motta.

⁹ Relação do assassinio intentado por Castella contra a Magestade d'el-rei D. João IV, nosso Senhor e impedido miraculosamente. Lisboa 1647.

¹⁰ *Relação do assassinio intentado por Castella contra a Magestade de El-rei D. João IV nosso Senhor, e impedido miraculosamente*. Lisboa, 1647.

¹¹ *Obra citada*.

¹² Ao meu erudito amigo, o sr. Innocencio Francisco da Silva devo o favor do traslado, cuja orthographia se transcreve fielmente.

¹³ O sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, escriptor tão elegante quanto vernaculo, no seu estimavel livro intitulado: *LES CONTEMPORAINS*, etc. a pag. 549 nos dá noticia de outro filho, bastardo de D. João IV, nos seguintes termos: *Un document officiel passé par le Rei d'Armas Portugal á la famille des Braganças de Cette, gentilshommes de la province du Minho, pour leur permettre de porter les armoiries du duc D. Alphonse I., donne á Jean IV un autre fils illegitime, non reconnu, appellé Alphonse Fayão, qui fut cure (abbade) de Baltar. Nous avons lu ce document qui constate l'origine de cette famille, la seule en Portugal qui porte le nom de*

Bragance. Le dernier descendant est M. Emmanuel Leite de Bragança Correia. Sousa dans l'histoire de la maison royale ne fait point mention de ce fils de Jean IV; mais le document officiel est positif á cet égard.

Até aqui o nosso eminente escriptor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

O representante d'esse filho illegitimo de D. João IV, o sr. Manoel Leite de Bragança Correia, é actualmente... administrador do correio de Felgueiras. Não nos parece que esteja dignamente collocado este fidalgo tão consanguineo do sr. D. Luiz I. Aviso aos seus reaes parentes. A direcção do correio de Felgueiras deve render 480 réis por dia.

¹⁴ Tinha escripto, antes de Italia, França, que riscou.

¹⁵ Não se confunda com Francisco de Andrade Leitão desembargador do Paço, que fez o discurso da aclamação de D. João IV.

¹⁶ Este imperador da Allemanha havia morrido em 1619, depois de ter abdicado em seu primo Fernando, quando o imperio era dilacerado pelos turcos e pela revolta dos bohemios. Presumimos que a freira de Carnide fosse filha illegitima do imperador, porque, á mingua de legitimos, abdicára no primo.

Notas de transcrição:

Na edição original as notas 13 a 17 no fim do livro não aparecem;

A formatação das notas no final do livro foi normalizada;

No corpo do livro as notas 5 a 8 estavam mal identificadas, tendo sido corrigidas nesta transcrição.

Na nota 6.^a perto do final aparecia erradamente 1 de *setembro* de 1755 como a data do grande terremoto. Foi corrigida a data para 1 de *novembro* de 1755.

As erros apontados na errata contida no final do livro (transcrita abaixo) foram corrigidos nesta transcrição.

ERRATAS

Pagina 38, linha 22, onde se lê: sua *estola*, leia-se: sua *estofa*.

» 41, linha 9, onde se lê: *o cauteloso*, leia-se: *como cauteloso*.

» 53, linhas 14 e 15, onde se lê: *um feito, que*, leia-se *a um tal feito; que*.

» 81, linha 8, onde se lê: nos *traz*, leia-se: nos *trazem*.

» 123, linha 25, onde se lê: *corfirmou*, leia-se: *confirmou*.

» 161, linha 31, onde se lê: *cavalgamos a noite*, leia-se: *cavalgamos á noite*.

» 186, linha 28, onde se lê: elle *tremia* e tremia, leia-se elle *temia* e tremia.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O REGICIDA ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may

demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses.

Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.